

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PPGL**

BRUNA KELLEN ALMEIDA TAVARES

**O COMPORTAMENTO DA VOGAL TÔNICA POSTERIOR MÉDIA FECHADA /o/
E DAS VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ NO FALAR MANAUARA**

MANAUS
2019

BRUNA KELLEN ALMEIDA TAVARES

**O COMPORTAMENTO DA VOGAL TÔNICA POSTERIOR MÉDIA FECHADA /o/
E DAS VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ NO FALAR MANAUARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos de Linguagem, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso.

MANAUS
2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T231c Tavares, Bruna Kellen Almeida
O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ no falar manauara / Bruna Kellen Almeida Tavares. 2019
140 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Dialectologia. 2. vogais . 3. pretônicas. 4. tônicas. 5. fonética-fonologia. I. Cruz-Cardoso, Maria Luiza de Carvalho II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Bruna Kellen Almeida Tavares

“O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/, no falar manauara”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 28 de agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Maria Luiza Cruz Cardoso

Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso – **Orientadora**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Flávia Santos Martins

Profa. Dra. Flávia Santos Martins – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Mateus Coimbra de Oliveira

Prof. Dr. Mateus de Oliveira Coimbra – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Maria Sandra Campos – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Jesus, por ter me dado saúde e sabedoria para superar as dificuldades, pelo seu infinito, perene e ousado amor, sem Ele não estaria aqui, não teria concluído este trabalho, quando nos momentos de procrastinação, desânimo e ansiedade, me recuperou. *Tudo é dEle, por Ele e para Ele e até aqui me ajudou.*

À minha família, à minha mãe pelas orações em cada parte do processo da minha vida acadêmica, pois sempre acreditei que oração de mãe é poderosa e ao meu pai Luiz Ricardo (in memoriam) sinto sua falta hoje e sinto mais por não se fazer mais presente para compartilhar comigo a conclusão deste trabalho, contribuiu muito para o início da minha vida acadêmica, eu disse a ele que aquele pequeno esforço valeria a pena um dia.

Aos meus irmãos, principalmente, ao Randell e Rhanya, que me motivaram, acreditaram e me ouviram, incansavelmente, falar sobre este trabalho, agradeço ao Randell também por ter sido parceiro em muitas entrevistas nas escolas de ensino de jovens e adultos, nos horários noturnos, onde presenciamos, com muito temor, as situações perigosas que vivíamos ali, pois as escolas públicas municipais de Manaus, neste segmento, estão dominadas pela criminalização e reféns do tráfico de drogas, principalmente, nas regiões periféricas da cidade.

Ao meu Irmão Romário Santos, por emprestar seu carro, mesmo em um curto período, mas de grande assistência no início do mestrado, para eu poder cumprir as disciplinas e estar no trabalho, ministrando minhas aulas, conciliando as duas atividades com sucesso.

Ao meu esposo Edvan, por me ajudar na concretização da coleta de dados, pela companhia e paciência na espera de cada entrevista, por solucionar minhas dúvidas em informática, em textos, indagações e devaneios, por incentivar no momento de escrita e por ser compreensivo nessas ocasiões, amo-te.

Aos meus amigos de graduação, à Adriane como boa ouvinte e por me apoiar no exame de qualificação, à Bryana por diversas vezes me socorrer em relação às indagações da área, a Dialetoлогия e a Geolinguística, além disso, ser irmã na fé. À Kelren, por ter sido ouvinte e conselheira nesses anos e diversas vezes atender, pacientemente, às minhas dúvidas em torno da língua, da vida, e do mundo. Ao Sérgio Junior, por ter me presenteado com o primeiro livro para estudos e leituras que tenho hoje, e que se tornou peça fundamental para ingresso no

mestrado, e apesar da distância geográfica, o guardo em um lugar importante no meu coração. Ao Danilo, pela grande ajuda com a coleta de dados na zona Sul, pelas conversas sobre os desafios da nossa profissão e sobre a vida cristã.

Aos meus colegas e companheiros de estudo da turma de mestrado 2017, pelas trocas de conhecimento, informações, alegrias e lamentações, em aulas presenciais e vias WhatsApp, às amizades saudosas, Greicy Coelho, Matheus Santos.

À Risonilde Clementino, pelas conversas esclarecedoras sobre a contabilização e interpretação dos dados pelo programa GoldVarb X.

À minha eterna líder espiritual e biomédica, Michele Sanches, por ter me auxiliado espiritualmente e academicamente, nestes dois anos e por ter me ajudado, também, com a coleta de dados, indicando informantes.

À professora Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, minha orientadora, pelos conselhos, incentivos e suportes acadêmicos, por me ajudar a compreender melhor área dialetológica, ser paciente durante o mestrado e confiado na conclusão deste trabalho.

Ao professor Dr. Orlando Azevedo, pela iniciação à pesquisa científica, pela confiança, por me ajudar em minha carreira acadêmica e por todos “puxões de orelha”.

À professora Dra. Flávia Santos Martins pela importantíssima ministração do minicurso sobre o programa GoldVarb X, e as orientações avulsas, via e-mail, que foram fundamentais para compreensão das rodagens dos dados no programa.

Ao prof. Dr. Mateus de Oliveira Coimbra, por valiosas contribuições durante o processo de conclusão da dissertação e participação na banca.

À Universidade Federal do Amazonas- Ufam, à Faculdade de Letras-FLET e aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras-PPGL, por grandes momentos de ensinamentos acadêmicos.

À Angélica Goncalves, a secretária do PPGL, por todo suporte e por ser tão atenciosa com todos, sendo sempre prestativa.

À Secretaria Municipal de Educação-SEMED, pela autorização da minha presença nas dependências das escolas, onde oferecem educação de jovens e adultos-EJA, e ao setor do

GEJA, especialmente, à professora Alina Nascimento, pela orientação e auxílio na escolha das escolas que teriam informantes ideias para entrevistas das coletas de dados.

Aos informantes entrevistados nesta pesquisa, que foram fundamentais para realização deste estudo e contribuíram para o melhor conhecimento do falar desta região.

A todos que me ajudaram em todas as etapas fundamentais até aqui.

Resumo

Este trabalho teve por intuito caracterizar o falar de Manaus-(AM), ao verificar o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a vogal tônica posterior média fechada /o/, em quatro zonas da capital (sul, leste, oeste e centro-sul). A pesquisa conta com investigação *in loco*, por meio da aplicação do Questionário Fonético- Fonológico (QFF), composto por 98 perguntas/ vocábulos, acompanhado da conversação livre e da seleção de 24 informantes, pertencentes a três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 56 anos), conforme os preceitos estabelecidos pela Dialectologia, através da Geolinguística, com apoio da Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972). Para alcançar o objetivo desta pesquisa, foram investigadas as vogais médias, tanto em contexto pretônico, /e/ e /o/ como em posição tônica, /o/, a fim de observar o alteamento [i, u], a manutenção [e, o] e o abaixamento [ɛ, ɔ]. Para análise dos dados foi utilizado o Programa GoldvarbX. O resultado das investigações das vogais pretônicas /e/ demonstrou predominância do fenômeno do alteamento [i], seguida da manutenção [e] e com baixa significância do abaixamento [ɛ], porém a vogal pretônica /o/ apresentou o uso predominante da variante média fechada [o], seguida das variante alta [u], e com pouca significância, a variante média baixa [ɔ]. A vogal média fechada /o/ em posição tônica demonstrou predominância do fenômeno da manutenção [o], seguida do abaixamento [ɔ], por fim, com pouca incidência o uso da variante alta [u] demonstrando em fase de extinção o fenômeno do alteamento na capital. Estes resultados são significantes e contribuirão para pesquisa científica na área dialetal, não somente para região, como também para compreensão dos falares do português no país.

Palavras-chave: Dialectologia; vogais; pretônicas; tônicas; fonética-fonologia.

ABSTRACT

The purpose of this paper was to characterize the speaking of Manaus- (AM), by checking the behavior of the pretonic middle vowels / e / and / o / and the closed mean posterior tonic vowel / o /, in four zones of the capital (south, east, west and center-south). The research has on-site investigation through the application of the Phonetic-Phonological Questionnaire (FFF), composed of 98 questions / words, accompanied by free conversation and the selection of 24 informants, belonging to three age groups (18 to 35 years old, 36 to 55 years and over 56 years), according to the precepts established by Dialectology, through Geolinguistics, with the support of William Labov's Variationist Sociolinguistics (1972). To reach the objective of this research, the mean vowels were investigated, both in the pretonic context, / e / and / o / as in the tonic position, / e /, in order to observe the elevation [i, u], maintenance [e, o] and lowering [ɛ, ɔ]. For data analysis, the GoldvarbX Program was used. The results of investigations of the pretonic vowels / e / showed predominance of the phenomenon of elevation [i], followed by maintenance [e] and with low significance of lowering [ɛ], but the pretonic vowel / o / showed the predominant use of the medium variant. closed [o], followed by the high variant [u], and with little significance, the low medium variant [ɔ]. The closed average vowel / o / in tonic position showed predominance of the maintenance phenomenon [o], followed by the lowering [ɔ], finally, with low incidence the use of the high variant [u] demonstrating in extinction the elevation phenomenon in capital. These results are significant and will contribute to scientific research in the dialectal area, not only for the region, but also for understanding Portuguese speaking in the country.

Keywords: Dialectology; vowels; pretonic; tonics; phonetic-phonology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Áreas dialetais do Brasil segundo Antenor Nascentes.....	20
Figura 2- Manaus –Limite Municipal- Amazonas - Brasil	24
Figura 3- Região Metropolitana de Manaus – União dos 13 municípios	25
Figura 4-Manaus: área urbana, de expansão urbana e rural	27
Figura 5-Zonas: leste, oeste, sul, norte, centro-oeste e centro-sul – Os 63 bairros de Manaus.	28
Figura 6– Setores e subsetores e bairros de Manaus – respectivas orlas.	31
Figura 7-Forte da Barra de São José do Rio Negro	32
Figura 8- Teatro Amazonas.....	34
Figura 9- Palácio da Justiça	35
Figura 10- Zona Franca de Manaus	36
Figura 11-Ponte Jornalista Phelippe Daou/sobre o rio negro	38
Figura 12- Avenida das Flores	39
Figura 13- Passagem de Nível em construção.....	40
Figura 14- Av. Constantino Nery	40
Figura 15-A divisão dos urbanos e bairros de Manaus	41
Figura 16- Articulação do segmento vocálico.....	67
Figura 17- Articulação da vogal /o/.....	68
Figura 18- Articulação da vogal /e/.....	68
Figura 19- Entrevista para coleta	77
Figura 20- Entrevista para coleta	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Dados da região da cidade de Manaus (AM)	26
Tabela 2- Vogais pretônicas em /e/, número e percentual total de ocorrências	84
Tabela 3- Vogais pretônicas em /o/, número e percentual total de ocorrências	85
Tabela 4-Vogal tônica posterior média fechada /o/, número e percentual total de ocorrências	85
Tabela 5- Resultado quantitativo das ocorrências das variantes [ɛ, e, i] para gênero	87
Tabela 6-Resultado quantitativo das ocorrências das variantes [ɛ, e, i] do fenômeno para faixa etária.....	88
Tabela 7-Resultado quantitativo das ocorrências das variantes [ɛ, e, i] por ponto de inquérito	90
Tabela 8-Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica fechada	91
Tabela 9- Ocorrência de [e] em vocábulos com vogal tônica alta	92
Tabela 10-Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica aberta.....	93
Tabela 11-Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica.....	93
Tabela 12-Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica de nasalidade fonológica	94
Tabela 13-Ocorrência de /e / em vocábulos com vogal pretônica na sequência des-	94
Tabela 14-Ocorrência de /e/ em vocábulos com vogal pretônica em início de sílaba travada por /S/.....	95
Tabela 15-Ocorrências de /o/ por gênero.....	98
Tabela 16-Ocorrências de /o/ por faixa etária	100
Tabela 17-Nº DE OCORRÊNCIAS DE /O/ POR PONTO DE INQUÉRITO.....	101
Tabela 18-Ocorrência de /o/ em vocábulos com vogal tônica fechada	103
Tabela 19-Ocorrência das variantes de /o/ pretônico em vocábulos com vogal tônica alta	104

Tabela 20-Ocorrência das variantes de /o/ pretônico em vocábulos com vogal tônica aberta	105
Tabela 21-Ocorrência das variantes de /o/ pretônico em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica.....	106
Tabela 22-Ocorrência das variantes de /o/ pretônico em vocábulos com vogal pretônica de nasalidade fonológica	107
Tabela 23-Ocorrência das variantes de /o/ pretônico em contexto de hiato.....	108
Tabela 24- Resultado quantitativo das ocorrências das variantes da vogal /o/ em posição tônica de acordo com o sexo	110
tabela 25-Resultado quantitativo das ocorrências das variantes de /o/ tônico de acordo com a faixa etária	111
Tabela 26-Resultado quantitativo das ocorrências das variantes de /o/ tônico de acordo com o ponto de inquérito	112
Tabela 27 -Registro percentual de ocorrências das variantes de /o/ em posição tônica de acordo com contexto inicial.....	114
tabela 28 -Registro percentual de ocorrências das variantes de /o/ em posição tônica de acordo com o contexto medial.....	116
Tabela 29-Registro percentual de ocorrências das variantes de /o/ em posição tônica de acordo com o contexto final.....	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-Percentual de ocorrências da vogal anterior por gênero	88
Gráfico 2-Percentual de ocorrências da variável anterior por faixa etária	89
Gráfico 3-Percentual de ocorrências de /e / por ponto de inquérito.....	90
Gráfico 4-Percentual de ocorrências de /o/ por gênero.....	99
Gráfico 5-Percentual de ocorrências das variantes de /o/ pretônico por faixa etária	100
Gráfico 6-Percentual de ocorrências das variantes /o/ pretônico por ponto de inquérito	102
Gráfico 7-Percentual de ocorrências das variantes de /o/ em posição tônica de acordo com sexo	111
Gráfico 8-Percentual de ocorrências de /o/ por faixa etária	112
Gráfico 9-Registro percentual das variantes de /o/ônico de acordo com o ponto de inquérito	113

SUMÁRIO

1	A CIDADE DE MANAUS	23
1.1	Aspectos geográficos.....	23
1.2	Aspectos históricos-sócio-econômicos	31
1.3	Os pontos de inquérito.....	40
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	45
2.1	A Sociolinguística	46
2.2	A Dialetologia: surgimento dos estudos dialetológicos.....	49
2.3	A Dialetologia no Brasil	51
2.4	A Dialetologia no Amazonas	54
3	OS FENÔMENOS INVESTIGADOS	64
3.1	A vogal tônica posterior média fechada /o/	66
3.2	As vogais médias pretônicas /e/ e /o/.....	70
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	74
4.1	A pesquisa bibliográfica.....	74
4.2	Perfil dos informantes	74
4.3	Questionário e elocuições livres	76
4.4	Recolha de dados.....	77
4.5	Transcrições e informatização dos dados	78
4.5.1	GoldVarb X	79
4.6	Apresentação dos dados.....	80
5	CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO DA VOGAL TÔNICA POSTERIOR MÉDIA FECHADA /O/ E DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MANAUS (AM)	84
5.1	Vogal média pretônica /e/ de acordo com contextos extralinguísticos	86
5.1.1	Variação no eixo diagenérico	87
5.1.2	Variação no eixo diageracional	88
5.1.3	Variação no eixo diatópico	89
5.2	Comportamento de /e/ por contexto fonético fonológico (intralinguístico)	91
5.2.1	Vogal tônica fechada	91

5.2.2 Vogal tônica alta	92
5.2.3 Vogal tônica aberta	92
5.2.4 Vogal tônica de nasalidade fonológica	93
5.2.5 Vogal pretônica de nasalidade fonológica	94
5.2.6 Vogal pretônica na sequência DES-	94
5.2.7 Vogal pretônica inicia sílaba travada por /S/	95
5.3 Vogal média pretônica /o/ de acordo com contextos extralinguísticos	96
5.3.1 Variação no eixo diagenérico	98
5.3.2 Variação no eixo diageracional	99
5.3.3 Variação no eixo diatópico	101
5.4 Comportamento de /o/ por contexto fonético fonológico	102
5.4.1 Vogal tônica fechada	103
5.4.2 Vogal tônica alta	104
5.4.3 Vogal tônica aberta	105
5.4.4 Vogal tônica de nasalidade fonológica	106
5.4.5 Vogal pretônica de nasalidade fonológica	107
5.4.6 Vogal pretônica em contexto de hiato	107
5.5 Análise contextual geral das ocorrências de /o/ e /e/ pretônico	108
5.6 Vogal tônica posterior média fechada /o/ em posição tônica de acordo com contextos extralinguísticos	109
5.6.1 Variação no eixo diagenérico	110
5.6.2 Variação no eixo diageracional	111
5.6.3 Variação no eixo diatópico	112
5.7 Comportamento de /o/ em posição tônica de acordo com contexto fonético-fonológico (linguístico)	113
5.7.1 Contexto inicial	114
5.7.2 Contexto medial	115
5.7.3 Contexto final	117
5.8 Análise contextual geral das ocorrências de /o/ônico	118
CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS	122
APÊNDICES	127
Ficha da localidade	127

Ficha do informante	128
Questionário fonético- fonológico	130
Figuras para auxílio do questionário (QFF)	138
ANEXOS	140
Carta de anuência	140

INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho serão apresentados, primeiramente, os motivos que acarretaram a escolha da capital amazonense, Manaus, como localidade da pesquisa e a opção pelo uso do gentílico “*Manauara*” no título, e não pelo concorrente gentílico *manauense*, perpassando questões de cunho pessoal e profissional, para, posteriormente, compreender-se a justificativa da escolha do objeto de estudo do presente trabalho.

Por *manauara* ser a variante em concorrência com o vocábulo *manauense*, optou-se pelo uso da variante *manauara*, por esse termo ser oriundo do vocabulário indígena. Concomitantemente, ao se tratar de variação, possibilita-se ao leitor deixar ambos gentílicos existentes na língua, para uma melhor discussão identitária, uma vez que o uso dos gentílicos *manauara* e *manauense* é representado no dicionário com o significado “O natural ou habitante de Manaus” (AURÉLIO, 2010). A diferença está somente nos sufixos *-ense*, herança portuguesa, *-ara* que é herança tupi, de *wara* = “o que veio de”, segundo Freire (2012). Para complemento, o *Jornal do Commercio*¹ (2013), em sua edição nº 41419, ressalta o gentílico *manauense* como “aquele que nasceu em Manaus” e *manauara* pode ser “aquele que mora em Manaus” (LOUREIRO, 2013).

Este trabalho é uma continuação do projeto executado no período de 2015 a 2016, em nível de graduação, intitulado “As pretônicas no falar manauense”. O estudo sobre as pretônicas se enquadrou estritamente em nível de iniciação científica com limitação do *corpus*, foram descritas as realizações fonéticas de /e/ e de /o/ em alguns pontos de inquérito da cidade de Manaus.

Por Manaus ser o maior centro urbano do Estado, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto de nível nacional que se encontra em andamento, também contemplou a capital com um estudo dialetológico. Com isso, na busca por conhecer as variantes dialetais existentes na cidade mais importante do Estado do Amazonas, onde está localizada a capital do Estado, é que se apresenta este estudo, que poderá colaborar com os dados investigados no ALiB. Tendo conhecimento já da necessidade que há em explorar o campo da variedade linguística no Amazonas, embora já existam pesquisas excelentes, realizadas na Universidade Federal do Amazonas e na Universidade do Estado do Amazonas, na área da Dialetologia e

¹ Fundado em 2 de janeiro de 1904, é o meio de comunicação mais antigo na região e em funcionamento até a data de hoje. Traz anualmente uma edição sobre o aniversário de Manaus que disponibiliza dados e registros de cada bairro da cidade.

Sociolinguística Variacionista, dissertações como a de SILVA (2009), MAIA (2009), QUARA (2012) e de outros, observa-se a carência em investigar outras localidades ou revisitá-las para um melhor conhecimento científico do objeto investigado.

A cidade de Manaus possui uma riqueza linguística que proporciona um leque de observações em torno da sua constituição miscível, devido, é claro, a sua oriunda mistura de povos e as duas grandes influências na construção do falar amazonense, o indígena e o nordestino, segundo Freire (2011). Um por sua existência nata, outro, por sua passagem durante a fuga da seca e da miséria que os assolavam. Como resultado, há palavras que fazem parte deste vocabulário rico, de origens indígenas e nordestinas, respectivamente, como: *carapanã* e *abestado*, que mostram a influência desse povo na formação do “Amazonês”, segundo Freire (2011). Portanto, Manaus, considerando que é um dos polos mais intensos em saídas e entradas de migrantes da região amazônica, faz-se necessário um estudo na tentativa de estabelecer uma característica no falar manauara através da análise das vogais pretônicas /e/ e /o/, por exemplo em *escada* e *tomate*; e vogal tônica posterior média fechada /o/ como nas palavras *diretora*, *pescoço* ou *corda*.²

O falar amazonense está inserido no falar amazônico, segundo o dialetólogo Antenor Nascentes (1953, p.25), que caracterizou o falar caboclo da região pela presença de vogais médias pretônicas baixas [ɛ] e [ɔ], que caracterizam o fenômeno do abaixamento pretônico.

As realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ foram usadas para marcar a variação dialetal entre as regiões brasileiras. Conforme o Mapa1, divisão feita pelo dialetólogo, o português amazônico faz parte de uma grande área dialetal, sendo considerado um subfalar nortista junto ao falar nordestino, no qual há ocorrência das vogais médias pretônicas abertas [ɛ, ɔ]. Os demais subfalares pertencem ao grupo dos subfalares do sul do Brasil, no qual predominam as vogais médias fechadas [e, o] e estão divididos em: Baiano, que compreende os Estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte proveniente da nascente do rio Parnaíba); fluminense, que abrange os estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e a região da Mata e parte leste do Estado de Minas

² Registros observados na região amazônica, dos fenômenos do abaixamento em concorrência com manutenção e presença do alteamento das vogais em contextos intralinguísticos específicos descritos na literatura de pesquisas dialetológicas.

Gerais; Mineiro, que abrange a região central, oeste e parte leste do estado de Minas Gerais; Sulista, que abrange o Estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais na parte sul e no triângulo mineiro, parte sul de Goiás e Mato Grosso.

FIGURA 1- ÁREAS DIALETAIS DO BRASIL SEGUNDO ANTONIO NASCENTES



Fonte: adaptado de Noll (2008)

A origem das vogais médias pretônicas utilizada com a variante aberta na região amazônica ainda é desconhecida. A intuição que se tem é que houve uma influência nordestina durante o período áureo da borracha no começo do século XX. Atualmente, a conjuntura social e cultural dessa região é outra, uma vez que o desenvolvimento urbano está acelerado. Além disso, alguns textos, como os de Azevedo (2013), consideram a mídia com um papel importante na formação do falar dos povos da Amazônia, ao influenciar a fala a partir do contato diário, isso devido a um dos aspectos da globalização, o avanço tecnológico e dos meios de comunicação.

Esta pesquisa foi executada nos bairros de Manaus que estão agrupados em seis zonas. Contudo, somente quatro, dentre as seis zonas, são os pontos de investigação, o restante não foi considerado por não possuir um tempo de existência suficiente, ou seja, no mínimo 60 anos, conforme indica os critérios da Dialectologia por meio dos métodos Geolinguísticos. Desta forma, esta pesquisa investigou as zonas sul, leste, oeste e centro-sul.

Neste estudo, verificou-se qual variante envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, é o mais produtivo. As variantes para as vogais pretônicas aqui em investigação são conhecidas como alteamento, quando o /e/ e /o/ se realizam foneticamente como [i] ([i]scada) e [u] (t[u]mate); como abaixamento, quando /e/ e /o/ se realizam foneticamente como [ɛ] ([ɛ]scada) e [ɔ] (t[ɔ]mate); e como manutenção, quando o /e/ e /o/ se realizam foneticamente como [e] ([e]scola) e [o] (t[o]mate); e a vogal tônica posterior média fechada /o/ pode se realizar foneticamente como [u] (andir[u]ba), alteamento, [ɔ] (andir[ɔ]ba), abaixamento e [o] (andir[o]ba) em manutenção (BISOL, 1981; SILVA, 2001).

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, foi descrever o comportamento das realizações fonético-fonológicas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e da vogal tônica posterior média fechada [o] em quatro zonas de Manaus (AM). Como objetivos específicos, procurou-se identificar os fenômenos vocálicos conhecidos como abaixamento, alteamento e manutenção das vogais pretônicas /e/ e /o/ e da vogal tônica posterior média fechada /o/, ao utilizar o programa estatístico Goldvarb, foram elaboradas tabelas para apresentação das realizações fonético-fonológicas de /e/, /o/ e /o/ em contexto tônico e pretônico, por fim, comparou-se os dados analisados no eixo diatópico e diastrático.

Conforme já foi mencionado, esta pesquisa se concentrou nas quatro zonas de Manaus (AM), onde os dados foram coletados mediante aplicação do questionário fonético-fonológico de Silva (2008)³, por já ter sido testado. Houve também o uso da conversa espontânea, para análise posterior com intuito de abranger, em futuros estudos, os fenômenos pretônicos e as tônicas posteriores médias fechadas por métodos de coleta de dados diferentes nas demais áreas de Manaus.

Esta é uma pesquisa tanto de cunho sociolinguístico, pois abordará variáveis dependentes e independentes, quanto de cunho geolinguístico, pois se propõe a investigar zonas dialetais geograficamente definidas no Amazonas sobre as realizações das pretônicas /e/ e /o/ e da vogal tônica posterior média fechada /o/, mais frequentes no falar manauara. Portanto, serão utilizados critérios da Geolinguística Pluridimensional para representar os fenômenos vocálicos no mapa das quatro zonas da cidade de Manaus.

³ Foi necessário adaptar esse questionário para esta pesquisa.

Nesta investigação buscou-se, assim, obter respostas para as seguintes indagações: qual das variantes pretônicas “abaixamento, manutenção ou alteamento” é a mais produtiva na fala de Manaus (AM)? Qual zona os fenômenos das realizações linguísticas são mais predominantes? Qual variável social interfere predominantemente no uso de uma ou outra variante dos fenômenos em estudo? Os dados desta pesquisa corroboram a hipótese de Antenor Nascentes (1953)?

Em síntese, os fenômenos a serem pesquisados são:

- Abaixamento pretônico, quando o /e/ e /o/ se realizam foneticamente como [ɛ] e [ɔ];
- Manutenção pretônica, quando o /e/ e /o/ se realizam foneticamente como [e], e [o];
- Alteamento pretônico, quando o /e/ e /o/ se realizam foneticamente como [i] e [u]; e
- Vogal posterior média fechada /o/ em contextos iniciais, mediais e finais tônicos se realizam nas seguintes das variantes: alteamento, manutenção ou abaixamento tônico.

Alguns trabalhos sobre as pretônicas no Estado do Amazonas já foram feitos em formas de teses, como os de Cruz (2004) e de Azevedo (2013), e em forma de dissertações elaboradas na década de 80 do século passado, como os de Corrêa (1980) e de Cunha e Silva (1980) e trabalhos sobre a vogal tônica média posterior, Silva (2009). Diante dessas pesquisas já concluídas em épocas diferentes e em pontos de inquéritos também diferentes, este trabalho certamente contribuirá para o enriquecimento da pesquisa dialetológica no Estado ao se analisar os fenômenos fonético-fonológicos que envolvem as vogais médias pretônicas e a tônica posterior média fechada na fala de Manaus. Azevedo (2013) em sua tese acrescenta que a tendência atual é que haja um nivelamento dialetal pela apropriação de novas variantes linguísticas promovidas pela mídia e pela escola em detrimento de variantes antigas, as quais acabam caindo em desuso e no esquecimento do falante, sobretudo, interiorano.

Este trabalho será apresentado em cinco capítulos. O primeiro apresentará aspectos geográficos e históricos relativos à cidade de Manaus. O segundo abordará os fundamentos teóricos sobre a Sociolinguística, a Dialetologia, especificamente, a dialetologia no Amazonas. O terceiro faz uma abordagem teórica sobre os fenômenos investigados. O quarto aborda os aspectos metodológicos que nortearam a pesquisa. O quinto e último capítulo fará as considerações gerais sobre os dados coletados.

1 A CIDADE DE MANAUS

A escolha da capital amazonense como ponto de inquérito para esta pesquisa segue os critérios estabelecidos na pesquisa dialetal, como o tempo de existência e o número de habitante por quilômetro quadrado, descritos mais à frente. Segundo Cardoso (2010).

Necessário se faz destacar que as transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea exigem a inclusão, na rede de pontos, de localidades de maior desenvolvimento, maior grau de urbanização e de número de população mais elevado. Assim, é recomendável que as capitais de região ou estados sejam sempre incluídas quando se constituir uma rede extensa para ser pesquisada e que, ao considerá-las, não se perca de vista a pluralidade de falantes que englobam e, conseqüentemente, as variáveis sociolinguísticas que, necessariamente, esses usuários da língua representam. (CARDOSO, 2010, p.91)

Também foi levado em consideração nesta pesquisa o tripé básico, que segundo Cardoso (2010), são: a definição da rede de pontos de inquérito a ser investigada, o perfil dos informantes e a espécie de questionário a ser aplicado. Todos esses princípios são importantes para investigação.

Para uma abordagem baseada nos princípios metodológicos da Dialetoлогия, procedeu-se à descrição, neste capítulo, dos aspectos geográficos da localidade, aspectos históricos-sócio-econômicos e os pontos de inquéritos, fundamentados, em uma leitura bibliográfica que nortearam este capítulo. As obras que ajudaram a conduzir este estudo, foram documentos do SEPLANCTI- Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia, e Inovação, os dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Biblioteca virtual do Amazonas, todos disponibilizados em website. Também foram utilizadas as informações do IMPLURB- Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano, da Prefeitura de Manaus e do Governo do Estado do Amazonas, assim como as obras, de Moreira (1960), Monteiro (2012), Mesquita (2006), Garcia (2006) e Benchimol (2009). Bem como os registros históricos do *Jornal do Commercio*, vale ressaltar, um dos mais importantes e antigos meio de comunicação da região.

1.1 Aspectos geográficos

Manaus é a capital do Estado do Amazonas, está localizada na Região Norte do Brasil e sua área urbana situa-se entre as coordenadas 03°06'07" S (Latitude) e 60°01'30 O

(Longitude), está 3.436 km da capital do país, Brasília. Situa-se à margem direita do rio Negro, na confluência deste com o rio Solimões, que formam o rio Amazonas, e faz limite com os municípios de Rio Preto da Eva, Itacoatiara, Careiro, Careiro da Várzea, Iranduba, Novo Airão e Presidente Figueiredo.

FIGURA 2- MANAUS –LIMITE MUNICIPAL- AMAZONAS - BRASIL

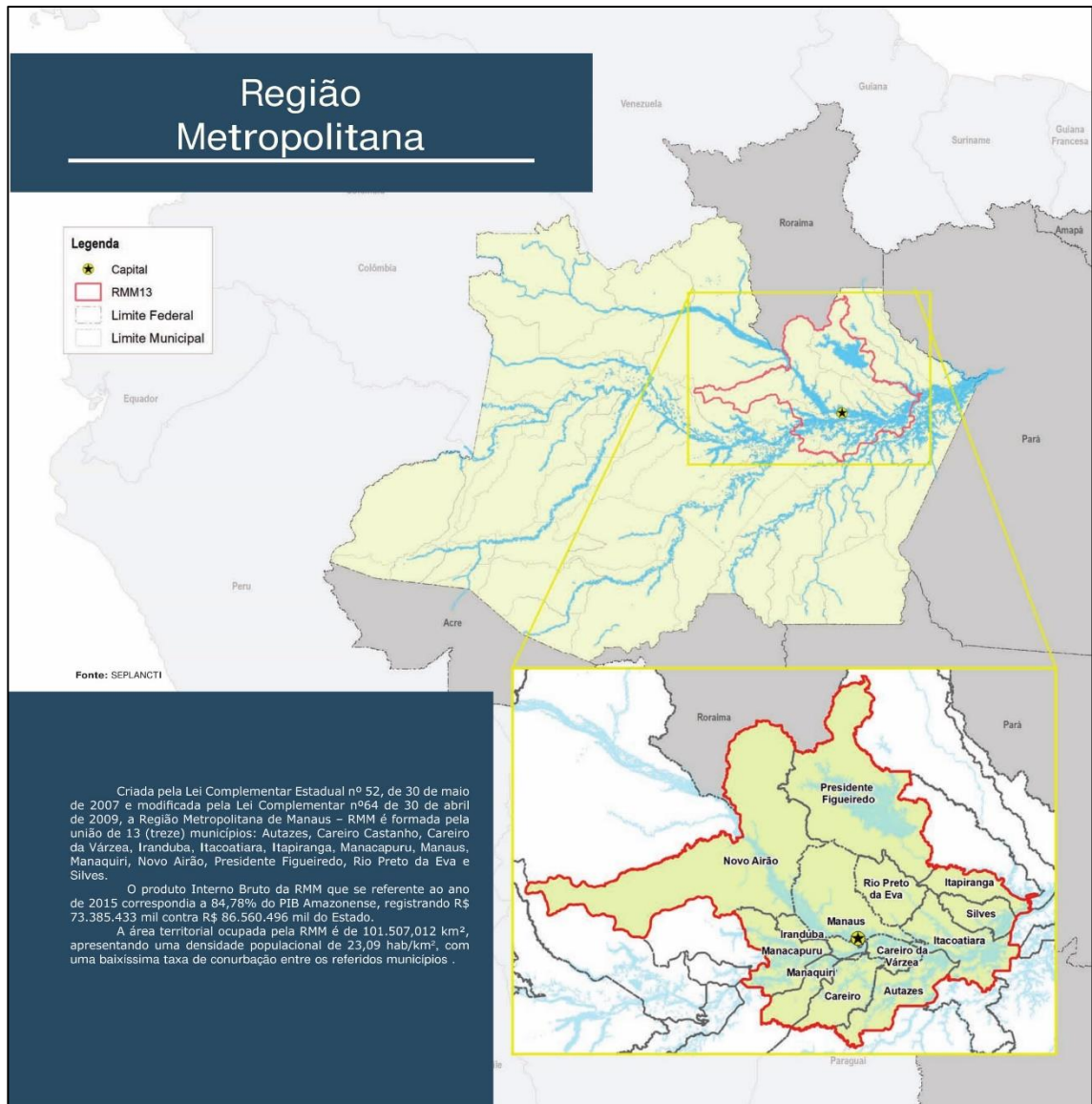


Fonte: SEPLANCTI-AM (2017)

A cidade de Manaus faz parte da Região Metropolitana de Manaus (RMM), que foi instituída por meio da Lei Complementar Estadual n.º 52, de 30 de maio de 2007. Antigamente, a Constituição Estadual de 05 de outubro de 1989 apresentava a cidade de Manaus como parte

da Microrregião do Rio Negro-Solimões, hoje, a partir da divisão política e administrativa do Estado, ela é pertencente à Microrregião de Manaus, devido à criação da Lei.

FIGURA 3- REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS – UNIÃO DOS 13 MUNICÍPIOS



Fonte: SEPLANCTI-AM (2017)

A cidade está na 7ª SUB-REGIÃO, no Centro Regional. Segundo dados do IBGE (2018) e o SEPLANCTI/AM, Manaus possui população estimada, área territorial e densidade demográfica em:

TABELA 1-DADOS DA REGIÃO DA CIDADE DE MANAUS (AM)

População estimada	Área territorial	Densidade demográfica	Área urbana
2 145 444	11.401,092 km ²	158,06 hab/km ²	377km ²

Fonte: SEPLANCTI-AM/IBGE (2018).

A cidade é a mais desenvolvida da Região Norte do país. Sua área tem cerca de 0,75% do território do estado ao qual pertence, que é o maior do país em extensão territorial, com 1.559.168,117 km² (IBGE, 2018).

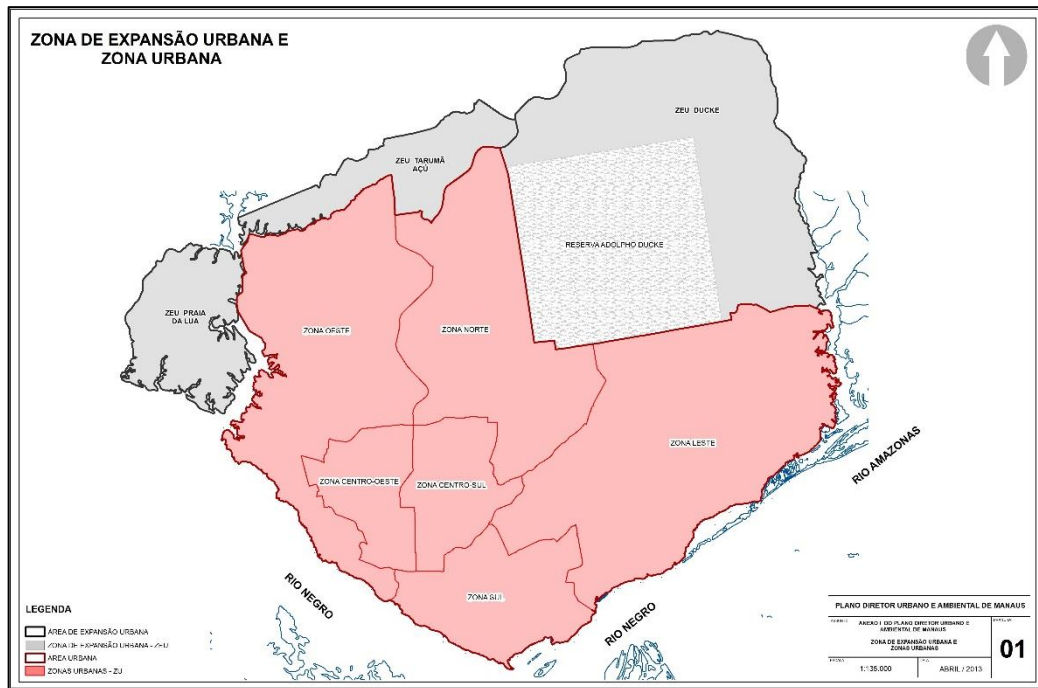
O relevo da região é bem característico, segundo Moreira (1958) constitui uma área repleta por planícies, planaltos baixos, terras firmes e uma vasta floresta. Como um “conjunto fisiográfico, pela sua bela extensão e homogeneidade dos seus quadros naturais, onde as planícies, a floresta e o rio compõem, num amplo e grandioso delineamento de sua fisionomia como paisagem”, (MOREIRA, 1960). Além disso, possui o clima tropical, quente e úmido, com estações não bem definidas por conta das baixas latitudes, por conta da proximidade da linha do Equador. É uma região muito chuvosa, contudo, com períodos de chuva bem distribuídos alternando com temperaturas altas durante o ano todo.

O período de estiagem, a partir da segunda metade do ano, caracteriza o que se chama na região, de fim da “cheia” e início da “seca”, ou, “vazante” dos rios.

Como todas as regiões tropicais, a Amazônia tem suas estações reguladas pela pluviosidade e não pela temperatura, apresentando neste sentido duas estações perfeitamente definidas - inverno e verão - segundo a maior ou menor frequência e intensidade das chuvas, coincidindo aquele com a primeira metade do ano e este com a segunda. (MOREIRA, 1960, p.64)

A divisão administrativa da cidade de Manaus está em área urbana: área de expansão urbana e zona urbana. A área urbana, onde abarca os pontos de inquérito desta pesquisa, apresenta um constante crescimento, tem 377km², com expansão urbana de 100km², de acordo com o Plano Diretor, disponibilizado pelo Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB).

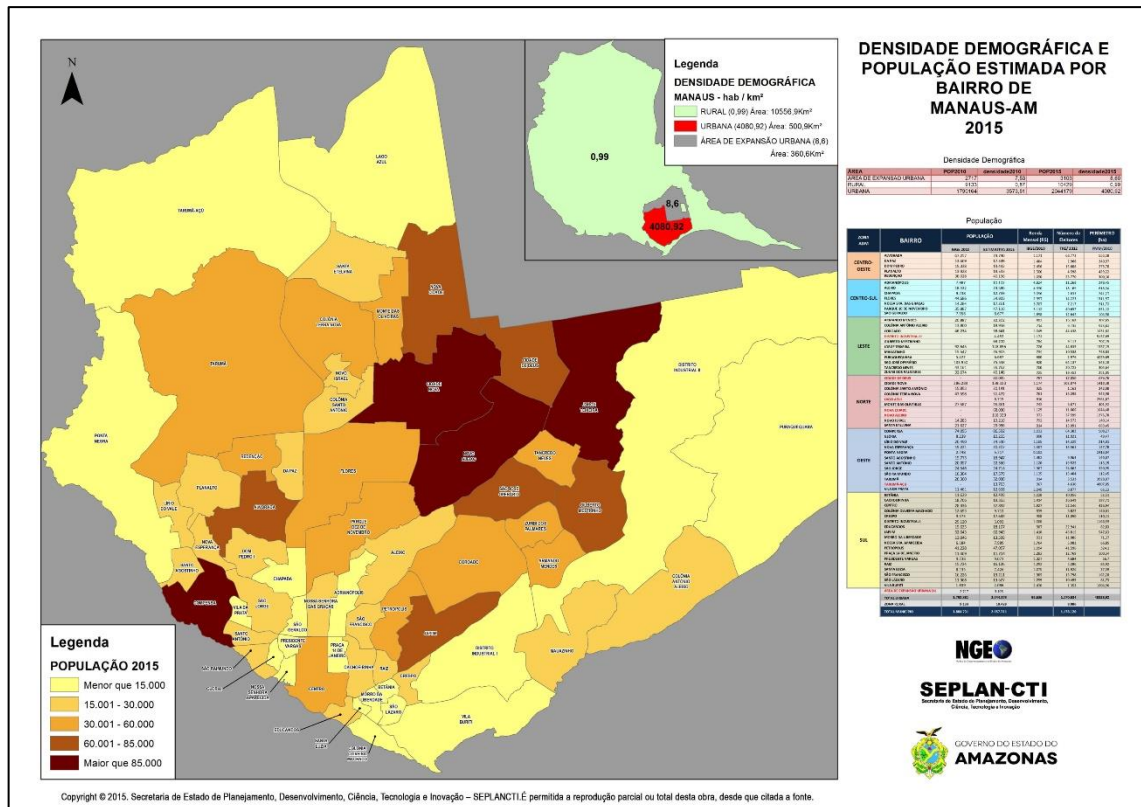
FIGURA 4-MANAUS: ÁREA URBANA, DE EXPANSÃO URBANA E RURAL



Fonte: IMPLURB (2013)

A Lei Municipal n. 1.401, de 14 de janeiro de 2010 apresenta a divisão administrativa dos bairros de Manaus e as zonas que comportam os bairros, de acordo com a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação (SEPLACTI) e o Plano Diretor de Manaus/IMPLURB. A Lei também estabelece uma nova divisão dos bairros de Manaus, com a criação de novos bairros, estabelecendo novos limites. A nova divisão propõe o bairro Cidade Nova em quatro partes, sendo dividido em duas partes os bairros São José Operário, Tarumã e Distrito Industrial. No total, foram criados sete bairros. Seus nomes e origens são: 1) Nova Cidade: oriundo da divisão do bairro Cidade Nova; 2) Cidade de Deus: oriundo da divisão do bairro Cidade Nova; 3) Novo Aleixo: oriundo da divisão do bairro Cidade Nova; 4) Gilberto Mestrinho: oriundo da divisão do bairro São José Operário; 5) Lago Azul: resultado da redefinição da expansão da área referente às Unidades de Estruturação Urbana – UES Santa Etelvina e UES da Bolívia; 6) Tarumã-Açu: oriundo da divisão do bairro Tarumã; 7) Distrito Industrial II: oriundo da divisão do bairro Distrito Industrial. Dessa forma, a área urbana de Manaus possui 63 bairros, oficialmente, administrativamente distribuídos em seis zonas: sul, centro-sul, oeste, centro-oeste, norte e leste.

FIGURA 5-ZONAS: LESTE, OESTE, SUL, NORTE, CENTRO-OESTE E CENTRO-SUL – Os 63 BAIRROS DE MANAUS.



Fonte: SEPLANCTI (2015)

As seis zonas territoriais urbanas de Manaus estão divididas e desenvolvidas estrategicamente, conforme, o Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus. O Plano Diretor de 2014 descreve as características de cada zona, como: área ambiental, tempo de existência, com bairros mais antigos e mais populosos ou mais novos e menos populosos.

Hoje a zona norte é a região com maior número de habitantes de Manaus, com estimativa acima de 500,000 habitantes (SEPLANCTI, 2015). Assim também, apresenta um número constante de crescimento territorial e econômico. Segundo o Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus (2014), a zona norte constitui a grande área, chamada área de transição e habitacional da cidade, fazendo limite com a Reserva Adolpho Ducke. Esta zona possui a renda média de R\$ 778,50 por habitante (SEPLANCTI, 2015) e comporta um total de dez bairros: Cidade de Deus, Cidade Nova, Colônia Santo Antônio, Colônia Terra Nova, Lagoa Azul, Monte das Oliveiras, Nova Cidade, Novo Aleixo, Novo Israel e Santa Etelvina. É importante um destaque para o bairro Cidade Nova, com mais de 120 mil habitantes, assim como para o bairro Nova Cidade, surgido em 1996, que, nos últimos anos, passou de 832 moradores (1999) a

31.443 moradores (2007), configurando o maior crescimento populacional da história de Manaus.

A zona sul integra, segundo o Plano Diretor (2014), é a principal referência cultural e arqueológica de Manaus, por exemplo, o Centro Histórico, pois possui construções de prédios e monumentos arquitetônicos e o maior centro comercial de negócios da cidade. Além disso, é a zona mais antiga, possui renda média estimada de R\$1.301,66 por habitante (SEPLANCTI, 2015), bem como, o nível populacional superior a 300 mil habitantes. Possui dezoito bairros definidos: Betânia, Cachoeirinha, Centro, Colônia Oliveira Machado, Crespo, Distrito Industrial I, Educandos, Japiim, Morro da Liberdade, Nossa Senhora de Aparecida, Petrópolis, Praça 14 de Janeiro, Presidente Vargas, Raiz, Santa Luzia, São Francisco, São Lázaro e Vila Buriti, este é o menor bairro da região, com o menor número populacional e o mais populoso dessa zona é o Japiim, cuja urbanização iniciou na década de 1960, atualmente está com a população de 53.370 habitantes (IBGE, 2010).

Segundo o Plano Diretor (2014), a zona centro-sul, além de constituir área habitacional, é a expansão do centro de negócios e serviços da cidade, com verticalização caracterizada geograficamente. Destaca-se por áreas residenciais de classe alta, com renda média estimada por habitante de R\$3.417,72 (SEPLANCTI, 2015), em algumas ocasiões, chega ser superior a 40 salários mínimos (IBGE,2010). Compreende sete bairros: Adrianópolis, Aleixo, Chapada, Flores, Nossa Senhora das Graças, Parque 10 de Novembro e São Geraldo. O Parque Dez de Novembro é o maior bairro da zona tanto em número populacional quanto em extensão territorial.

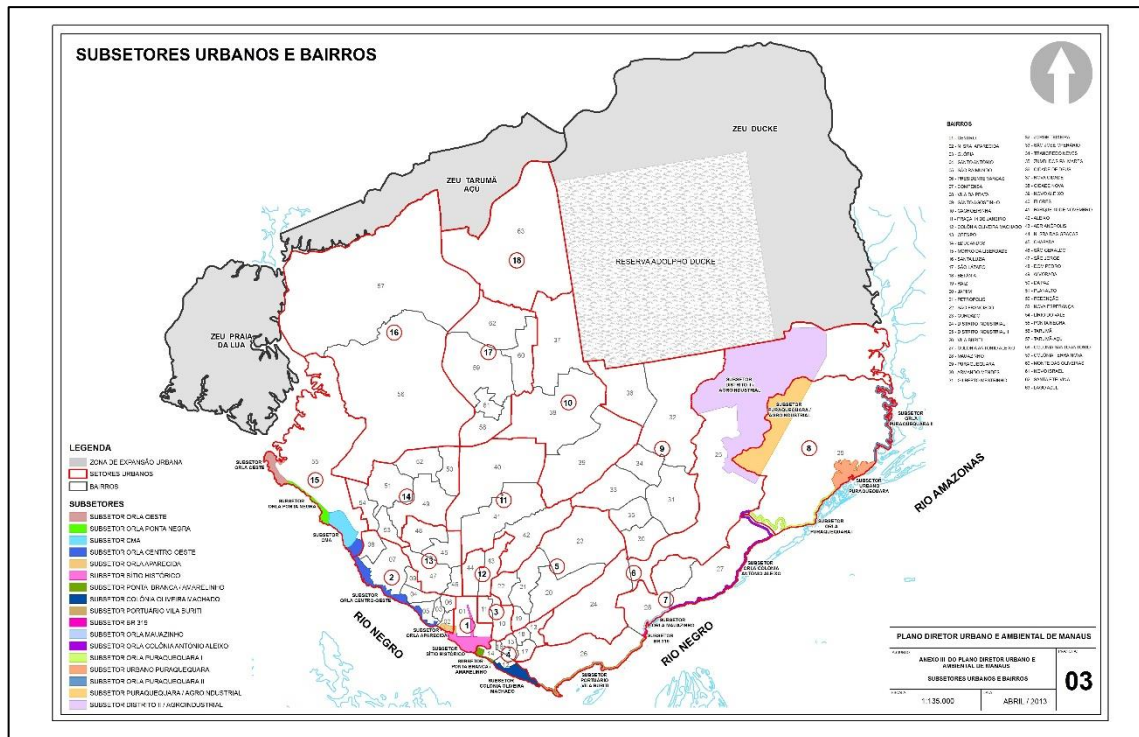
A zona leste conta com uma das maiores áreas habitacionais com característica horizontal da cidade, dispondo ainda mais atividades industriais, agroindustriais, de agricultura familiar, de turismo ecológico, atividades portuárias e de proteção ambiental, por sua localização na orla do Rio Amazonas. Possui mais de 400 mil habitantes, é um bairro em constante crescimento e com renda média estimada de R\$ 818,72 por habitante (SEPLANCTI, 2015) e abrange 11 bairros: Armando Mendes, Colônia Antônio Aleixo (o bairro mais antigo), Coroado, Distrito Industrial II, Gilberto Mestrinho, Jorge Teixeira, Mauazinho, Puraquequara, São José Operário, Tancredo Neves e Zumbi dos Palmares. Destes, destacam-se três bairros mais populosos da cidade, como São José Operário, Jorge Teixeira e Zumbi.

A zona oeste constitui, por estar próximo ao Rio Negro e ao igarapé do Tarumã-Açu, território atrativo para o turismo e lazer, o que gera um desenvolvimento urbano com

sustentabilidade ambiental (IMPLURB, 2014). Com renda média estimada em R\$1.806,75 por habitante (SEPLANCTI, 2015). Conta com doze bairros oficiais: Compensa, Glória, Lírio do Vale, Nova Esperança, Ponta Negra, Santo Agostinho, Santo Antônio, São Jorge, São Raimundo, Tarumã, Tarumã-Açu e Vila da Prata. São destaques dessa zona o Aeroporto Internacional Eduardo Gomes e o Cemitério do Tarumã, bem como os bairros Compensa, o mais populoso (75.832 habitantes), e Ponta Negra, sendo o bairro mais nobre de Manaus, com uma bela orla de grande visitação turística, um dos mais importantes cartões-postais da cidade, a Praia da Ponta Negra.

A zona centro-oeste apresenta, segundo o Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus (2014) área habitacional com característica horizontal, além disso, compreende um centro de referência em esportes e saúde da cidade. É uma das regiões mais bem localizadas de Manaus, a zona centro-oeste contempla bairros: Alvorada (1, 2 e 3), Bairro da Paz, Dom Pedro, Planalto e Redenção. O Alvorada é o maior bairro da região, apresenta uma estimativa de mais de 65 mil habitantes, e o bairro mais nobre é o Dom Pedro, portador de conjuntos residenciais com alto padrão.

FIGURA 6— SETORES E SUBSETORES E BAIROS DE MANAUS — RESPECTIVAS ORLAS.



Fonte: IMPLURB (2013)

1.2 Aspectos históricos-sócio-econômicos

O século XVII foi considerado o grande século da Amazônia colonial. Segundo Tocantins (2004), crescia uma “política de valorização econômica” para produção agrícola, cultivo das especiarias florestais, da colonização e do comércio, dentro e fora da região. Os portugueses buscavam escravos para os trabalhos braçais e serviços pessoais (MESQUITA, 2006). Segundo Monteiro (2012), a escassez de mão de obra indígena levou as tropas de resgate a subir o rio cada vez mais em busca de escravos. Uma tropa de resgate comandada por Bento Maciel Parente, vinda do Maranhão, subiu o rio Amazonas, entrou no rio Negro, chegando em 1657, na foz do Tarumã. Posteriormente, instalaram-se na margem esquerda do rio Negro, próximo à confluência com o rio Amazonas, fixando um Destacamento de Resgate, como pontua Monteiro (2012, p.21)

Foi essa tropa de resgate a primeira a fixar-se, pelo menos durante algum tempo, na área hoje abrangida pelo município de Manaus. Assentando arraial na boca do rio Tarumã, foi ali chantada a cruz (a Cruz do Tarumã) e a exemplo das velhas formas processuais de tomada de posse, rezada missa.

Em 1669, foi construído o Forte da Barra de São José do Rio Negro, como medida de estratégia para combater invasores estrangeiros a mando do rei de Portugal. A Fortaleza é considerada o símbolo do nascimento de Manaus, e do entorno dela várias tribos indígenas,

como Manaós, Barés, Banibás, Passés, Aroaquis, Juris, entre outras, constituindo o primeiro índice populacional da região, mista de soldados e indígenas (MONTEIRO, 2012).

FIGURA 7-FORTE DA BARRA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO



Assim, “originaria a toponímia simplificada: lugar da Barra” (MONTEIRO, 2012, p.41) durante um século. Com presença dos soldados, jesuítas e as diversas tribos indígenas, fixaram-se no povoado nascente, logo, a mescla entre branco e índios em poucos anos iria gerar a grande miscigenação que formaria a geração nova, “aumentada ainda pela intrusão de mamelucos e caribocas, novos costumes, hábitos novos e uma língua corrompida, pelo processo do *melting-pot*.” (MONTEIRO, 2012, p.47).

Até o final do século XVII o povoado não tinha significância econômica ou social. Até que em 1791, o governador Lobo d’Almada transfere a sede da sua administração, a capital da Capitania de São José do Rio Negro, da vila de Barcelos para o povoado, acarretando um progresso. Em aproveitamento da sede do seu governo fixada na Barra, Manuel da Gama Lobo d’Almada “procura, imediatamente, com recursos disponíveis, realizar melhoramentos que colocassem o lugar à altura de corresponder ao título pomposo de capital, pois que, de algum modo, a Barra vivia sob a ameaça permanente de ficar reduzida a simples tapera.”(MONTEIRO, 2012, p. 80). A transferência da sede foi sem autorização do governador do Grão-Pará, D. Francisco Coutinho, que determinou, por meio da carta régia de 22 de agosto de 1798, que a capital fosse trasladada de volta a Barcelos, ficando por governador o coronel

José Antônio Salgado, por quinze anos. Apenas em 1804, D. Marco de Noronha e Brito, que substituiu Coutinho no governo do Grão-Pará, considera a transferência da capital para o Lugar da Barra, o que só foi de caráter definitivo em 29 de março de 1808, a partir de quando passou a tornar-se a principal cidade do distrito do rio Negro.

O povoado evoluía e vivenciava um crescimento urbano, como também construções de igrejas e avenidas arborizadas, havia três bairros, urgência numeração de casas, “desembaraçar as ruas e travessas que se encontrava, impedidas por cercados.” (MONTEIRO, 2012, p.99). Segundo Monteiro (2012), em 1824 a Câmara Municipal mandava construir um cercado para guardar o gado, com intuito de preservar os quintais e roças, tudo a partir de serviços remunerados. Assim, o Forte de São José da Barra ganhava cada vez mais aspecto de vila, sendo Lugar.

Com as determinações do Código Criminal em 1833, o governo do Pará divide seu território em três Comarcas: Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas. Em consequência, o Lugar da Barra se torna a capital da Comarca do Alto Amazonas, sendo elevada à condição de vila, passando a chamar-se Vila de Manaós. A vila continua a depender do Pará como Comarca do Rio Negro, ainda passa seis meses em posse de rebeldes durante o período da Cabanagem, o período de cinco anos que durou a revolta (1835–1840), o que resultou aceleração do processo de elevação à categoria de província, em 1850.

Iniciada em Belém do Pará, com tendências marcantes de nativismo desenfreado, um *chauvinismo* ideal para os descontentes, essa revolta ensanguentou a Província, expugnando-a do elemento reinol inimigo. Mortes e incêndios se cometeram à revelia pelas margens até o rio Amazonas, furos e igarapés, estendendo-se a chacina até o rio Madeira, lago dos Autases, Maués, rio Negro, Lago do Manaquiri, Careiro, Itaquatiara. (MONTEIRO, 2012, p.174)

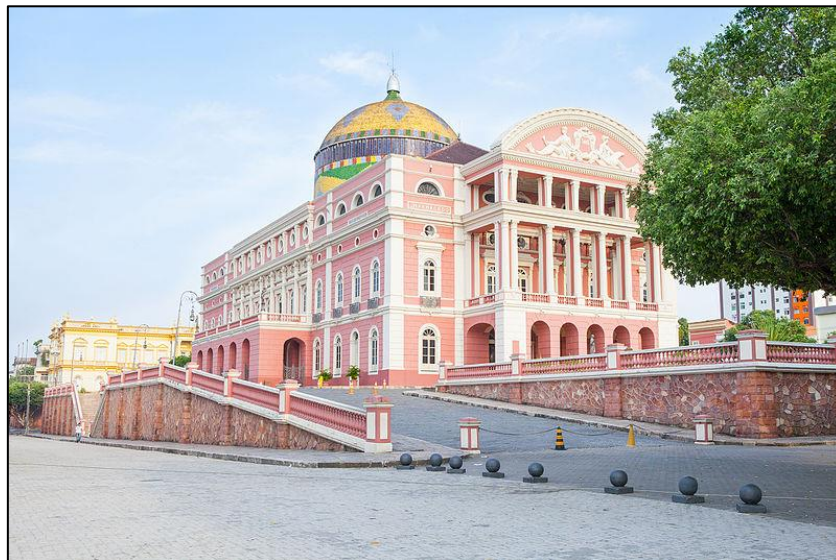
Bem antes, em 1848, a vila é promovida à cidade, passando a denominar-se Cidade da Barra do Rio Negro, com a elevação à categoria de província da Comarca do Alto Amazonas, logo após, em 04 de setembro de 1856, Cidade de Manaós (MONTEIRO, 2012).

Em 1870, iniciava-se o ciclo da borracha. A cidade passava por um progresso contínuo e acelerado, com grande índice de crescimento e urbanização. Assim, a região tornava-se atrativa para migração, brasileiros de outras regiões, principalmente nordestinos fugidos da grande seca na região (1877-1878), não apenas visitantes do país, mas também, estrangeiros, como espanhóis, ingleses, judeus, franceses, gregos, e holandeses, fascinados pelas riquezas na região, todos em busca de trabalho, uma chance de sobrevivência, ou enriquecimento financeiro.

A chegada do barco a vapor alterou as relações internas da Amazônia, e com a oferta de maior tonelagem de transporte. A produção do produto regional mais procurado, a borracha, deslocou-se para os novos seringais descobertos, no Madeira, Manacapuru, Autazes, Codajás e baixo Purus, com a emigração dos seringueiros paraenses do Jari, pela destruição dos seus seringais, decorrente de um inadequado, além de maranhenses e cearenses, necessários para suprir a mão-de-obra pouco numerosa.(LOUREIRO, 2001, p.89)

O período áureo da borracha 1890- 1910, como é conhecido, estava sob o governo de Eduardo Ribeiro, e a cidade obteve importantes mudanças. Nesse período, segundo Loureiro (2001), as melhorias urbanas foram contínuas, como o Cemitério dos Remédios (1854), Iluminação a gasogênico e cemitério São José (1856), Inauguração da Matriz (1877) e outras construções Loureiro (2001), era também conhecida por Paris dos Trópicos. Manaus era passada em primeiro plano no cenário nacional e internacional, sendo reconhecida como a capital da borracha, adquirindo feições de cidade europeia, pela chegada de bondes elétricos (1894), a construção do Teatro Amazonas (1884/96), de um moderno porto (1900/1909), Palácio da Justiça (1899), de magazines, praças jardins e palacetes dando ares de urbano cada vez mais à cidade de Manaus.

FIGURA 8- TEATRO AMAZONAS



Fonte: wikipedia (2019)⁴

⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Amazonas

FIGURA 9- PALÁCIO DA JUSTIÇA



Fonte: wikipedia (2005)⁵

O declínio do ciclo da borracha começa por conta da forte ameaça do comércio asiático, início da década de 1910, com as “sucessivas quedas de preço e aumento da produção da Malásia e Indonésia” (LOUREIRO, 2001, p.98), contribuindo para a exclusão da cidade, até a criação da Zona Franca de Manaus, na década de 1970.

A Zona Franca foi e é fundamental para economia da capital, pois transformou Manaus em um dos maiores polos de economia da região norte, a partir de uma estratégia política para incentivos fiscais e tributários implementada pelo regime militar, na tentativa de movimentar a região, após a decadência do ciclo da borracha. Criada em 1957, a Zona Franca de Manaus (ZFM) foi idealizada pelo Deputado Federal Francisco Pereira da Silva e instituída, inicialmente como Porto Livre, pela Lei Nº 3.173 de 06 de junho de 1957, Jornal A Crítica (2017).

A produção industrial é classificada, segundo a SUFRAMA- Superintendência da Zona Franca de Manaus⁶, em polos, como polo duas rodas (motocicletas e bicicletas), polo eletrônico (TV em cores, telefone celular, aparelhos de som, consoles de vídeo game, monitores de vídeo,

⁵ Disponível em: Por Fernando Dall'Acqua - Flickr, CC BY 2.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=39475917>

⁶ Conteúdo apresentado no site da SUFRAMA -Superintendência da Zona Franca de Manaus. <http://www.suframa.gov.br/publicacoes/site_pim/index_br.htm>

DVDs, aparelhos de ar-condicionado ou microcomputadores), polo mecânico (barcos), polo relojoeiro (relógios de pulso e de bolso), polo metalúrgico (brinquedos) e polo diversos (malharia, higiene, cosméticos).

FIGURA 10- ZONA FRANCA DE MANAUS



Fonte: Jornal A crítica (2017)⁷

São diversas marcas e empresas atraídas para a região, por meio de incentivos fiscais. O Polo Industrial de Manaus (PIM) tornou-se um dos mais modernos da América Latina, reunindo indústrias de alto nível do mercado econômico.

A presença dessas grandes indústrias trouxe à Manaus um imenso fluxo migratório do interior do Estado, manifestando o fenômeno do êxodo rural. A população interiorana em busca de uma oportunidade de emprego e melhores condições de vida, foi considerado um dos fatores pelos quais a capital centraliza hoje a maior parte do seu quantitativo populacional do Amazonas. Este fenômeno gerou grandes transtornos de infraestrutura à cidade, como as indevidas e desordenadas ocupações, as conhecidas, popularmente, “invasões”. De modo, que os órgãos responsáveis em fornecer a estrutura básica, como eletricidade, abastecimento de água, saneamento básico, escolas e serviços básicos de saúde, não conseguiram acompanhar esse crescimento.

⁷ Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/em-cinco-decadas-de-historia-zona-franca-tem-exito-mas-precisa-superar-gargalos>

Manaus é a sétima cidade mais populosa do Brasil (IBGE, 2017). A taxa de mortalidade infantil é de 14,52 óbitos por mil nascidos vivos (crianças até 5 anos) e a taxa de fecundidade é de 2,1 filhos por mulher. A taxa de alfabetização é de 94,2%, verificando-se que a taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais é de 5,8%, menor que em nível nacional, de 6,8%, a esperança de vida chega a 75,5 anos (PNUD, 2010)⁸.

A área da saúde na capital conta com grandes centros de atendimento para população, tanto dos órgãos públicos quanto dos particulares. Apesar de ter bons hospitais de referência, como Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado (tratamento de doenças tropicais na região Norte), Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas-FCECON (tratamento do câncer), Fundação Alfredo da Mata-FUAM (tratamento em doenças dermatológicas), Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas-HEMOAM (coleta e tratamento de doenças sanguíneas), ainda se faz necessário melhorias no sistema público de saúde, de modo, que abranja e atinja a população carente da cidade.

A área da educação é bem diversificada, com escolas públicas e privadas. As escolas públicas são administradas pelas secretarias estaduais (SEDUC) e municipais (SEMED). Parte da coleta desta pesquisa foi elaborada em escolas pertencentes à educação de jovens e adultos, da Secretaria Municipal de Educação- SEMED, por meio da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA). A SEDUC- Secretaria de Estado de Educação oferece, em parceria com a Polícia Militar do Amazonas, um ensino militar para o ensino básico (do fundamental 1 ao ensino médio). Este ensino cresceu e obteve muitas modificações desde sua criação, tem muita procura pela sociedade manauara, por possuir um ensino diferenciado e acompanhar o “ranking” das melhores escolas do Estado e da região Norte, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)⁹. A educação no ensino superior também conta com universidades públicas gerenciadas pelo Estado, Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e pelo governo federativo, Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O transporte se tornou numeroso, com variados meios, tanto público quanto particular. Hoje, a cidade conta com um número alto de frota de carros particulares, são de 372.803 veículos. Segundo dados do IBGE (2018) e do Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN), este aumento se deve também a chegada de diversas plataformas digitais

⁸ PNUD-Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. A esperança de vida ao nascer é o indicador utilizado para compor a dimensão Longevidade do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM).

⁹ Disponível em: <https://www.enemvirtual.com.br/melhores-escolas-do-amazonas-ranking-enem-2010/>

(aplicativos de smartphone) de serviços de carona. O transporte coletivo, essencial ao cotidiano da cidade, segundo o jornal local “A crítica” (2019) vem apresentando grandes problemáticas diariamente, seja panes nos veículos, ou superlotação, tanto nos terminais quanto nos próprios veículos. Contudo, há também os transportes feitos por mototáxis, aplicativos de celular, micro-ônibus e os executivos, algumas das alternativas para fuga do sistema precário de transporte público na cidade.

Com um sistema rodoviário intermunicipal e interestadual, Manaus tem as principais rodovias BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, BR-319 (estrada precária) que liga Manaus a Porto Velho, AM-010, que faz a ligação com os municípios de Rio Preto da Eva e Itacoatiara, e AM-070, a maior ponte do Brasil e a segunda maior ponte do mundo, a ponte sobre o rio Negro, nomeada Ponte Jornalista Phelippe Daou com comprimento de pouco mais de 3,5 km e que liga a capital com o município de Iranduba e adjacentes.

FIGURA 11-PONTE JORNALISTA PHELIPPE DAOU/SOBRE O RIO NEGRO



Fonte: wikipedia (2005)¹⁰

A Avenida Governador José Lindoso, popularmente conhecida como Avenida das Torres (a primeira parte da avenida), é uma das vias mais importantes da cidade, inaugurada a primeira parte em 2010, com 6.300 metros de extensão, ela liga o bairro Cidade Nova e a segunda parte, nomeada de Avenida das flores, complementa ao sair da zona sul para zona Norte, ligando aos bairros do Aleixo e Coroadó, nas zonas Centro-Sul e Leste da cidade. Este

¹⁰ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_Jornalista_Phelippe_Daou#/media/Ficheiro:Ponte-Rio-Negro-Manaus1.jpg

investimento foi de R\$ 48,2 milhões por parte do Governo do Amazonas, segundo o portal de notícias o G1 (2018)

FIGURA 12- AVENIDA DAS FLORES



FOTO: ADNEISON SEVERIANO/G1 AM

O transporte fluvial é característico na região. O porto principal está localizado no Centro de Manaus, na costa oeste do rio Negro. Possui grande fluxo de navios, barcos, ou os chamados “expressos” que saem/chegam de diversos municípios do estado e fora do estado.

O Aeroporto Internacional Eduardo Gomes tem um intenso movimento, está como o mais movimentado na região norte, sendo o terceiro do país em movimentação de cargas, em razão, principalmente, da intensa atividade industrial do município.

Há outro projeto em prática na infraestrutura de Manaus, a construção do Complexo Viário Roberto Campos, na avenida Constantino Nery. No momento, a obra encontra-se em andamento, com 20% em pouco mais de três meses de execução, de acordo com a Prefeitura de Manaus.

FIGURA 13- PASSAGEM DE NÍVEL EM CONSTRUÇÃO



FOTOS – ALTEMAR ALCANTARA / SEMCOM, PREFEITURA DE MANAUS (2019)

Conforme apresentado pela Prefeitura de Manaus¹¹, o novo sistema viário irá interligar os bairros Nossa Senhora das Graças, na zona Centro-Sul, e São Jorge, na zona Oeste, por meio de duas passagens subterrâneas nas ruas Pará e João Valério. A estimativa é de que todo o projeto seja concluído em até 15 meses.

FIGURA 14- AV. CONSTANTINO NERY



FOTOS – ALTEMAR ALCANTARA / SEMCOM, PREFEITURA DE MANAUS (2019)

1.3 Os pontos de inquérito

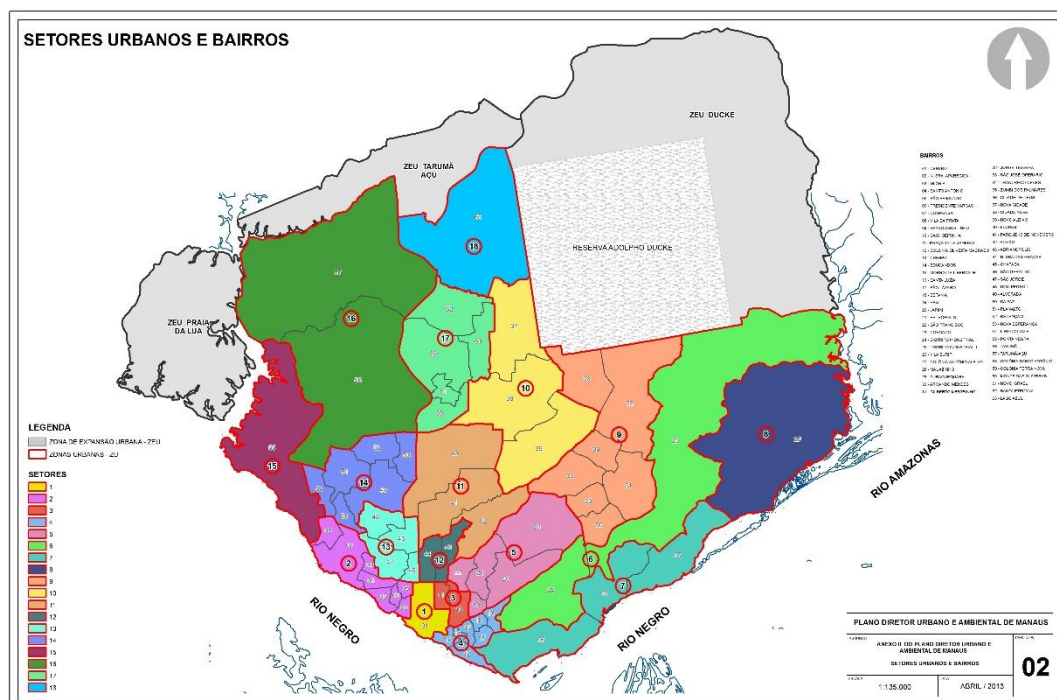
A definição da rede dos pontos de inquérito é uma das peças fundamentais do tripé básico para uma pesquisa de cunho dialetal, Segundo Cardoso (2010), essa rede é definida

¹¹ Disponível em: <http://www.manaus.am.gov.br/noticia/prefeito-obra-constantino-25/>

em razão geográfica ou de suas características linguísticas. Para tanto, envolve um criterioso estudo da localidade para definição dos pontos de inquérito.

A capital do Estado do Amazonas está dividida em seis zonas (sul, centro-sul, oeste, leste, centro-oeste e norte), segundo o Plano Diretor da cidade, elaborado pelo Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano –IMPLURB.

FIGURA 15-A DIVISÃO DOS URBANOS E BAIRROS DE MANAUS



Fonte: IMPLURB (2013)

A delimitação seria selecionar seis zonas, mas a partir dos aspectos histórico-geográficos e socioculturais de cada bairro, constatou-se que as zonas norte e centro-oeste de Manaus não tinham bairros com período de fundação/urbanização necessários conforme os critérios da metodologia da Geolinguística, ou seja, acima de 60 anos de criação.

Definiu-se, neste estudo, investigar 04 localidades, a zona Sul, Oeste, Leste e Centro-Oeste. Era intuito desta pesquisa investigar o principal bairro (com maior tempo de existência e urbanização) de cada zona citada, contudo, não foi possível a visita *in loco*, por diversos motivos: o primeiro seria, por certas áreas, onde ficam os falantes com perfil ideal, estarem com alta periculosidade, áreas muitas vezes tomadas por facções criminosas que tornaram difícil o

acesso (exceção do bairro Parque 10 de Novembro, considerada uma área privilegiada); o segundo motivo é a grande mobilização que população de áreas de igarapé sofreu com a ida para outras regiões da capital, pelos programas do governo PROSAMIM- Programa Social e Ambiental dos igarapés de Manaus, que contemplaram moradores destas áreas de risco e foram remanejados para residenciais do programa Viver Melhor, conforme disposto pelo Instituto Durango Duarte (2019). Logo, sendo dificultoso acesso a esses moradores mais antigos dessas regiões. Como solução, a pesquisadora considerou coletar dados em localidades onde se concentravam um número considerável de moradores dessa região, as feiras de Manaus e escolas que oferecem ensino de jovens e adultos- EJA. Este último, teve autorização documentada pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus- SEMED para, assim, obter o suporte necessário para execução da coleta para este estudo. Vale ressaltar que Manaus, como qualquer centro de grande fluxo, possui um movimento migratório, pois o informante ideal para esta pesquisa, tende a se mudar com frequência de bairro para bairro, inclusive de zonas.

Contudo, as entrevistas ocorreram somente com informantes que pertenciam a algum dos bairros¹², das zonas selecionadas, que obedeciam aos principais aspectos para esta pesquisa: maior tempo de fundação/urbanização e contingente populacional, bairros estes, das seguintes zonas a seguir:

QUADRO 1-BAIRROS MAIS ANTIGOS DA ZONA OESTE DE MANAUS

Zona Oeste		População	
Bairros	Ano de criação	IBGE-2010	Estimativa 2015/SEPLACIT
São Raimundo	1849	16.304	17.579
Glória	1930	8.239	10.255
Tarumã	1657/1970	26.360	32.038
Santo Antônio	1940	20.097	22.560
Ponta Negra	1950	15.773	18.947
São Jorge	1960	24.548	24.714
Compensa	1960	74.095	86.592
Vila da Prata	1970	11.461	12.608

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

A zona Oeste possui um número populacional ideal para esta pesquisa, assim como um grau de urbanização elevado.

¹² Nem todos os bairros das zonas definidas foram selecionados para esta pesquisa, por não estarem de acordo com os critérios estabelecidos na metodologia.

QUADRO 2-BAIRROS MAIS ANTIGOS DA ZONA SUL DE MANAUS

Zona Sul		População	
Bairros	Ano de criação	IBGE-2010	Estimativa 2015/SEPLACIT
Centro	1665-1890	28.336	37.892
Cachoeirinha	1892	18.706	19.353
Praça 14 de Janeiro	1892	11.409	11.704
Educandos	1856	15.635	18.107
N. S. Aparecida	1930	6.184	7.989
Colônia Oliveira Machado	1940	12.693	9.713
Betânia	1950	11.639	12.499
Morro da Liberdade	1950	13.046	13.599
São Francisco	1950	16.226	19.211
Presidente Vargas	1960	9.738	9.071
Distrito Industrial I e II	1960	29.120	3.092
Vila Buriti	1960	1.839	2.086
Crespo	1960	9.373	17.643
Raiz	1960	15.724	16.126
São Lázaro	1960	11.368	13.627
Petrópolis	1960	41.228	47.057
Japiim	1960	52.643	60.943

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

A região mais antiga de Manaus é a zona sul, onde se localizam os bairros mais antigos, que remontam à colonização da cidade, com grandes áreas comerciais e com bairros bem populosos.

QUADRO 3-BAIRROS MAIS ANTIGOS DA ZONA CENTRO-SUL DE MANAUS

Zona Centro-Sul		População	
Bairros	Ano de criação	IBGE-2010	Estimativa 2015/SEPLACIT
Parque 10 de Novembro	1938/1960	35.887	47.110
Chapada	1958	9.738	12.769
Adrianópolis	1950	7.987	10.102
Flores	1970	44.686	54.923
Aleixo	1970	18.432	23.586

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

A zona Centro-Sul possui bairros com idade fundação adequada, ou seja, o tempo de urbanização e, por consequência, o número populacional ideal.

QUADRO 4-BAIRROS MAIS ANTIGOS DA ZONA LESTE DE MANAUS

Zona Leste		População	
Bairros	Ano de criação	IBGE-2010	Estimativa 2015/SEPLACIT
Colônia Antônio Aleixo	1930	13.800	32.302
Puraquequara	1910	5.422	6.687
São José	1970	103.950	75.558
Armando Mendes	1987	20.887	32.302
Coroado	1971	46.234	58.641

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

A zona Leste possui bairros bastante populosos, porém, são poucos desses bairros, que possuem idade de fundação adequada para pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, será apresentado o objeto de estudo escolhido e serão abordadas as teorias que embasam esta pesquisa conforme a literatura revisada dos estudos produzidos até hoje.

Este trabalho se ampara nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana (1972) ou Sociolinguística Variacionista, pois são trabalhadas as variáveis dependentes /e/ e /o/ quais [i, u] caracterizam o fenômeno do alteamento, [ɛ, ɔ] caracterizam o abaixamento e [e, o] caracterizam a manutenção do fenômeno pretônico, e para o contexto tônico a variável vogal posterior média fechada /o/ em [ɔ, o, u] com os fenômenos do abaixamento, manutenção e alteamento, respectivamente. Como variáveis independentes foram controladas: localidade, sexo, faixa etária e escolaridade. A variável independente escolaridade foi somente utilizada para análise extralinguística, não computou para contabilidade dos dados no programa GoldVarb, pois é utilizada somente uma variante desta variável e o programa roda pelo menos duas variantes.

A variável ou regra variável é um construto proposto por William Labov com intuito de descrever os padrões de variação linguística. Uma variável compreende uma forma linguística que manifesta duas ou mais realizações observáveis, sendo cada realização chamada de variante. A forma linguística de uma variável possui diversas naturezas, essas, por sua vez, podem ser morfossintática, fonética-fonológica, semântica, discursiva. Logo, a coletada, descrita e analisada neste trabalho é de natureza fonética-fonológica.

A Sociolinguística é a área da linguística que busca compreender a relação entre linguagem e sociedade, postuladas em teorias por Labov (1972), particularmente a Sociolinguística Variacionista que trouxe pesquisa e reflexão dentro das comunidades linguísticas. Fundamentada em pressupostos -apesar de suas diferenças e particularidades- nos quais língua e sociedade são ligadas entre si, o que se confirma na fala de ALKIMIN (2012):

“Isto porque sociedade e língua são grandezas de ordem distinta, ou melhor, têm organizações estruturais diversas. Assim é que a língua se organiza em unidades distintas, que são em número finito, combináveis e hierarquizadas – o que não se observa na organização social”. (ALKIMIN, 2012, p.29).

Segundo Labov (1972) a língua está estruturada num conjunto de normas sociais fazendo parte dos processos sociolinguísticos, com isso, compreendemos língua como um comportamento social natural, inclusive, como fenômeno histórico por trazer consigo uma vasta bagagem de fatos narrativos da origem até o presente momento da humanidade. Ao ser considerada uma instituição social, a Língua foi abordada por Labov através de uma criação de um construto em que a variante permitiria desenvolver observações em direção às mudanças linguísticas nas comunidades de fala. Logo, o que se entende por variação depende do comportamento linguístico conforme a posição social ocupada pelo indivíduo (falante), assim tornou-se possível construir um conceito sistemático das estruturas linguísticas às estruturas sociais.

A Dialetoлогия é a ciência que faz a catalogação das falas regionais e suas diferenças. Até o final do século XIX foi uma das principais áreas de pesquisa da linguística. Ela compara e analisa as características e tendências linguísticas e tem como método específico a geografia linguística, colaborando na elaboração de atlas e mapas dialetais para mostrar as variações definidas pelas diferenças geográficas. A Dialetoлогия, segundo Dubois (1978), nomeia a disciplina que se incumbiu à função de descrever comparativamente os distintos sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica, sendo delimitada no espaço geográfico.

A heterogeneidade presente na língua, na fala e a diversidade do sistema linguístico devem ser observadas e analisadas. Portanto, pesquisas, como estas, contribuem para identificar as particularidades linguísticas de uma dada região e até mesmo do país.

2.1 A Sociolinguística

O termo Sociolinguística foi por vezes questionado ao referenciar a linha de estudo, por aparentemente, não contemplar os conceitos que ele realmente ampara, podendo deixar margem para interpretação de que a linguagem não estaria relacionada ao social (MONTEIRO, 2000).

Labov (1972) alegou ter resistido em apropriar-se do termo; Hymes (1997) acreditou que o termo gera confusão por permitir vários significados; Romaine (1994) afirma que o termo “sociolinguística” foi cunhado em 1950 para referir-se às perspectivas conjuntas que os linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre influências da linguagem na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade linguística” (MONTEIRO, 2000, p.25). Por isso, o surgimento das diversas nomenclaturas recebidas como a *Linguística sociológica*, (HALLIDAY, 1997), ou *sociologia da linguagem* que se assemelham com o termo hoje empregado para designar os estudos da linguagem em aspectos sociais. Contudo, o teórico

linguista William Labov distinguiu os termos ao dizer que a Sociolinguística era um estudo responsável pelo comportamento linguístico diante do social, aos domínios, chamados também de extralinguísticos referentes às práticas e relações sociais em situações comunicativas, já a Sociologia da linguagem tinha como objeto de estudo o social sobre a linguagem.

Desfeito a confusão de sentidos, a Sociolinguística, a ciência que estuda os fenômenos linguísticos ligados aos contextos socioculturais, está relacionada à sociedade e as línguas em geral, explicando a mutabilidade contínua existente em ambas (MONTEIRO, 2000). Ela observa a heterogeneidade linguística por meio dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, embasados em níveis estatísticos quantitativos ou qualitativos de uma pesquisa científica. Este estudo abrange tudo que inclui a teoria da variação e o que é pertinente para aplicação de uma regra variável, perpassando o âmbito dos contextos linguísticos (fala, escrita, estrutura morfossintática, etc.) quanto aos extralinguísticos (social, faixa-etária, sexo, nível escolar e outros). Segundo Dorian (1994), a heterogeneidade linguística implica a variabilidade social nos diversos usos das variantes linguísticas correspondentes às diversidades dos grupos sociais e ao cuidado que ela tem com as normas de prestígio.

A Sociolinguística pôde muitas vezes se comparar, em alguns detalhes característicos das teorias, com a Dialetoлогия, em que ambas atuam com os mesmos objetos de estudo. Porém, a Sociolinguística está estritamente relacionada à estruturação da análise linguística em pontos metodológicos e estatísticos distintos da Dialetoлогия, que possui por método a Geolinguística, com isso, sabendo que a distinção entre ambas teorias vai além dos aspectos metodológicos.

Na abordagem da variação na fala, objeto de estudo deste trabalho, compreende-se que a existência de variação possibilita a análise de diversas formas linguísticas que possam se referir ao mesmo objeto ou também está em outras estruturas e níveis como quando “um mesmo fonema se realiza em alofones distintos, um único referente nem sempre é designado por um só e mesmo vocábulo e as estruturas sintáticas geralmente apresentam alternâncias” (MONTEIRO, 2000, p.32). Mollica (2017) confirma ao chamar de dinamismo inerente quando as línguas por serem heterogêneas se apresentam dessas diversas maneiras, distribuindo -se em sistemas variacionais diferentes.

A Sociolinguística, portanto, tem por objetivo descrever as línguas em sua diversidade social e funcional. E a partir da coleta da fala pode, então, gerar dados que possibilitam a análise do fenômeno a ser investigado. Geralmente, esse fenômeno de início é uma intuição ou hipótese, que o pesquisador gera após a observação da mutabilidade linguística vista naquele

dado momento. Logo após, como um dos aspectos em abordagem, observa-se o contexto social em que está relacionado a variação da língua em uma comunidade, pois, dentro do modelo laboviano, a fala não estaria ligada a um indivíduo, mas a um grupo pertencente ao indivíduo, na comunidade de fala ou na comunidade linguística.

A comunidade linguística se assemelha com a comunidade de fala em que a primeira representa a língua ou dialeto de uma determinada região e a outra o perfil de cultura e pode ser diferente entre as comunidades de fala inseridas (MOLLICA, 2017). Como por exemplo, Brasil e Portugal que são da mesma comunidade linguística, mas se diferenciam na comunidade de fala, diversificadas nas normas e uso da língua.

“Comunidade de fala são todas as pessoas que usam uma dada língua ou dialeto (Lyons, 1970). Cada língua define uma comunidade de fala: o conjunto completo de pessoas que se comunicam entre si, seja direta ou indiretamente, por meio de uma linguagem comum (Hockett, 1958). Uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que interagem por meio da fala (Bloomfield, 1933). É um agrupamento humano caracterizado por frequente e regular interação, efetivada através de um mesmo sistema de signos verbais, e separado de agrupamentos similares por significantes diferenças no uso da linguagem (Gumperz, 1971 apud Monteiro, 2000, p.43).”

Segundo Mollica (2017) o uso da língua ou dialeto de uma certa cultura, o objeto de estudo da sociolinguística, chega incumbência de descrever, analisar e explicar a mudança ou a concorrência no campo da variação. E esta investigação partiu com intuito de coletar as ocorrências de variação e/ou mudança linguística, observando como se caracteriza uma determinada variação, como se comporta cada variável e se as variantes estão em processo de mudança, para avanço ou recuo, se é caso de variação estável ou de mudança em progresso.

2.2 A Dialetoologia: surgimento dos estudos dialetológicos

A Dialetoologia surgiu entre os séculos XIX e XX. É uma das áreas da Linguística que mais tem somado à ampliação do conhecimento linguístico, por meio dos variados fenômenos já pesquisados. A Dialetoologia tem como prática “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010).

A pesquisa dialetológica se faz através de uma coleta de dados com informantes cujo perfil possibilite não só o manejo da variação regional, mas também outras variáveis que sejam pertinentes para o objetivo real do estudo requerido. Portanto, em um trabalho de cunho dialetal, tem-se faixa etária, sexo, grau de escolaridade, profissão, inserção social, variáveis socioculturais que a Dialetoologia, juntamente com a Sociolinguística, identifica e controla em uma investigação.

Com o apoio da metodologia Geolinguística (ou Geografia Linguística), entre os anos de 1902 e 1910, o pesquisador Jules Gilliéron apresentou o *Atlas Linguístico da França (ALF)*, em parceria com Edmond Edmont (possuidor de admirável audição) que percorreu a zona rural francesa de bicicleta, selecionando informantes para as entrevistas (CARDOSO, 2010). O Atlas evidenciou os dialetos de uma língua, na busca por estudar os fenômenos encontrados por meio de uma coleta e análise do falar de 639 localidades, e a aplicação de um questionário de 1.900 perguntas em toda investigação.

O *Atlas linguistique de la France* teve grande importância para o início do que a Dialetoologia é hoje no campo de investigação linguística, pois foi o primeiro a apresentar o método em domicílio, a transcrição fonética sistemática e permitir que futuros dialetólogos criassem o construto que hoje é chamado de isoglossas, já que o intuito inicial do Atlas era para identificar e traçar possíveis fronteiras dialetais. Apesar das grandes críticas postas ao trabalho de Jules Gilliéron, devido às limitações presentes na época e o pouco conhecimento a princípio, muito pôde se observar sobre a complexidade linguística que uma língua dispõe, pois contribuiu para discussões em torno do funcionamento e sistematização em diferentes usos da língua.

O método Geolinguístico permite que os estudos dialetológicos contribuam para o conhecimento das variedades linguísticas, por meio da elaboração de atlas linguísticos. Os atlas linguísticos reúnem fenômenos expostos analiticamente aos usos da língua falada, podendo compreender as realizações linguísticas de indivíduos ou grupos sociais, assim, comprovando a heterogeneidade linguística. Dentro desta ideia, tem-se o Português brasileiro, possuidor de “subfalares”, diversidade social e cultural, como, o nortista, o nordestino, o sulista, entre outros. A língua é formada também por um *continuum* de dialetos geográficos e sociais, ou seja, uma vez que os dialetos estão em regiões geográficas próximas em que ficam, como por exemplo a região amazônica e as diversas cidades fronteiriças dentro da região, possuem semelhanças, ao mesmo tempo que ao se distanciarem, ganham mais diferenciações, com isso, aumentando as dificuldades de inteligibilidade mútua. Os denominados falares regionais, também estão, por exemplo, os falares considerados cultos, no extremo de um *continuum*, e os falares de não prestígio em virtude do baixo nível social dos falantes (entre os falares de homens e mulheres, jovens, idosos e crianças) (CARDOSO, 2010). Logo, os modos como se separam e se classificam os dialetos de uma língua são, de certo modo, arbitrários, dentro do âmbito linguístico, com critérios não linguísticos, mas de viés político, ideológico, sociocultural etc, como a delimitação de fronteiras entre Estados, Chambers & Trudgill (1994).

Cardoso (2010) evidencia alguns trabalhos dialetológicos que foram fundamentais para a promoção dos estudos dialetais como: em 1819, a produção da primeira descrição de um grupo de estudiosos alemães por J. Grimm; em 1821, a comparação entre a linguagem dos falantes do campo, dos falantes urbanos e dos falantes cultos, elaborada por J. A. Schmeller, com coleta de dados através de inquéritos sistemáticos na Baviera; e em 1826, as publicações do *Atlas Ethnographique Du Globe*, de Adrien Balbi, do *Atlas Linguistique de l'Europe* em 1841, de Bernardino Biondelli. Além da grandiosa coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France (ALF)*, de Jules Gilliéron e Edmond Edmont, iniciada em 1887. Cardoso (2010) destaca ainda, como um dos principais trabalhos, o levantamento da realidade linguística alemã elaborado por Wenker no final do século XIX. O trabalho que mostra o início da Geolinguística, foi o de Wenker, na Alemanha. A partir dos dados de 40.736 localidades e um total de 44.251 respostas coletadas por correspondência, Wenker procedeu ao registro da realidade dos usos linguísticos alemães, não havendo, no entanto, manejo controlável de variáveis de natureza social. Os primeiros resultados foram publicados em 1881, contudo, até o presente, não houve uma ampla divulgação dos dados obtidos.

Para a Dialectologia, no estudo da língua observa-se um fenômeno social, então, torna-se insubstituível que sejam também consideradas como elementos de investigação as variáveis de cunho social, que são fatores extralinguísticos que interferem diretamente nas variações dialetais. Portanto, as áreas da Dialectologia e Sociolinguística mostram ter o mesmo objetivo: que se ocupam também do estudo da variação linguística. No entanto, é possível delinear perfeitamente os objetivos das duas áreas, que se distinguem na forma de tratar os fenômenos e fatos linguísticos. Enquanto a Dialectologia prioriza elementos diatópicos, concentrando a descrição e a localização dos fatos considerados, observando itens relevantes dos fatores sociais na coleta e na análise dos dados, a Sociolinguística, centra-se na correlação entre a variação linguística e os fatores sociais, prioriza as relações sociolinguísticas, ainda que leve também em consideração o fator diatópico em suas análises (CARDOSO, 2010).

A Dialectologia no século XIX surge por meio do seu método específico, a Geografia Linguística ou Geolinguística, que implica em uma recolha sistematizada de dados, após a coleta e elaboração de cartas linguísticas ou mapas linguísticos, que servem para apresentar em um mapa, as regiões investigadas e os fenômenos encontrados, dispondo de uma visão ampla do comportamento de um determinado fenômeno linguístico, de acordo com a sua distribuição geográfica. Contribuição significativa para essa evolução é atribuída a Edgar Radtke e Harald Thun (1996), vindos com uma Geolinguística Moderna ou Pluridimensional (CARDOSO, 2010). O método Geolinguístico se constitui em um dos mais significativos para o registro e análise da diversidade linguística, sobretudo na Europa e nas Américas, e vem passando por constante evolução metodológica.

2.3 A Dialectologia no Brasil

Segundo Chambers & Trudgill (1994) na língua portuguesa há diversos dialetos, os conhecidos como “subdivisões” dentro de uma certa língua, um grupo complexo de variações que de modo homogêneo está presente em uma comunidade linguística. Portanto, fazendo parte deste conjunto dos dialetos do português pode-se encontrar, por exemplo, os dialetos sulistas, o mineiro, o nordestino, o nortista, entre outros. Estes dialetos fazem parte da característica linguística da “língua portuguesa brasileira”.

Segundo Nascentes (1952; 1953), a Dialectologia no Brasil teve duas fases que foram significativas: a primeira, em 1826, em que Adrien Balbi publica o Atlas *Ethnographique Du Globe*, com dados indispensáveis acerca do português brasileiro, dando início aos estudos de natureza dialetológica no Brasil, com uma contribuição introdutória de Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca - pertinente até 1920, ano de publicação de “O Dialeto caipira”, de Amadeu Amaral e a segunda, de 1920 até 1952. Também Cardoso e Ferreira (1994) determinaram três fases para a história dos estudos dialetais no Brasil, demarcando “três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas” (CARDOSO, 2010, p. 132). No entanto, essa delimitação de fases não está indo contra a de Nascentes. As autoras dão sequência à divisão de períodos até os dias atuais de sua época, sendo que Nascentes marca a data de 1952.

A primeira fase de 1826 a 1920, que recai por um século, é definida pela produção de pesquisas direcionadas ao léxico e suas particularidades no português do Brasil, geram diversos estudos, vários documentos, como inúmeros dicionários, vocabulários e léxicos regionais, estudos esses que CARDOSO (2010) cita como relevantes os:

“Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada, publicado pelo visconde de Beaurepaire-Rohan na Gazeta Literária, de 1883 a 1884, que foi, posteriormente, em 1889, transformado no Dicionário de vocábulos brasileiros (1976); O tupi na geografia nacional, de 1901, obra de Theodoro Sampaio (1983); que se detém na contribuição das línguas tupi ao português do Brasil; Glossário paraense, publicado em 1905, com o subtítulo Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó, de Vicente Chermont de Miranda, que declara, no prefácio da obra, fazer ela parte de um trabalho mais amplo, A criação de gado no Marajó; Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros, 1912, de P. Carlos Teschauer; Dicionário de brasileirismos, 1912, Rodolfo Garcia. (2010, p. 132)

Nesse mesmo período também se tem o primeiro estudo de natureza gramatical: “O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil”, de José Jorge Paranhos da Silva (1879). Ele aborda as diversas particularidades variacionais do português do Brasil em comparação ao português de Portugal.

A segunda fase em 1920-1950 é caracterizada como um momento em que os estudos dialetais são produções monográficas, examinando a realidade de áreas específicas, com uma maior observação, além do aspecto lexical, abordando também áreas da fonética, morfologia, sintaxe e semântica. (CARDOSO, 2010).

A publicação que inicia a segunda fase é o “Dialeto Caipira” (1920), de Amaral. É um estudo referente à região do estado de São Paulo onde se identificava como característico o falar caipira (CARDOSO, 2010). Logo após, é publicado “O linguajar carioca em 1922” de Antenor Nascentes, que, em sua segunda edição (de 1953), se intitula somente como “O linguajar

carioca”. O pesquisador define o que é compreendido por falares brasileiros e localiza o falar carioca dentre esses falares. Nascentes, após “percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá” (NASCENTES, 1953, *apud* Quara, 2012, p. 53), propõe uma demarcação de divisão dos falares brasileiros, sendo o primeiro e o único até o momento a apresentar, com fundamentação puramente linguística (CARDOSO, 2010).¹³

Outro destaque nessa segunda fase é a obra de Mário Marroquim, “A língua do Nordeste”, de 1934. Na terceira fase proposta por Cardoso e Ferreira (1994), iniciada em 1952, cujo marco é o Decreto n. 30.643, de 20 de março de 1952, o governo brasileiro ordenou que a *Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa* teria como seu principal intuito a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*. A partir deste, os primeiros atlas linguísticos regionais são publicados, sendo o primeiro deles o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, cuja publicação se deu em 1963 (CARDOSO, 2010). Nessa fase, fundamenta-se o desenvolvimento sistemático de estudos geolinguísticos.

A publicação de Serafim da Silva Neto, em 1957, “Guia para estudos dialetológicos”, foi outro grande incentivador da elaboração de um atlas linguístico do Brasil, bem como de atlas regionais. Tem-se ainda, com Antenor Nascentes, as “Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil”, dividida em dois volumes, o primeiro publicado em 1958 e o segundo em 1961.

Cardoso (2010) marca, por volta de 1996, a transição para uma quarta fase dos estudos dialetológicos no Brasil, apontada de forma notável pela retomada do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* e pela efetivação de pesquisas de caráter dialetológico e geolinguístico nas universidades brasileiras, refletida, principalmente, na implantação de projetos de atlas linguísticos regionais. Juntamente a esta nova fase, há incorporação de noções práticas pela Sociolinguística, como o controle sistemático das variáveis extralinguísticas, substituindo a concepção de monodimensional, “tradicional”, por Pluridimensional, o que Edgar Radtke e Harald Thun (1996) denominam como Geolinguística Moderna.

A Geolinguística Pluridimensional, amplia os aspectos que possui a monodimensional, tem-se além da metodologia do falante ideal (homem maior de idade, rural, analfabeto e sedentário), e além do parâmetro diatópico, as variáveis de cunho social (diagenérica, diastrática, diageracional, entre outras) e esta quarta fase é a passagem de limites do campo de estudo, que deixa de ser estritamente de dados fonético-fonológicos e semântico-lexicais,

¹³ Esta informação é pertinente somente até o ano datado de 1953, ano de realização do trabalho de Antenor Nascentes.

passando a complementar também com as noções e aspectos morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, entre outros (CARDOSO, 2010).

2.4 A Dialetoologia no Amazonas

Vários estudos de natureza dialetológica, assim como sociolinguísticos já foram concluídos no Estado do Amazonas, como pesquisas em caráter de iniciação científica (PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) e dissertações de mestrado a teses de doutorados. Todas as pesquisas direcionadas ao âmbito da geossociolinguística.

Por conta da elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004), muitas pesquisas em nível de graduação, iniciações científicas e monográficos puderam utilizar-se do levantamento dos dados investigados presentes no referido atlas e realizarem análises fonética-fonológicas e semântico-lexicais, logo, colaborando com os resultados dos fenômenos pesquisados. Alguns desses trabalhos são:

1. A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, em Parintins e Tefé. Projeto PIBIC, por Flávia Santos Martins, em 2006;
2. Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar dos municípios de Itacoatiara e Manacapuru. Projeto PIBIC, por Edson Galvão Maia, em 2006;
3. A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant. Projeto PIBIC, por Flávia Martins, em 2007;
4. Comportamento fonético-fonológico do –S pós-vocálico, nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas. Projeto PIBIC, por Hariele Regina Quara, em 2007;
5. Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá. Projeto PIBIC, por Daniele Dias, em 2007;
6. Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número, no falar dos habitantes do município de Benjamin Constant, por Flávia Martins, em 2008;

7. Estudos dialectológicos e sociolinguísticos do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas, por Edson Maia, em 2008;
8. Fenômenos pretônicos no falar amazonense. Projeto de PIBIC, por Bruna Kellen Almeida Tavares, em 2014;
9. Trabalhando os mapas geolinguísticos. Projeto de PIBIC, por Bryana Connie Linda Lopes Batista, em 2014;
- 10.¹⁴ As pretônicas no falar manauense. Projeto de PIBIC, por Bruna Kellen Almeida Tavares, em 2015;
11. Variação lexical em Manaus. Projeto de PIBIC, por Bryana Connie Linda Lopes Batista, em 2015.

Os trabalhos de iniciação científica foram realizados pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, onde se encontram para acesso à comunidade acadêmica e futuras pesquisas.

Muitos estudos em nível de pós-graduação foram produzidos no Estado do Amazonas também, em especial, pesquisas em nível fonético-fonológico, a saber:

1. A dissertação de mestrado “O falar do Caboclo amazonense - Aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves” (CORRÊA, 1980);
2. “Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus” (CUNHA E SILVA, 1980);
3. A tese de doutorado “Atlas Linguístico do Estado do Amazonas-ALAM” (CRUZ, 2004);
4. “Comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves” (SILVA, 2009);
5. “Atlas dos Falares do Baixo Amazonas-AFBAM” (BRITO, 2011);
6. “As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)” (QUARA, 2012);
7. “Atlas linguístico dos falares do Alto Rio Negro-ALFARIN” (JUSTINIANO, 2012);

¹⁴ Apesar da utilização de outros dados em outras localizações, os itens 10. e 11. foram baseados nas pesquisas metodológicas do ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas.

8. E na tese “Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)” (AZEVEDO, 2013).

Dessa forma, foi possível tecer comparações entre os dados obtidos em alguns desses trabalhos elencados nos parágrafos anteriores, principalmente nas teses de Cruz (2004) e Azevedo (2013).

Além desses trabalhos, temos o de Bisol (1981) que, com fundamentos dos seus estudos sobre a fala gaúcha, observou que a presença de uma vogal tônica nasalizada está apenas para o alteamento da pretônica anterior /e/. Bisol (1981) concluiu, ainda, que o alteamento ocorreu envolvendo os seguintes contextos:

- a) As consoantes palatais [ʎ] e [ɲ] favoreceram o alteamento de /e/ e de /o/ na posição seguinte. Tendo como exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *melhor* e *sonhar* como [mi. 'ʎɔ] [su.'ɲa];
- b) As consoantes labiais favorecem o alteamento de /o/ em posição pretônica. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *política* e *boneca* como [pu.'li.ti.kɐ] e [bu.'nɛ.kɐ];
- c) As consoantes velares favorecem o alteamento na posição precedente e seguinte. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *segunda* e *querido* como [si.'gũ.da] e [ki.'ri.dõ]

Nos estudos de Cunha e Silva (1980) sobre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de Manaus, foram encontradas as seguintes realizações pretônicas, caracterizando os fenômenos da manutenção, do abaixamento e do alteamento:

- a) Como variantes médias altas [e] e [o], diante de vogais médias altas tônicas [e] e [o]. Exemplos: nos vocábulos *pegou*, *peguei* e *adorei*, produzidos, respectivamente, como [pe.'gow], [pe.'gej] e [a.do.'rej];

- b) Como vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogal baixa oral [a] ou nasal [ã]. Exemplos: nos vocábulos *pegamos*, *adoramos* e *noção*, produzidos, respectivamente, como [pɛ.ˈga.mõʃ], [a.dɔ.ˈra.mõʃ] e [nɔ.ˈsãw] ;
- c) Como vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogais médias baixas na sílaba tônica [ɛ] e [ɔ]. Exemplos: nos vocábulos *proposta* e *negócio*, produzidos, respectivamente, como [pɾɔ.ˈpɔʃ.ta] e [nɛ.ˈgɔ.siu];
- d) Como vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogais médias altas nasais [ẽ] e [õ]. Exemplos: nos vocábulos *setembro* e *problema*, produzidos, respectivamente, como [sɛ.ˈtẽ.brõ] e [pɾɔ.ˈblẽ.mɐ];
- e) Como vogais altas [i] e [u], diante de [ʃ], de hiato e de vogal alta [u]. Exemplos: nos vocábulos *extrato*, *passoar*, *voar* e *peru*, produzidos, respectivamente como [iʃ.ˈtra.tõ], [pa.si.ˈah], [vu.ˈah] e [piˈ. ru].
- f) Concluiu ainda, que na época, na década de 1980 do século passado, predominavam vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ] na fala manauara.

Em 2004, foi elaborado como tese de doutorado o *Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM*, por Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, no Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Foi o primeiro Atlas da região do Amazonas, investigando nove municípios representativos das nove microrregiões pertencentes ao estado. Foram investigados os seguintes municípios: Benjamin Constant (representante da Microrregião do Alto Solimões), Tefé (Microrregião do Juruá-Solimões-Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas).

No referido Atlas foram investigados vários fenômenos fonético-fonológicos e semântico-lexicais. O comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ e da vogal tônica /o/ são um dos fenômenos fonético-fonológicos estudados.

O estudo teve como resultado, após análise, as variáveis intralinguísticas:

- Antes de vogal tônica nasal;
- Antes de hiato;
- Antes de vogal tônica alta;
- Antes de vogal tônica fechada; e
- Antes de vogal tônica aberta.

A pesquisadora identificou as seguintes realizações pretônicas, caracterizando os fenômenos da manutenção, abaixamento e alteamento, destacando o da manutenção em /e/ e /o/ na localidade de Parintins:

- O fenômeno da manutenção da variante média alta, na localidade de Parintins, nos exemplos dos vocábulos em [e]: *bebida, depois, educação, mentira, peixinho, estragada, esgoto, espinha, pescoço, tesoura, presente, melancia, melhor, perfume, perdido, queimar, leilão, leiloeiro, real, reais, botinho, desovar, resultado, devagar, remédio e medicina* e em [o]: *tomate, colheita, notícia, obrigado, afogar, conversando, conheço, comer, mosquito, desovar, trovão, inocente, polvilho, chorão, morreu, assoalho, coador, goiaba, proibido, oitenta, magoado, canoinha, outubro, orelha, coração, joelho, comadre, bonito, assobio, soldado e advogado.*

A partir da análise dos vocábulos do ALAM, Cruz (2004) concluiu sobre o falar da região amazônica que há ocorrência das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos seguintes âmbitos:

Para a vogal média anterior, quando em contexto pretônico, realizou-se como [ɛ, e, i]:

- I. Para ocorrência da variante aberta (abaixamento) em:
 - a) A vogal tônica também aberta:
 - r[ɛ]al e r[ɛ]ais com percentual 100%;
 - r[ɛ]sultado em 92%;
 - m[ɛ]lhor em 68%;
 - e em manutenção:
 - m[e]lhor em 32%.
 - b) A vogal tônica com nasalidade:
 - pr[ɛ]sente em 83%;

e em manutenção:
pr[e]sente em 17%.

II. A presença de vogal tônica também fechada:

a) A vogal tônica fechada:

d[e]pois em 90%;

p[e]scoço em 100%;

dir[e]tora em 100%;

t[e]soura em 68%; e em alteamento:

t[i]soura em 32%;

b) A vogal tônica alta para variante alta [i] em [ɛ, e, i]:

b[e]bida em 81%;

b[i]bida em 19%;

p[e]rfume em 70%;

p[ɛ]rfume em 30%;

p[e]rdido em 45%; e

p[ɛ]rdido em 55%.

Destes resultados, nota-se que as variantes média baixa e média alta estão em concorrência.

III. Nos âmbitos com ocorrência da variante alta (alteamento) são:

a) A presença da vogal média anterior seguida de(s), pelo prefixo *-des* ou não como em:

d[i]sovar com 76%; e

d[i]vagar com 69%.

b) Vogal média inicia sílaba e antecede /S/ em coda silábica:

[i]stragada com 97%;

[i]spinha com 74%; e

[i]sgoto com 87%.

c) Com a vogal pretônica nasal, como já conhecido por maior tendência de alteamento:

m[ĩ'] tira em 43%.

Para vogal média posterior, quando em contexto pretônico realizou-se em [ɔ, o, u]:

- I. Contextos de maior ocorrência da variante aberta (abaixamento) são:
 - a) A presença de vogal tônica também aberta em:
 - adv[ɔ]gado em 100%; e
 - s[ɔ]ldado em 77%.
- II. A presença da consoante labial ou velar em contexto precedente é comum e é justificado como um condicionador do alteamento da média posterior, por exemplo em:
 - c[**u**]madre em 60%.
- I. Contexto das vogais com nasalidade fonológica.
 - a) Vogal nasal em:
 - c[**õ**]madre em 15%; e
 - c[**ũ**]madre em 41%.
 - b) Vogal tônica nasal aberta:
 - ch[ɔ]rão em 88%; e
 - c[ɔ]ração em 100%.

Nota-se que esta realização é bastante significativa para ocorrência da variante fechada, como em:

- in[**u**]cente em 45%; e
 - tr[**u**]vão 57%.
- II. A presença de vogal tônica fechada, variante fechada [o], predomina nas ocorrências no falar amazonense:
 - m[**o**]rreu em 100 %;
 - [**o**]relha em 90%;
 - c[**õ'**]versando 100%; e
 - [**o**]itenta em 100%.
 - I. Para contextos de maior ocorrência da variante alta, tem-se:
 - a) A presença de vogal tônica alta em:
 - b[**u**]nito com 82%; e
 - ass[**u**]bio com 71%.
 - b) Vogal pretônica em contexto de hiato em:
 - j[**u**]elho com 69%; e

mag[**u**]ado com 84%.

A partir dessas realizações pode-se caracterizar ou constatar a predominância das variantes fechadas [e] e [o] no falar da região amazônica.

Quara (2012) constatou, no contexto atual da sua pesquisa, a predominância de vogais médias pretônicas fechadas [e] e [o] também a existência da predominância das variantes altas [i] e [u] em alguns contextos intralinguísticos específicos. A partir das pesquisas realizadas, pôde concluir, de maneira geral, que atualmente o panorama das realizações das vogais médias pretônicas mudou, porque não se encontrou de forma predominante realizações de vogais abertas [ɛ, ɔ] nem de vogais altas [i, u] em todos os registros analisados. Por outro lado, na maioria dos contextos linguísticos predominaram as variantes fechadas [e] e [o].

Azevedo (2001), em seu estudo envolvendo os falantes oriundos do rio Juruá/AM (afluente do rio Solimões), em análise da presença das vogais pretônicas, concluiu o seguinte sobre os três fenômenos vocálicos envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/:

I. Para o alteamento de /e/ em sua realização como [i] e como [ĩ]:

- a) Esse fenômeno ocorreu predominante ou de forma categórica em início absoluto de palavra e sendo seguido pela consoante alvéolo palatal [ʃ]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *espírito* e *enxugar*, respectivamente como [iʃ.ˈpi.ri.t̃õ] e [ĩ.ʃu.ˈgah];
- b) Ocorreu também no contexto precedente ao [s] e no contexto seguinte ao [z]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *semente*, *besouro* e *tesouro*, respectivamente, como [si.ˈmẽ.tʃĩ], [bi.ˈzo.r̃õ] e [tʃi.ˈzo.r̃õ];

II. Para o abaixamento em sua realização como [ɛ]:

- a) Esse fenômeno se realizou como [ɛ] antes de vogal baixa oral [a], antes de vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] e antes de vogais médias altas nasais [ẽ] e [õ]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *negócio*, *pesadelo*, *setembro* e *redondo* como [nɛ.ˈgɔ.sju], [pɛ.za.ˈde.lõ], [sɛ.ˈtẽ.brõ] e [hɛ.ˈdõ.dõ].

III. Para a manutenção de /e/ em sua realização como [e]:

- a) Esse fenômeno ocorreu de forma predominante ou categórica diante de vogal média alta [e]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *beber* e *descer* como [be.'be] e [de.'se].

IV. Para o alteamento de /o/ em sua realização como [u]:

- a) Esse fenômeno ocorreu de forma categórica ou quase categórica diante da vogal tônica [a] e da vogal tônica [e], vogais formadoras de hiato. Exemplo: nas formas produzidas dos vocábulos *arpoar* e *joelho*, respectivamente, como [ah.'pu.ah] e [ʒu.'eʎõ].
- b) Por influência da consoante bilabial nasal [m] no contexto precedente ao /o/. Exemplo: na forma produzida do vocábulo *mojica* como [mu.'ʒi.kɐ];

V. Para o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ]:

- a) Em sua realização como [ɔ] ocorreu de forma predominante ou de forma categórica diante de vogal média baixa [ɛ], vogal baixa oral [a] ou nasal [ã] e vogal média alta nasal [e]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *picolé*, *ovado* e *problema* como [pi.kɔ'.lɛ], [ɔ.'va.dõ] e [prɔ.'blɛ.mɐ]

VI. Para a manutenção de /o/ em sua realização como [o]:

- a) Ocorreu de forma predominante e de forma categórica em vocábulos, nos quais as vogais tônicas eram vogais médias altas [e] e [o] e vogais altas [i]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *coroa*, *morena*, *outubro*, *dolorido* e *colorido* como [ko.'ro.ɐ], [mo.'re.nɐ], [do.lo.'ri.dõ] e [ko.lo.'ri.dõ].

Portanto, as ocorrências fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ podem ocorrer por assimilação consonântica ou por assimilação dos traços fonéticos da vogal tônica em um processo chamado de harmonia vocálica.

Constatou ainda que houve predominância da regra um, de Cunha e Silva em que as vogais médias pretônicas /e, o/ se realizam como [ɛ], [ɔ] quando a tônica for aberta, baixa ou vogal média alta nasal.

No Quadro 1, encontramos os grupos de vogais pretônicas no português do Brasil, cuja flutuação existente entre [ɛ, ɔ]~[e, o]~[i, u], marca, sobretudo, a variação dialetal (SILVA, 2014, p. 81).

QUADRO 5-VOGAIS PRETÔNICAS ORAIS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Horizontal	Anterior		Central		Posterior	
Vertical	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred
Alta		I			u	
Média-alta		E			o	
Média-baixa		(ɛ)		(ə)	(ɔ)	
Baixa				a		

Fonte: Silva (2010)

Os estudos sobre a variedade dialetal têm crescido significativamente, pois se observou o interesse pelas diversas manifestações, em diferentes contextos em todos esses anos de pesquisas executadas na região e pelo país.

3 OS FENÔMENOS INVESTIGADOS

Esta pesquisa obedece aos critérios estabelecidos pelos estudos dialetológicos, através dos métodos da Geolinguística, com apoio da Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972). O objeto de estudo investigado nesta pesquisa é o comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, na região da cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

As variações em posições tônicas e pretônicas nos referidos fenômenos, além de apontarem para variação condicionada pelos contextos intralinguísticos, também apontam para a influência dos contextos extralinguísticos, como:

- Variação diatópica (as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão espaço, distância geográfica);
- Variação diagenérica (gêneros masculino e feminino);
- Variação diageracional (faixa etária);
- Variação diastrática (escolaridade, classes sociais); e
- Variação diafásica (diálogos entre indivíduos da comunidade pesquisada, como questionário, fala de elocução livre, entre outras).

Esta pesquisa foi descrita por esses contextos, porém, para análise em contexto da variação diafásica foi estabelecida apenas por questionário fonético-fonológico e fala de elocução livre, sendo essa última apenas para armazenamento no banco de dados para futuras pesquisas.

A variação regional do português brasileiro tem na língua uma fala muito homogênea, como quando um nortista pode muito bem entender o que alguém do Sul diz, ou o paraense compreender o carioca, porém, diferentemente será com o português europeu em comparação com a variação diatópica do português brasileiro. Logo, é possível acertar a procedência geográfica do falante pelo modo como falam, isto, também, é possível por meio de estudos que identificaram algumas variedades regionais, como o do paulista, carioca, paraense, amazonense, entre outras. Vale ressaltar que a formação do português brasileiro é consequência de muitas migrações internas, através das atividades de extrativismo, da seca que marcou a retirada de muitos das regiões escassas, no tempo áureo da borracha ou na busca por emprego durante o crescimento civil em São Paulo, ou pela construção do plano piloto (Brasília).

A formação do falar nortista não foi diferente, e observa-se na construção do vocabulário ou na literatura oral da região amazônica, como por exemplo, a influência do indígena, em

lendas, histórias populares, termos ou expressões de origem indígena, como: “*até o tucupi*”, “*cunhantã*”, “*curumim*”, “*guaranã*”, entre outros. Além do indígena, houve também a influência nordestina, vindo desta origem os termos: “*arrudear*”, “*bucho*”, “*caga-raiva*” e “*desconforme*”, segundo Freire (2011). Isso tudo pôde somar para que a região amazônica armazenasse em seu vocabulário e gerasse outras criações no léxico regional.

A variedade regional amazônica caracteriza o falar amazônico determinando por fatos de ordem fonético-fonológica e morfossintática, como uma das áreas de estudo que auxiliam este trabalho, destacando-se a primeira ordem, por meio dos traços de pronúncia. Para esta caracterização do falar, utiliza-se as vogais médias pretônicas e tônicas descritas mais à frente.

Apesar dos estudos dialetais no Estado do Amazonas ainda serem pouco difundidos, há registros do alteamento destas vogais, em investigações de pesquisas anteriores registradas nos falares amazônicos. Tendo em vista a necessidade de corroboração ou refutação dos resultados obtidos nessas pesquisas, é que se faz necessário um estudo mais criterioso dessas vogais, com intuito de descrever e caracterizar o falar desta região, somando à pesquisa dialetal na região Norte e das zonas dialetais do Brasil.

3.1 A vogal tônica posterior média fechada /o/

Segundo Callou e Leite (1999) no âmbito dos estudos da fonética, as vogais estão conceituadas como sons produzidos com a redução do espaço da cavidade oral em consequência da proximidade da língua e do palato, sem que a passagem do ar seja interrompida na linha central, com isso, não havendo obstrução, nem fricção de ar no trato vocal no âmbito da fonologia. As vogais se diferenciam das consoantes por formarem núcleo de sílaba, podendo ocorrer acento de tom e/ou força. Na identificação e descrição dos sons vocálicos, consideram-se os seguintes aspectos:

- Posição da língua em termos de altura (baixas, médias e altas);
- Posição da língua em avanço ou recuo (anterior, central e posterior); e
- Presença e ausência do arredondamento labial.

Como apresentado no quadro abaixo das vogais tônicas orais:

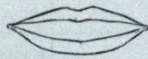

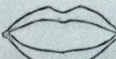



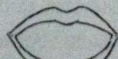
Quadro 6-Vogais tônicas orais

	anterior	Central	Posterior
	Não-arred		Arred
Alta	I		u
média-alta	E		o
média-baixa	ε		ɔ
Baixa		A	

Fonte: elaborado pela pesquisadora

A articulação de um segmento vocálico gera o arredondamento dos lábios, permitindo que os lábios estejam **estendidos** (distensos) ou **arredondados** (SILVA, 2014, p. 68). Dessa forma, o falante pronuncia as vogais em [i, ê] **ipê**, [a, ó] **avó**, [ô] **avô**, [é] **fé**, [u] **pacu**, movimentando a posição dos lábios, produzindo arredondamento ou não. A tabela abaixo apresenta a classificação das vogais de acordo com altura da língua e arredondamento (ou não) de lábios durante a articulação de um segmento vocálico:

FIGURA 16- ARTICULAÇÃO DO SEGMENTO VOCÁLICO

Altura da língua	Lábios distendidos	Lábios arredondados
Alta	[i] 	 [u]
Média-alta	[e] 	 [o]
Média-baixa	[ɛ] 	 [ɔ]
Baixa	[a] 	[ɐ]

Fonte: in Seara (2005) p. 53/adaptado de
Cristóforo - Silva (2002) p. 69

A altura da língua, ao pronunciar as vogais tônicas orais, é classificada em alta, média-alta, média-baixa e baixa, anterior, central ou posterior. Logo, tendo variação entre as vogais [ɛ, ɔ], [e, o], [i, u] e [a], respectivamente, em fenômenos de abaixamento, manutenção e alteamento, seja em posição inicial, medial ou final. Como exposto na descrição ou caracterização do falar da região¹⁵.

“A distribuição das vogais tônicas orais é homogênea em todas as variedades do português brasileiro.” (SILVA, 2014, p. 79), e são idênticas para todos os dialetos do português, podendo ocorrer flutuação nas pronúncias das vogais conforme ditas dentro dos falares das regiões, com isso, fazendo-se presente por meio das variantes fonéticas. Para tanto, investiga-se o comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ em ausência ou presença do fenômeno do alteamento na capital do Amazonas, uma vez que, em pesquisa nas regiões próximas da capital, dentro do Estado, detectaram ocorrências do fenômeno.

Nas figuras abaixo está o posicionamento da língua quanto a altura dentro da cavidade bucal de acordo com a articulação de cada vogal pronunciada:

FIGURA 18- ARTICULAÇÃO DA VOGAL /E/

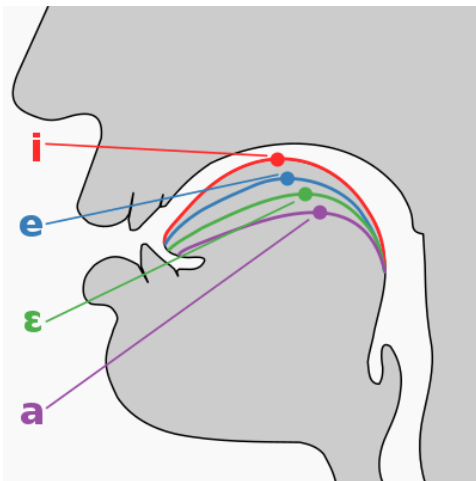
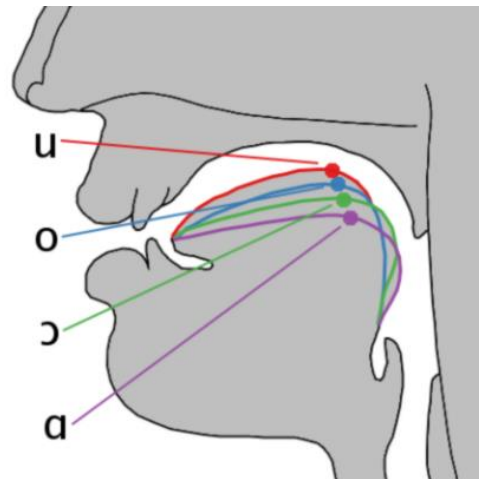


FIGURA 17- ARTICULAÇÃO DA VOGAL /O/



Fonte: [https:// commons.wikimedia.org/](https://commons.wikimedia.org/)(adaptado)

Corrêa (1980) identifica o fenômeno do alteamento [u], no comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/, com predominância nas localidades de Itacoatiara e Silves,

¹⁵ No Amazonas a vogal tônica posterior média fechada /o/ tem sido realizada foneticamente em [u] (b[uto), (ass[ua), e (can[ua) caracterizando fenômeno do alteamento. Segundo Corrêa (1980), Silva (2009) e Cruz (2004).

porém, Silva (2009) constata o fenômeno do alteamento [u] em extinção, uma vez que a vogal em posição tônica média fechada /o/ realizou-se em vogal baixa [ɔ] em concorrência com variante fechada [o], em ambas realizações o percentual foi maior que o fenômeno do alteamento [u]. O resultado da investigação de Silva (2009) corrobora com os resultados que Cruz (2004) obteve em sua pesquisa, constatando o fenômeno do alteamento em vogais tônicas médias fechadas /o/ em fase de extinção.

3.2 As vogais médias pretônicas /e/ e /o/

Conforme dito subseção anterior, as vogais são classificadas também, pela posição que a altura da língua está durante a articulação das vogais, sendo classificadas em altas, médias e baixas, e, para descrever ou identificar um tipo de falar, são utilizadas as vogais pretônicas [i, e, o, u] que são geralmente pronunciadas de modo idêntico nos dialetos das regiões brasileiras. São ocorrentes na variação entre as vogais [ɛ, ɔ], [e, o] e [i, u], respectivamente em fenômenos de abaixamento, manutenção e alteamento pretônico. De acordo com o quadro das vogais pretônicas orais do português, temos:

QUADRO 7- QUADRO DAS VOGAIS PRETÔNICAS ORAIS DO PORTUGUÊS

Horizontal	Anterior		Central		Posterior	
	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Média-baixa		(ɛ)		(ə)	(ɔ)	
Baixa				a		

Fonte: elaborado pela pesquisadora

As duas realizações fonéticas que atuam sobre as vogais médias pretônicas no português brasileiro são: o fenômeno do abaixamento, isto é, quando as vogais médias [e] e [o] em posição pretônica se transformam em [ɛ] e [ɔ], como pode ocorrer com os vocábulos *escola*, pronunciado [ɛ]scola e *colher*, pronunciado c[ɔ]lher; e a de alçamento, quando [e] e [o] são realizados [i] e [u], o que se verifica, por exemplo, em *tesoura* e *notícia*, pronunciados t[i]soura e n[u]tícia, respectivamente.

A investigação das vogais médias pretônicas surgiu a partir da divisão dialetal estipulada por Nascentes (1953), identificando os falares brasileiros em duas áreas, a região Sul em [e] e [o] da região Norte em [ɛ] e [ɔ]. Esta divisão foi fundamental para nortear as primeiras pesquisas sobre as realizações das vogais médias em contexto pretônico, pois foi possível

investigar ao utilizá-la como parâmetro para constatação ou não dessa afirmação, observando cada fenômeno e predominância das vogais médias pretônicas nas localidades investigadas.

O fenômeno do abaixamento obedece a vários condicionamentos. Noll (2005) constata que há uma tendência ao abaixamento em palavras provenientes de processo de derivação e composição, como: as terminadas em *-mente*, sufixos de diminutivo e de aumentativos, superlativos e compostos. Incluindo as palavras polissílabas na formação de um acento secundário, condicionando o abaixamento. Contudo, esta pesquisa não utilizará em sua análise palavras com a presença de diminutivos/aumentativos ou com sufixos adverbiais em *-mente*.

Cruz (2004) verificou que a presença da vogal tônica aberta na palavra predispõe que a pretônica também seja pronunciada de modo aberto. Para estas realizações condicionantes, Bisol (1981) chama atenção para o aspecto do processo da harmonização vocálica, ao notar o fenômeno do alteamento (alçamento), de acordo com o condicionamento pela vogal tônica.

A harmonização vocálica é um processo fonológico em que um ou mais traços de uma vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um **domínio** ((SILVA, 2011, p. 131), no caso, como as palavras que têm vogais médias-altas: horroroso h[o]rr[o]r[o]so, pr[o]f[e]ss[o]ra; em baixas: c[e]nh[e]ço; ou em altas: perigo p[i]r[i]go e comida c[u]m[i]da.

As consoantes labiais na sílaba pretônica, *p*, *b*, *f*, *v*, e *m*, também são determinantes para o condicionamento da ocorrência de alteamento, do mesmo modo que o prefixo *des-*, e o travamento da sílaba por fricativa. São vistos também nos contextos em que a vogal média antecede /S/ em coda silábica, como em [i]stragada, Quara (2011). No trabalho de Cruz (2004), o estado do Amazonas apresentou o maior número da variante aberta, embora se verifiquem, também, vários contextos de predominância das vogais fechadas.

O trabalho “O falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves” de Corrêa (1980) documentou as primeiras realizações das vogais médias em contexto pretônico no Amazonas. A investigação nas regiões de Itacoatiara e Silves obtiveram o fenômeno do alteamento (alçamento) do /o/ tanto em contexto pretônico quanto em contextoônico, em diversos ambientes.

Silva (2009) verificou também o comportamento das vogais médias pretônicas nos municípios de Itapiranga e Silves, obedecendo à faixa etária de 18 a 35 anos (faixa 1), 36 a 55 anos (faixa 2) e acima de 56 anos (faixa 3) e aos sexos masculino e feminino, como propostos neste trabalho e pelo Atlas Linguístico do Amazonas- ALAM, Cruz (2004). Nos resultados

finais de Silva (2009) estão descritos os fenômenos predominantes de /e/ e de /o/, pelas variáveis independentes gênero, faixa etária (1, 2 e 3) e localidade (Itapiranga e Silves).

Para realização da vogal média pretônica em /e/, a pesquisadora descreveu que no município de Itapiranga o fenômeno do alteamento foi predominante em relação ao sexo masculino em 44,4%, sendo este mesmo percentual para o sexo feminino em Silves. Em relação à faixa etária, em Itapiranga, ocorreu predominância da variante fechada, em 52,1%, e em Silves, a variante alta em 47,9% ambas na faixa 1.

Em relação à vogal média pretônica /o/, em Itapiranga, identificou-se a realização da variante fechada em 40,3% para o sexo masculino e em Silves predominou a variante alta em 45,6% para o feminino. Para faixa etária em Itapiranga foi predominante a variante fechada em 48,3% na faixa 1 e em Silves predominou a variante alta em 60% na faixa 3.

QUADRO 8-CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FENÔMENOS PREDOMINANTES NAS LOCALIDADES DE ITAPIRANGA E SILVES EM /e/ E /o/ POR SILVA (2009).

Variável	Itapiranga /e/	Silves /e/	Itapiranga /o/	Silves /o/
Masculino	[i]	-	[o]	-
Feminino	-	[i]	-	[u]
Faixa 1	[e]	[i]	[o]	-
Faixa 2	-	-	-	-
Faixa 3	-	-	-	[u]

Fonte: elaborado pela pesquisadora

A pesquisadora concluiu que a vogal /e/ no contexto pretônico em Itapiranga tem a realização da variante alta maior no sexo masculino, porém, em Silves, maior no sexo feminino. Enquanto na faixa etária em Itapiranga predomina a realização da variante fechada e em Silves, predomina variante alta, ambas na faixa 1. A vogal /o/, em contexto pretônico, em Itapiranga, predomina a realização da vogal fechada, tanto em gênero masculino quanto na faixa etária 1,

mas em Silves, predomina a realização da variante alta, tanto em gênero feminino quanto na faixa etária 3. Conforme exemplificado no quadro 8 acima.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado nos bairros mais antigos pertencentes a quatro zonas da cidade de Manaus (AM). Entre as seis zonas da cidade, somente quatro foram escolhidas por obedecerem aos critérios estabelecidos pela Dialectologia, como o tempo de existência e número devido de habitantes. As zonas escolhidas foram as seguintes: zona Sul, zona Leste, zona Oeste e zona Centro-Sul.

Para a obtenção dos dados foi utilizado um questionário fonético-fonológico, contendo vocábulos selecionados previamente, e a fala espontânea. Foram analisados os dados computados para verificar qual variante das vogais pretônicas /e/ e /o/ e qual variante da vogal tônica (alteamento, abaixamento e manutenção) é o mais produtivo.

Neste capítulo, trata-se do processo metodológico seguido da estrutura devida a esta pesquisa: o perfil dos pontos de inquérito e dos informantes; o percurso da coleta de dados e aplicação do questionário fonético-fonológico; o processo de coleta das elocuições livres e seus objetivos; a metodologia abordada na análise, na transcrição e na contabilização dos dados pelo programa computacional; e a confecção das tabelas para apresentação dos dados com peso relativo.

4.1 A pesquisa bibliográfica

Para nortear esta pesquisa, utilizou-se o método geolinguístico obedecendo aos critérios estabelecidos pelos princípios deste recurso, utilizado pela Dialectologia, com intuito de traçar o comportamento da vogal da tônica posterior média fechada /o/ e das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na cidade de Manaus (AM).

Esta pesquisa também se ampara nos princípios da sociolinguística Variacionista de William Labov (1972).

4.2 Perfil dos informantes

A seleção dos informantes para esta pesquisa seguiu os seguintes parâmetros:

- Morar em Manaus e não ter se ausentado de Manaus por mais de 1/3 de sua vida;

- Ter idade a partir de 18 anos;
- Pais e cônjuges nascidos no mesmo local; e
- Boas condições de fonação.

Como esta pesquisa pretende também contribuir com o *Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM*, de CRUZ (2004) seguiu-se o mesmo perfil utilizado. Foram selecionados seis informantes (ver Quadro 1): três homens e três mulheres com idades de 18 a 35 anos (faixa etária 1), de 36 a 55 anos (faixa etária 2) e acima de 56 anos (faixa etária 3) que possuíssem o ensino fundamental incompleto, analfabetos ou com até a 5ª série do ensino fundamental, para cada ponto de inquérito investigado, conforme foi realizado no *ALAM*, total de 24 informantes em toda pesquisa executada.

QUADRO 9-PERFIL DO INFORMANTE

Informante	Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Zonas
01 (H1)	Homem	18-35	Analfabeto ou até a 5ª série do Ensino Fundamental	Sul-Oeste-Leste-Centro-Sul
02 (M1)	Mulher	18-35	Analfabeto ou até a 5ª série do Ensino Fundamental	
03 (H2)	Homem	36-55	Analfabeto ou até a 5ª série do Ensino Fundamental	
04 (M2)	Mulher	36-55	Analfabeto ou até a 5ª série do Ensino Fundamental	
05 (H3)	Homem	56 ∞	Analfabeto ou até a 5ª série do Ensino Fundamental	
06 (M3)	Mulher	56 ∞	Analfabeto ou até a 5ª série do Ensino Fundamental	

Para representar as informações sobre as mulheres foi adotado M1, M2, M3 e M4 (mulher 1, mulher 2, mulher 3 e mulher 4), e para os homens H1, H2, H3 e H4 (homem 1, homem 2, homem 3 e homem 4). A convenção adotada para representar a faixa etária foi F1, de 18 a 35 anos, F2, de 36 a 55 anos e F3, de 56 em diante. No que diz respeito à escolaridade, temos escolaridade Ensino Fundamental incompleto até a quinta série ou analfabeto).

4.3 Questionário e elocuições livres

Para obtenção dos dados foi utilizado o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) de Silva (2009) com devidas adaptações para atender as necessidades desta pesquisa. O questionário aplicado possui 98 perguntas, contando com o auxílio de figuras que orientavam o informante quanto às perguntas abordadas, que geraram respostas de 98 vocábulos com as vogais médias em contextos tônicos e pretônicos.

Além da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), a investigação *in loco* dispõe de fala espontânea, “fala produzida em condição real de uso, ou seja, em uma situação

comunicativa, propensa à ocorrência de fenômenos linguísticos como o apagamento ou lenição.” (SILVA, 2011, p. 107), que irá compor o banco de dados de elocuições livres para futuras investigações linguísticas. A conversação livre permite que o informante fique mais à vontade para descrever e narrar sobre suas vivências na localidade ou sobre alguns fatos importantes da região, o que contribui de forma significativa para análises posteriores das situações discursivas.

4.4 Recolha de dados

Os dados foram coletados mediante o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), junto à conversação livre, alternando, com uma breve conversa introdutória, para conhecer melhor o informante e a localidade. Para o armazenamento das entrevistas foi utilizado um aplicativo gravador de *smartphone*, que permite trabalhar o ambiente com ruídos e alterando elementos acústicos para o momento em que a pesquisadora precisou analisar os áudios e transcrevê-los.

FIGURA 19- ENTREVISTA PARA COLETA



FIGURA 20- ENTREVISTA PARA COLETA



Inicialmente, foi solicitada a permissão dos informantes para gravação das entrevistas, tanto a fala espontânea quanto a aplicação do questionário. A duração ocorreu em torno de 30 minutos a 1 hora, com intervalos, quando necessário. Todas as entrevistas foram realizadas pela

própria pesquisadora e onde os informantes residem ou o local da preferência deles para melhor comodidade.

4.5 Transcrições e informatização dos dados

Sendo este trabalho de cunho dialetológico, faz-se necessária a utilização de transcrição fonética para investigação dos fenômenos abordados. Em toda a transcrição fonética foi utilizado o Alfabeto fonético internacional-IPA. Ao registrar a pronúncia de um enunciado, por meio de uma transcrição fonética, torna-se possível observar as realizações e constatar ausência ou presença de um fenômeno.

QUADRO 10- SÍMBOLOS FONÉTICOS CONSONANTAIS RELEVANTES PARA TRANSCRIÇÃO DO PORTUGUÊS.

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		X Y	h ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ỹ		
Tepe	voz			ʀ				
Vibrante	voz			ʁ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ɭ		ʎ ɸ		

Fonte: Silva (2014)

Os dados coletados foram salvos em arquivos no computador para análise dos áudios, gerou-se um levantamento de dados e codificação para inseri-los no programa computacional GOLDVARB X e obter resultados através do peso relativo e percentuais.

A codificação dos dados foi feita pelo os programas *Word* e *Excel*. Os dados de cada variante das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e da vogal tônica posterior média fechada /o/ receberam um código, uma mistura de letras e números, de acordo com a localidade investigada, representados no quadro abaixo.

QUADRO 11-VARIANTE COM AS RESPECTIVAS CODIFICAÇÕES.

variável /e/			
variante=código	zona=código	gênero=código	faixa etária=código
ε = E	Leste = L	Masculino= H	18-35 = 1
e = e	Sul = S	Feminino= M	36-55 = 2
í = i	Oeste = O		56... = 3
	Centro-sul = C		

Fonte: elaborado pela pesquisadora

QUADRO 12-VARIANTE COM AS RESPECTIVAS CODIFICAÇÕES.

variável /o/			
variante=código	zona=código	gênero=código	faixa etária=código
o = c	Leste = L	masculino= H	18-35 = 1
o = o	Sul = S	feminino= M	36-55 = 2
u = u	Oeste = O		56... = 3
	Centro-sul = C		

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Estes dados serão inseridos no banco de dados para futuras pesquisas linguísticas.

4.5.1 GoldVarb X

O programa GoldVarb X foi desenvolvido com intuito de realizar estudos sociolinguísticos quantitativos em análise de regra variável. O GoldVarb X oferece análise de regressão múltipla para cobrir os conjuntos de dados em que as variáveis independentes, bem como fatores categóricos, que podem ser internos ou externos ao sistema linguístico (TAGLIAMONTE, 2006). Então, apresenta resultados de regressão logística em unidades chamadas pesos dos fatores e outros pacotes de programas computacionais que consideram o log (probabilidades).

O programa ajuda e melhora o mecanismo de análise no estudo da variação no uso da língua e as condições diferenciadas ou “regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas de cada contexto.” (NARO, 2017, p. 15), ou seja, facilita identificar os efeitos dos fatores condicionantes sobre certas variantes de uma variável com agilidade e eficácia. Pois, a Sociolinguística Variacionista tem como um dos seus objetivos a compreensão da variação sistemática, que compete “a variação inerente, e dos eventuais processos de mudança linguística subjacentes à variação linguística ou à heterogeneidade ordenada, nos termos de Weireich, Labov & Herzog (1968)” (SCHERRE & NARO, 2017, p, 176)

São seis etapas envolvidas na metodologia da análise de regra variável: definição das variáveis dependente e independente (linguísticas e extralinguísticas); delimitação da amostra; obtenção dos dados; transcrever e codificar os dados. Ao codificar planeja-se o sistema de codificação, em que se define para cada fator das variáveis dependentes e independentes (linguísticas e extralinguísticas) um código e mediante isto, deve-se quantificar os dados, propondo medir a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos na aplicação da regra. Para cada fator da pesquisa, foi atribuído um valor numérico estatístico (percentuais e pesos relativos).

Ao interpretar os resultados, envolveram-se, nessa etapa, a compreensão e a análise dos resultados obtidos pelo programa. Na segunda etapa foram discutidos e analisados sobre os resultados obtidos na rodada de dados acerca da função social das variáveis sociais da pesquisa sociolinguística, elencando os resultados propostos pela aplicação da regra variável.

4.6 Apresentação dos dados

Por este trabalho ser de cunho quantitativo, para melhor exemplificação dos dados, foram utilizadas tabelas com representações gráficas, que foram feitas a partir de programas computacionais como o Excel e Word. Para melhor exposição dos dados por zonas, foram disponibilizadas tabelas, de acordo com as zonas, faixas etárias e sexo para exposição dos fenômenos predominantes nas zonas investigadas. Os gráficos demonstram em números percentuais e quantitativo do uso de cada variante. Toda montagem da apresentação dos dados foi por meio do programa GoldVarb X, descrito acima.

Os dados foram classificados para análise em contextos linguísticos e extralinguísticos e apresentados em parte, inicialmente, os resultados quantitativos desta pesquisa, com número

percentual das variantes oriundas das variáveis dependentes e independentes, cada variante. Em seguida, sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e da tônica posterior média fechada /o/, de acordo com contextos fonético-fonológicos.

QUADRO 13-VOCÁBULOS E DISTRIBUIÇÃO CONTEXTUAL LINGÜÍSTICO DA VOGAL MÉDIA ANTERIOR

VOGAL MÉDIA PRETÔNICA /e/			
NÚMERO	CONTEXTO	SEGMENTO	VOCÁBULOS
1.	VOGAL TÔNICA FECHADA	/o/	TESOURA, PROFESSORA, PESCOÇO, TEMPORAL
2.	VOGAL TÔNICA ALTA	/i/	MENINO, BEBIBA, PERDIDO,
		/u/	PERFUME
3.	VOGAL TÔNICA ABERTA	/a/	TEATRO, DEVAGAR
		/ɔ/	MELHOR
4.	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/ũ/	DEFUNTO
5.	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/ẽ/	ENCHENTE, MENTIRA, TEMPORAL
6.	DE(S)-(PREFIXO OU NÃO)	DES-	DESMAIO, DESOVAR
7.	VOGAL INICIA SÍLABA TRAVADA POR -S	/eS/	ESCOLA, ESCOVA, ESTRAGADA ESQUECER, ESPINHA

Fonte: elaborado pela pesquisadora

QUADRO 14 VOCÁBULOS E DISTRIBUIÇÃO CONTEXTUAL LINGÜÍSTICO DA VOGAL MÉDIA /o/

VOGAL MÉDIA PRETÔNICA EM /o/			
NÚMERO DO CONTEXTO	CONTEXTO	SEGMENTO	VOCÁBULOS
8.	VOGAL TÔNICA FECHADA	/e/	MORCEGO, COMER,
		/o/	COROA, PROFESORA, ABOTOA, COTOCO
9.	VOGAL TÔNICA ALTA	/i/	NOTÍCIA, ASSOPIO/ASSOVIO, BONITO, MOSQUITO, DORMIR, PROIBIDO
10.	VOGAL TÔNICA ABERTA	/a/	TOMATE, COMADRE, ADVOGADO, OBRIGADO, SOVACO, TEMPORAL, DESOVAR, GOIABA

11.	VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/ã/	TROVÃO, BOTÃO
		/ẽ/	INOCENTE
12.	VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA	/õ/	LOMBRIGA
13.	VOGAL PRETÔNICA EM CONTEXTO DE HIATO	/e/	JOELHO
		/a/	TOALHA, COADOR, ASSOALHO/SOALHO

Fonte: elaborado pela pesquisadora

QUADRO 15- VOGAL TÔNICA POSTERIOR MÉDIA FECHADA /o/

Vocábulo + Contextos		
Inicial	Medial	Final
Abóbora	Curiosa	Cantor
Colhe	Aborto	Avô
Dorme	Adoça	Coador
Podre	Afoga	
Proa	Almoço	
Popa	Caboclo	
Boca	Calombo	
Bolsa	Canhoto	
Bota	Caroço	
Sopa	Assoa	
Corpo	Abotoa	
Cores	Cotoco	
Copo	Gaiola	
Corda	Escola	
Gorda	Escova	
Foto	Piolho	
Fogo	Pamonha	
Forno	Pescoço	
Osso	Tesoura	
Ouro	Canoa	
Poço	Coroa	
Sogro	Patroa	
Trouxa		
Boto		
Poça		
Lobo		
Lombo		
Óculos		
Olho		
Voa		

Fonte: elaborado pela pesquisadora

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO DA VOGAL TÔNICA POSTERIOR MÉDIA FECHADA /O/ E DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MANAUS (AM).

Para apresentação dos dados de modo quantitativo é exposto o resultado geral das ocorrências das vogais médias pretônicas em Manaus, tanto de /e/ como de /o/, destacando as variantes (aberta, fechada ou alta) que predominam no falar dos informantes. Em seguida, é feita a exposição das ocorrências da vogal tônica posterior média fechada /o/ (aberta, alta, fechada).

Os dados também são apresentados conforme a realização das vogais /e/ e /o/ seguido do comportamento da vogal tônica média posterior /o/, de acordo com as variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária, e as zonas, como estabelecido na metodologia. São feitas considerações acerca do fenômeno em estudo de acordo com as variantes intralinguísticas controladas, ou seja, considerando os contextos fonético-fonológicos, buscando explicitar a ocorrências das variantes condicionadas pelos contextos linguísticos em que estão inseridas.

Resultados Gerais

Nos quatro pontos de inquérito investigados, a vogal média anterior /e/ em contexto pretônico pode ser realizada como [e], como [ɛ], caracterizando abaixamento, ou como [i], caracterizando alteamento.

TABELA 2- VOGAIS PRETÔNICAS EM /E/, NÚMERO E PERCENTUAL TOTAL DE OCORRÊNCIAS

/ɛ/		/e/		/i/	
Nº de Dados	Percentual	Nº de Dados	Percentual	Nº de Dados	Percentual
17	3,6%	213	45,4%	239	51%

A vogal média posterior /o/ em contexto pretônico pode ser realizada como [o], como [ɔ], caracterizando abaixamento, ou como [u], caracterizando alçamento/alteamento.

TABELA 3- VOGAIS PRETÔNICAS EM /o/, NÚMERO E PERCENTUAL TOTAL DE OCORRÊNCIAS

/ɔ/		/o/		/u/	
Nº de Dados	Percentual	Nº de Dados	Percentual	Nº de Dados	Percentual
40	6,1%	365	55,5%	253	38,4%

De acordo com os resultados do GoldVarb X, o maior número percentual gerado é das variantes altas para /e/ e das variantes fechadas para /o/, o que não corrobora a hipótese de Nascentes (1953), ao caracterizar os falares do norte do país, aponta que prevalece o uso das variantes abertas. Porém, esse resultado ratifica os dados do ALAM (CRUZ, 2004), que apresentava uma tendência para variante alta, em vocábulos como [i]stragada, [i]spinha (**antecedidas pelo /s/ em coda silábica**), d[i]sovar, d[i]vagar e m[i]'tira (com nasalidade de natureza fonológica), como também, para vogal média pretônica /o/, os vocábulos b[u]nito, e ass[u]bio.

Para o fenômeno da manutenção em [o], registra-se os vocábulos m[o]rreu e [o]relha.

A vogal média posterior /o/ em contexto tônico pode ser realizada como [o], como [ɔ], caracterizando abaixamento, ou como [u], caracterizando alteamento.

TABELA 4-VOGAL TÔNICA POSTERIOR MÉDIA FECHADA /o/, NÚMERO E PERCENTUAL TOTAL DE OCORRÊNCIAS

/ɔ/		/o/		/u/	
Nº de Dados	Percentual	Nº de Dados	Percentual	Nº de Dados	Percentual
286	23,8%	914	76,0%	3	0,2%

Os resultados gerados pelo GoldVarb X indicam uma tendência para extinção da realização variante alta [u], a ocorrência houve somente no vocábulo ab[u]t[u]a, o que pode ser explicado pelo fenômeno fonológico da Harmonia vocálica quando um traço de uma vogal se propaga para outros segmentos vocálicos, segundo Silva (2011). A predominância da variante fechada, caracterizando a manutenção é significativa, em concorrência da variante aberta [ɔ].

Silva (2009) quando investigou a vogal /o/ em contexto tônico e as vogais /e/ e /o/ em contexto pretônico, nos municípios de Itapiranga e Silves, apontou que a vogal /o/ em contexto tônico tem “pouca produtividade” da variante alta [u], mesmo que ainda ocorra mais em Silves que Itapiranga, o fenômeno é insignificante. Os resultados de Silva (2009) apresentam também, concorrência entre as variantes fechadas [e o], e as variantes altas [i u] em contexto pretônico, observando a produtividade menor das variantes abertas [ɛ] e [ɔ], contribuindo para hipótese de Nascentes (1953):

Pode-se dizer que, na fala dos municípios em foco, não há uma peculiaridade linguística que possa caracterizá-las como pertencentes ao grupo sulista ou ao nortista; no entanto, o que se pode afirmar é que a fala dos itapiranguenses e dos silvenses está numa fase intermediária entre os dois grandes grupos estabelecidos por Nascentes (1953). Desta forma, pode-se ampliar a divisão de Nascentes (1953), ao invés de dois grupos, têm-se, agora, três: o grupo que realiza essas vogais como abertas /ɔ/, o grupo que realiza como fechada e o grupo que realiza, ora como fechada, ora como alta. E, essa alternância de realização, fechada X alta, é o dado linguístico inovador, desta pesquisa, que caracteriza a fala dos municípios pesquisados. (SILVA, 2009, p.61)

Para análise mais aprofundada dos dados pelo PR- Peso Relativo, algo necessário pela limitação do programa, foram excluídas da rodada a variante aberta [ɛ] da variável /e/ e a variante alta [ɔ] da variável /o/ em contexto pretônico, por terem menor ocorrência, ou seja, menor concorrência com as outras duas variantes, e a variante alta [u] da vogal /o/ em contexto tônico, o que apresentam os registros de predominância nos últimos estudos na região norte. Dessa forma, as seguintes análises serão, em contextos extralinguísticos, para observar as ocorrências das variáveis dependentes, controladas nesta pesquisa, relacionadas às variáveis independentes, com base no PR.

5.1 Vogal média pretônica /e/ de acordo com contextos extralinguísticos

Os vocábulos analisados nesta pesquisa foram extraídos do questionário fonético-fonológico de Silva (2009), adaptado para este estudo, como justificado na metodologia desta pesquisa. Os vocábulos foram:

- Teatro
- Menino
- Bebida*
- Mentira*
- Escola
- Escova
- Enchente*
- Estragada*
- Defunto

- Esquecer*
- Espinha*
- Pescoço
- Desmaio*
- Tesoura*
- Melhor*
- Perfume*
- Perdido*
- Desovar*
- Professora*
- Temporal*
- Devagar*

5.1.1 Variação no eixo diagenérico

As realizações de [ɛ], [e] e [i] totalizam 469 ocorrências, das quais 232 foram encontradas na fala de informantes do sexo masculino e 237 do sexo feminino, distribuídas conforme Tabela 5:

Tabela 5- Resultado quantitativo das ocorrências das variantes [ɛ, e, i] para gênero

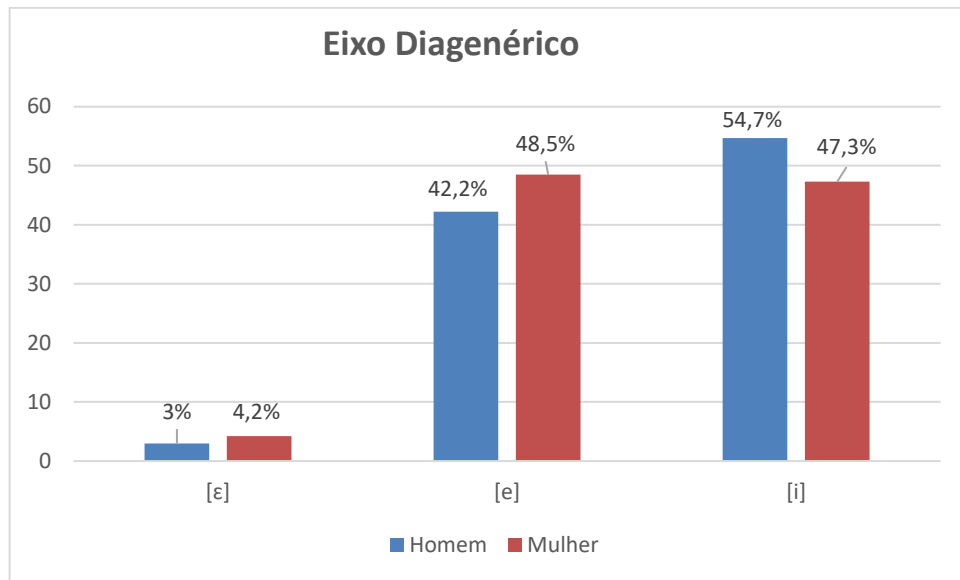
Gênero	[ɛ]	[e]	[i]	Total	PR ¹⁶	Signif.	Input
Mulher	10/469	115/469	112/469	237	.46	0.000	0.535
Homem	7/469	98/469	127/469	232	.54		

Fonte: elaborada pela pesquisadora

Nos resultados gerais das ocorrências de [ɛ], [e] e [i], verifica-se que, tanto as mulheres quanto os homens entrevistados realizam predominantemente o uso da variante alta [i], seguido do uso da variante fechada [e].

¹⁶ Resultado geral da aplicação da regra das variantes [e] e [i], pois foram as de maiores predominâncias. Excluída a variante [ɛ].

GRÁFICO 1-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DA VOGAL ANTERIOR POR GÊNERO



Dessa forma, representa 47,3% e 54,7% para [i], respectivamente e 48,5% e 42,2% para [e], respectivamente. A variante aberta [ε] permanece em equilíbrio entre si, com pouca significância.

5.1.2 Variação no eixo diageracional

Para 469 ocorrências de [ε], [e] e [i], são 155 da 1ª faixa etária (18 a 35 anos), 156 da 2ª faixa (36 a 55 anos) e 158 da 3ª faixa (acima de 55 anos), distribuídas da seguinte maneira:

TABELA 6-RESULTADO QUANTITATIVO DAS OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES [ε, e, i] DO FENÔMENO PARA FAIXA ETÁRIA

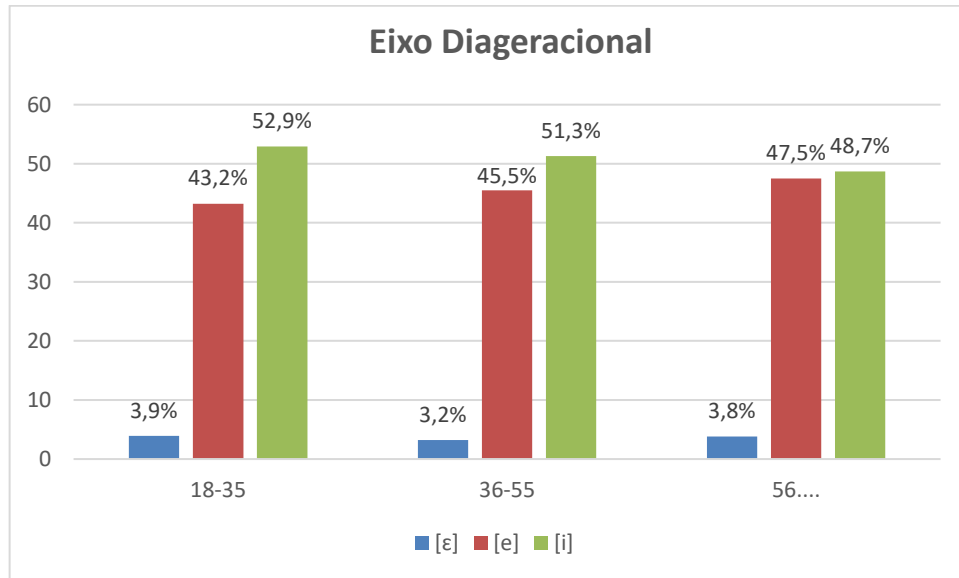
Faixa Etária	[ε]	[e]	[i]	Total	PR	Signif.	Input
1ª (18-35)	6/469	67/469	82 /469	155	.54	0.000	0.535
2ª (36-55)	5/469	71/469	80/469	156	.49		
3ª (56...)	6/469	75/469	77/469	158	.47		

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

Analisando o resultado gerado pelo GoldVarbX, acima apresentado, verifica-se que o uso da variante alta é predominante nas três faixas etárias, enquanto que o uso das variantes

aberta e fechada são menores, nas três faixas etárias, sendo a variante aberta ocorrendo com menor significância, conforme o gráfico 2 abaixo:

GRÁFICO 2-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DA VARIÁVEL ANTERIOR POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

O Gráfico acima apresenta os dados da primeira faixa etária (18-35) que possui o uso expressivo da variante alta (52,9%), do mesmo modo, nas 2ª e 3ª faixas, 51,3% e 48,7% respectivamente. Desta forma, conclui-se que também nesta variável a ocorrência da variante [ε] é de pouca significância.

5.1.3 Variação no eixo diatópico

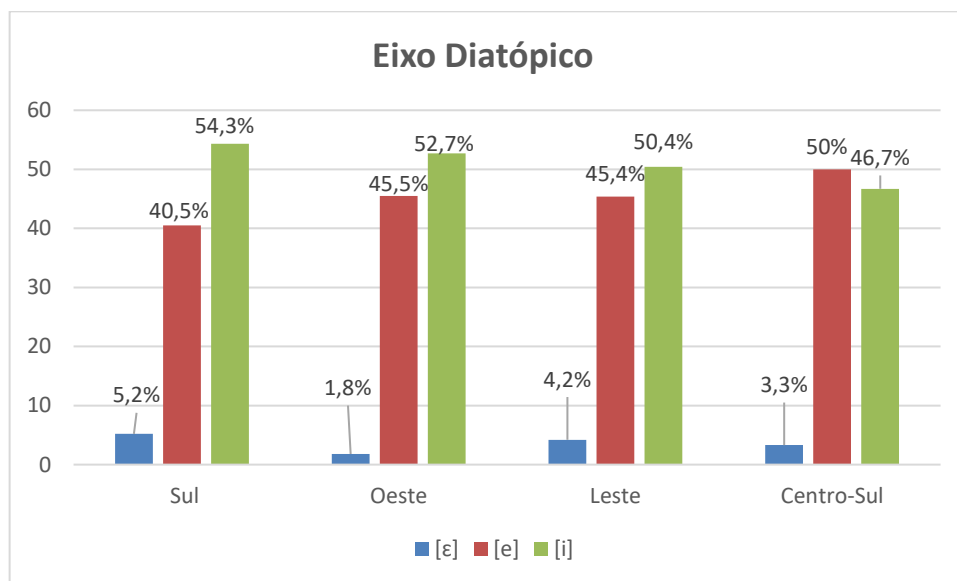
Das 469 ocorrências de [ε], [e] e [i], são 116 no total da Zona Sul, 112 da Zona Oeste, 119 da Zona Leste e 122 da Zona Centro-Sul. Distribuídas da seguinte maneira:

TABELA 7-RESULTADO QUANTITATIVO DAS OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES [ɛ, e, i] POR PONTO DE INQUÉRITO

Zonas	[ɛ]	[e]	[i]	Total	PR	Signif.	Input
Sul	6/469	47/469	63/469	116	.58	0.000	0.535
Oeste	2/469	51/469	59/469	112	.52		
Leste	5/469	54/469	60/469	119	.48		
Centro-Sul	4/469	61/469	57/469	122	.42		

Nesta rodada do programa, de modo geral, também é predominante o uso da variante alta por esta variável extralinguística, com exceção da zona Centro-Sul que apresenta o uso da variante fechada com maior incidência, conforme ratificado no gráfico com percentual dos pontos de inquérito abaixo:

GRÁFICO 3-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DE /e / POR PONTO DE INQUÉRITO



Fonte: elaborado pela pesquisadora

Os dados percentuais das ocorrências de /e/ por ponto de inquérito apontam que em todas as zonas investigadas o uso da variante alta ocorre de forma categórica. A zona de maior incidência é a Sul, que mais emprega o uso em 54,3%, e a zona Centro-Sul com o menor emprego em 46,7%, onde há também a maior ocorrência do fenômeno da manutenção em 50%. O uso da variante aberta tem baixa incidência nos quatro pontos de inquérito controlados nesta

pesquisa, apresenta o mesmo percentual para todas as zonas, com 5,2% para zona Sul, 1,8% para zona Oeste, 4,2% para zona Leste e 3,3%, respectivamente.

5.2 Comportamento de /e/ por contexto fonético fonológico (intralinguístico)

A partir da análise dos dados gerados pelo programa GoldVarbX, constata-se a predominância do uso da variante alta [i] quanto ao comportamento da variável dependente /e/, em relação às variáveis independentes, controladas nesta pesquisa. Para tanto, em contextos linguísticos as ocorrências da variante aberta [ɛ] e de manutenção [e] foram verificadas também, isso, devido à predominância do uso dessas variantes em contextos específicos. Logo, segue apresentação do comportamento da vogal média anterior pretônica referente a 07 contextos fonéticos- fonológicos: **vogal tônica fechada, vogal tônica alta, vogal tônica aberta, vogal tônica de nasalidade fonológica, vogal pretônica de nasalidade fonológica, vogal pretônica na sequência des e vogal pretônica inicia sílaba travada por /s/.**

5.2.1 Vogal tônica fechada

A variante fechada é predominante em vocábulos que possuem vogal tônica fechada, encontrando-se em alguns casos em dominância na variante alta, mesmo não na totalidade como alguns vocábulos, conforme apresentado na tabela a seguir.

TABELA 8-OCORRÊNCIA DE /E/ EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA FECHADA

VOGAL TÔNICA FECHADA						
Vocábulos	[ɛ]/oc.	[e]/oc.	[i]/oc.	PR	Signif.	Input
		62	7			
TESOURA		75%	25%	.08	0.000	0.538
PROFESSORA		100%				
PESCOÇO		100%				
TEMPORAL		100%				

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

Dos 04 vocábulos investigados, 03 apresentam emprego 100% da vogal pretônica fechada, com a exceção de *tesoura*, com ocorrência da variante fechada [e] (75%) e do alteamento [i] (25%). Estes vocábulos não apresentam ocorrência do fenômeno do

abaixamento, teoricamente porque obedeceriam a realização da vogal tônica estabelecido pelo processo de harmonização vocálica.

5.2.2 Vogal tônica alta

Em vocábulos que têm a vogal tônica alta há, por atuação de processo de harmonização vocálica, uma concorrência entre a variante fechada e a aberta, ou fechada e alta.

TABELA 9- OCORRÊNCIA DE [e] EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA ALTA

VOGAL TÔNICA ALTA						
Vocábulos	[ɛ]/oc.	[e]/oc.	[i]/oc.	PR	Signif.	Input
	4	64	20			
MENINO		20%	80%	.21	0.000	0.538
BEBIBA		95,7%	4,3%			
PERDIDO		100%				
PERFUME	16,7%	83,3%				

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

De modo geral, ocorreu o fenômeno da manutenção com vocábulos *b[e]bida* (95,7%), *p[e]rdido* (100%), *p[e]rfume* (83,3%), esta mesma predominância é relatada nos dados do ALAM (CRUZ, 2004), em um artigo de Brandão e Cruz (2005). A realização do vocábulo perfume em variante aberta [ɛ] está em concorrência com a variante fechada [e], apesar da pouca significância. A variante alta ocorreu, significativamente, no vocábulo *m[i,ĩ]nino*, demonstrando a regra da harmonia vocálica (BISOL, 1981). Nesse contexto, essa variante se mostrou produtiva em Manaus, o que comumente ocorre em outras localidades, porém, gerando um aumento desse fenômeno comparado aos dados investigados no Amazonas.

5.2.3 Vogal tônica aberta

Os vocábulos que possuem vogal tônica aberta apresentam o emprego da variante aberta, quando estão condicionados à harmonização vocálica, havendo, no entanto, a predominância de outras variantes em determinadas palavras.

TABELA 10-OCORRÊNCIA DE /E/ EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA ABERTA

VOGAL TÔNICA ABERTA						
Vocábulo	[ɛ]/oc.	[e]/oc.	[i]/oc.	PR	Signif.	Input
	13	12	39			
DEVAGAR		8,3%	91,7%	.74	0.000	0.538
MELHOR	72,2%	27,8%				
TEATRO		26,1%	73,9%			

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

O vocábulo *melhor* apresentou o emprego da variante aberta (72,2%) com maior incidência, em seguida da variante fechada (27,8%), sem a realização do alteamento, diferente do que foi coletado no *ALAM*, que obteve registro de m[i]lhor.

Contudo, verificou-se a predominância da variante alta para *devagar*, assim como nesta pesquisa também foi predominante a variante alta em 91,7% para o mesmo vocábulo, e 8,3% para variante fechada e sem ocorrência para [ɛ]. Em *teatro* nota-se que predomina o emprego da variante alta (73,9%), havendo, de modo expressivo, percentual da variante fechada 21,1%.

5.2.4 Vogal tônica de nasalidade fonológica

Em vocábulos com vogal tônica de nasalidade fonológica, ocorre maior incidência do uso da variante aberta, seguido das variantes fechadas e altas, conforme estudos na região, *ALAM* (CRUZ, 2004). Para tanto, este estudo considerou necessário a investigação do vocábulo com presença da tônica que apresenta nasalidade de natureza fonológica em /u/ para complementar este estudo.

TABELA 11-OCORRÊNCIA DE /E/ EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA

VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA						
Vocábulo	[ɛ]/oc.	[e]/oc.	[i]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	6	16			
DEFUNTO		33,3%	66,7%	.70	0.000	0.538

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

Para o vocábulo *defunto*, a variante alta [i] (66,7%) ocorreu de modo significativo, também em concorrência, apesar de um percentual baixo, com a variante fechada (33,3%). Para tanto, a predominância do fenômeno do alteamento é justificada pelo fenômeno da harmonia vocálica, muito relatado na literatura dos estudos fonéticos-fonológicos.

5.2.5 Vogal pretônica de nasalidade fonológica

Os estudos de vocábulos que apresentam a pretônica de nasalidade fonológica, em regiões como no interior do Amazonas e do Pará, segundo Brandão e Cruz (2005), indicam uma grande tendência para ocorrências do fenômeno do alteamento. Dessa forma, observa-se, na Tabela 12 abaixo, a predominância da variante alta, conforme os estudos citados.

TABELA 12-OCORRÊNCIA DE /e/ EM VOCÁBULOS COM VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA

VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA						
Vocábulo	[ɛ]/oc.	[e]/oc.	[i]/oc.	PR	Signif.	Input
		35	20			
ENCHENTE		46,7%	53,3%	.33	0.000	0.538
MENTIRA		43,5%	56,5%			
TEMPORAL		100%				

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

Os vocábulos de maior incidência de alteamento foram *enchente* (53,3%), mas não tão distante, tem-se a variante fechada 46,7% de [e], apresentando concorrência entre si. Vale ressaltar que somente 15 de 24 informantes souberam responder, quando não, realizavam o vocábulo como “jẽtjĩ”, havendo o fenômeno da redução vocálica (SILVA, 2011).

5.2.6 Vogal pretônica na sequência DES-

Segundo Cruz (2004), os vocábulos que iniciam com sequência DES-, sendo prefixo ou não, demonstram tendência para o alteamento.

TABELA 13-OCORRÊNCIA DE /e/ EM VOCÁBULOS COM VOGAL PRETÔNICA NA SEQUÊNCIA DES-

DE(S)- (PREFIXO OU NÃO)						
Vocábulo	[ɛ]/oc.	[e]/oc.	[i]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	8	31			
DESMAIO			100%	.77	0.000	0.538
DESOVAR		47.1%	52.9%			

Os dados apresentados convergem para os dados do ALAM, pois constata-se a ocorrência majoritária do alteamento/alçamento nesse contexto, em seguida, a realização da variante fechada [e]. Para o vocábulo *desmaio* houve 100% para [i], contudo, para *desovar* observou-se realizações da variante fechada [e] e a variante alta [i], com 47,1% e 52,9%, respectivamente. Vale ressaltar, que somente 17 dos 24 informantes souberam responder à pergunta, os que não souberam eram pertencentes a 1ª faixa etária. Isso demonstra que esse vocábulo está entrando em desuso na capital, pois, a hipótese talvez seja, de que essa palavra faça parte de um vocabulário ribeirinho, de pescador, âmbito o qual os mais jovens não estão familiarizados, uma vez que a capital não possui mais a economia baseada na pesca, como antigamente.

5.2.7 Vogal pretônica inicia sílaba travada por /S/

Em vocábulos que possuem sílaba travada por /S/ em posição de coda silábica, há uma grande tendência ao emprego da variante alta, seja o /S/ se realizando como alveolar [s z] ou palatal [ʃ ʒ] nos seguintes vocábulos, de acordo com os últimos relatos dos estudos na região:

TABELA 14-OCORRÊNCIA DE /E/ EM VOCÁBULOS COM VOGAL PRETÔNICA EM INÍCIO DE SÍLABA TRAVADA POR /S/

VOGAL INICIA SÍLABA TRAVADA POR -S						
Vocábulo	[ɛ]/oc.	[e]/oc.	[i]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	15	100			
ESCOLA		12,5%	87,5%	.85	0.000	0.538
ESCOVA		4,2%	95,8%			
ESTRAGADA		12,5%	87,5%			
ESQUECER		14%	86%			
ESPINHA		20,8%	79,2%			

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

Os vocábulos *estragada* (97%), *esgoto* (87%) e *espinha* (74%) no ALAM (CRUZ, 2004) e *estrada* (89,5%), *escola* (83%) e *esquerdo* (92%) no ALiSPA (BRANDÃO; CRUZ, 2005), realizaram-se todos com predominância na realização do alteamento, conforme, os dados na Tabela 14 acima, que indicaram também a realização das variantes altas com maior incidência, e a variante fechada com pouca significância, não somente, como a inexistência da ocorrência da vogal aberta.

Aqui se finaliza a análise contextual do comportamento da vogal média pretônica /e/ com o intuito de proporcionar uma visualização e compreender melhor as realizações por cada variante em estudo. Com o objetivo de identificar a predominância do falar dos informantes manauaras entrevistados, por meio dos resultados da variante fechada, aberta e alta, além disso, saber quais determinados contextos intralinguísticos favorecem a predominância destas variantes. Portanto, analisando as tabelas apresentadas, verifica-se que, dos 07 contextos analisados, a maioria apresenta a variante alta [i], e forte ocorrência, de modo significativo, da variante fechada [e] e com pouca incidência do fenômeno do abaixamento [ɛ].

Em alguns falares é condicionador o emprego da vogal, por atuação do processo de harmonia vocálica, assim, apresenta ocorrência significativa da variante aberta (41,7%), indicando uma concorrência entre abertas e fechadas, além de baixa ocorrência de alçamento.

Por essa perspectiva, pode-se afirmar uma contrariedade à hipótese de Nascentes (1953), apesar de, os dados demonstrarem ocorrência da variante aberta, nos contextos intralinguísticos abordados acima, há a predominância da variante alta, assim como também se verifica emprego expressivo da manutenção, em contextos específicos.

5.3 Vogal média pretônica /o/ de acordo com contextos extralinguísticos

Os vocábulos usados no questionário fonético-fonológico (QFF) para investigação do comportamento da vogal média pretônica /o/ foram:

- ABOTOA
- SOVACO
- TOALHA
- BOTÃO
- MORCEGO
- LOMBRIGA
- C0ADOR
- COROA
- COTOCO
- ASSOPIO
- TOMATE
- COLHEITA*

- NOTÍCIA*
- OBRIGADO*
- CONHEÇO*
- COMER*
- MOSQUITO*
- DESOVAR*
- TROVÃO*
- PROFESSORA*
- INOCENTE*
- TEMPORAL*
- SOALHO*
- GOIABA*
- PROIBIDO*
- JOELHO*
- COMADRE*
- DORMIR*
- BONITO*
- ADVOGADO*

5.3.1 Variação no eixo diagenérico

O programa GoldVarbX contabilizou as realizações de [ɔ], [o] e [u] no total de 658 ocorrências. Dessas, são 332 referentes ao gênero feminino e 326 relativas ao gênero masculino, todas dispostas na tabela abaixo, acerca do comportamento da vogal média /o/ em contexto pretônico, com o devido quantitativo do uso de cada vocábulo e o Peso Relativo para cada variante extralinguística.

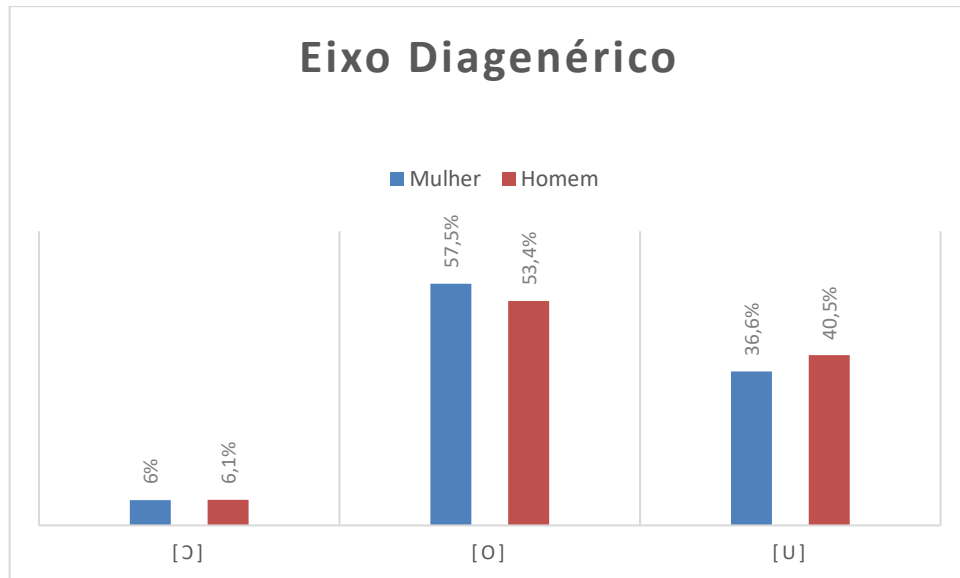
TABELA 15-OCORRÊNCIAS DE /o/ POR GÊNERO

Gênero	[ɔ]	[o]	[u]	Total	PR	Signif.	Input
Mulher	20/658	191/658	121/658	332	.47	0.018	0.414
Homem	20/658	174/658	132/658	326	.53		

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

O resultado dos dados de [ɛ], [o] e [u] gerados por meio do programa computacional GoldVarb X demonstram que, tanto os homens quanto as mulheres entrevistadas empregam predominantemente o uso da variante fechada seguido do alteamento, em melhor exposição a seguir.

GRÁFICO 4-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DE /o/ POR GÊNERO



FORNTE: ELABORADO PELA PESQUISADORA

Por meio do Gráfico 4 acima, é possível perceber que os percentuais para o sexo feminino e masculino se encontram equilibrados aos entrevistados na região. Representados em 57,5% e 53,4% para [o], respectivamente, seguida pela variante alta (36,6% e 40,5%) e pela variante aberta (6% e 6,1%), conforme o gráfico.

5.3.2 Variação no eixo diageracional

O programa GoldvarbX gerou os seguintes resultados, das 658 ocorrências de [ɔ], [o] e [u], o total de 217 são de informantes da 1ª faixa etária (18 a 35 anos), 223 são da 2ª faixa (36 a 55 anos) e 218 são da 3ª faixa (acima de 55 anos), dispostos conforme a Tabela 16, que recapitula as ocorrências de modo a apresentar a variação diageracional acerca do comportamento da vogal média /o/ em contexto pretônico dos vocábulos investigados.

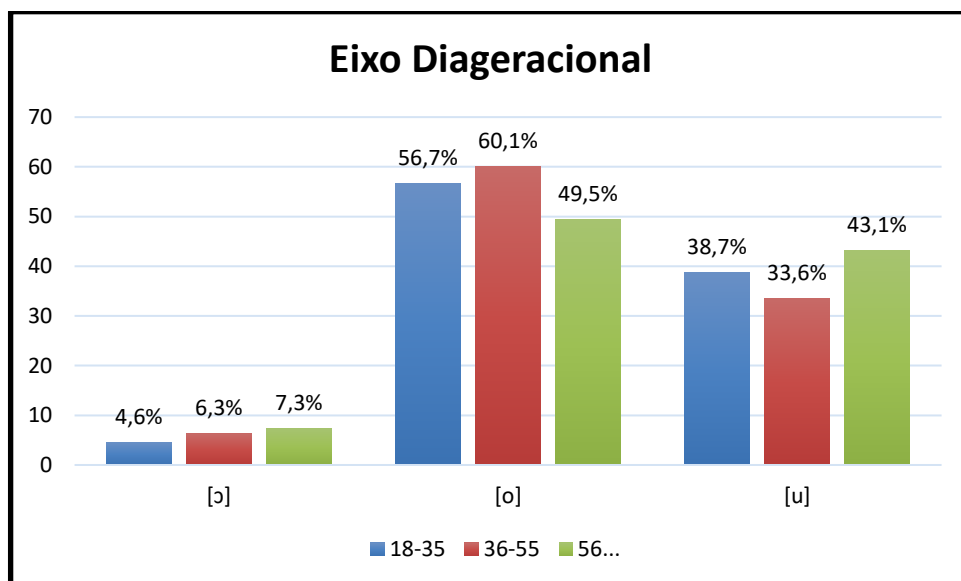
TABELA 16-OCORRÊNCIAS DE /O/ POR FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	[ɔ]	[o]	[u]	Total	PR	Signif.	Input
1ª (18-35)	10/658	123/658	84/658	217	.50	0.011	0.414
2ª (36-55)	14/658	134/658	75/658	223	.44		
3ª (56...)	16/658	108/658	94/658	218	.56		

FONTE: ELABORADO PELA PESQUISADORA.

A partir do resultado gerado, dos dados controlados nesta pesquisa, após aplicação da regra, concluiu-se que houve maior incidência da variante fechada, ocorrendo nas três faixas de idade, ao passo que se encontra o alteamento e o abaixamento de modo equilibrados entre si.

GRÁFICO 5-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DE /O/ PRETÔNICO POR FAIXA ETÁRIA



FONTE: ELABORADO PELA PESQUISADORA.

Por meio do gráfico exposto, a predominância é do uso da variante fechada, realizado na 3ª faixa etária (60,1%), seguida pela 1ª e 2ª faixas (56,7% e 49,5%, respectivamente) são as que mais possuem realizações do fenômeno da manutenção [e]. A 3ª faixa etária é a que mais emprega o alteamento, apresentando índice expressivo da variante alta (43,1%), enquanto o uso da variante aberta se manifesta com pouca incidência nas três faixas.

5.3.3 Variação no eixo diatópico

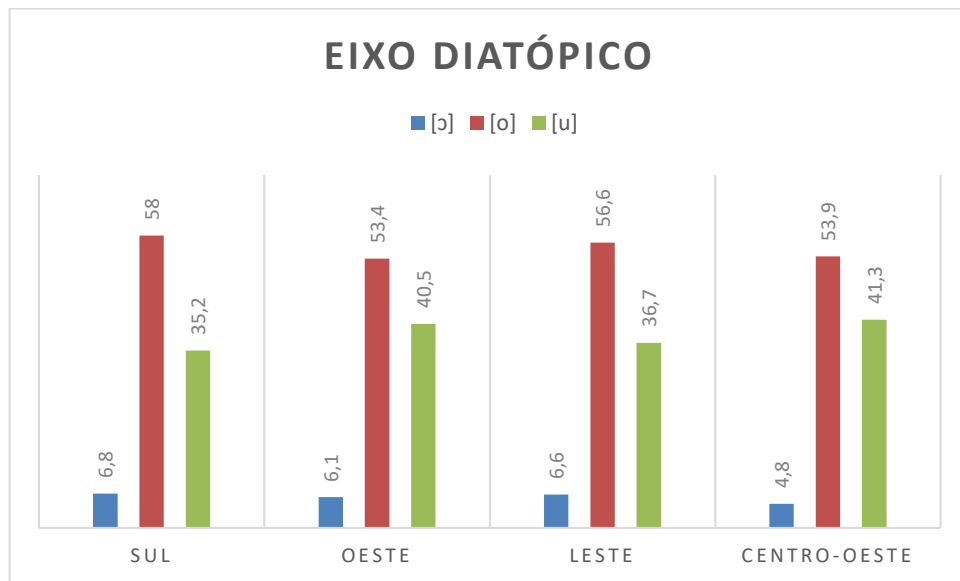
O programa gerou os seguintes resultados: das 658 ocorrências de [ɔ], [o] e [u], 162 são de informantes da zona Sul, 163 são da zona Oeste, 166 são da zona Leste e 167 são da zona Centro-Sul, este quantitativo disposto está conforme a Tabela 17, que recapitula as ocorrências de modo a apresentar a variação diatópica acerca do comportamento da vogal média /o/ em contexto pretônico dos vocábulos investigados. Verifica-se, por meio da Tabela 17, também, os números referentes ao PR gerado pelo programa.

TABELA 17-Nº DE OCORRÊNCIAS DE /O/ POR PONTO DE INQUÉRITO

Zonas	[ɔ]	[o]	[u]	Total	PR	Signif.	Input
Sul	11/658	94/658	57/658	162	.47	0.000	0.408
Oeste	10/658	87/658	66/658	163	.52		
Leste	11/658	94/658	61/658	166	.48		
Centro-Sul	8/658	90/658	69/658	167	.53		

O quantitativo das ocorrências demonstra a predominância de [o] nas zonas Sul e Leste, seguido de Centro-Sul e zona Oeste, respectivamente. o percentual de ocorrências de /o/ por ponto de inquérito, indicando que em todas as zonas investigadas ocorre a predominância do uso da variante fechada, conforme o gráfico abaixo:

GRÁFICO 6-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES /o/ PRETÔNICO POR PONTO DE INQUÉRITO



FONTE: ELABORADO PELA PESQUISADORA.

Todas as zonas equilibram entre si o uso da variante fechada. A zona Sul é, conforme apresentado no gráfico com o percentual das ocorrências, a que mais emprega o uso da realização em [e] com (58%), e o que menos emprega é a zona Oeste com (53,4%), não apresentando discrepância incomum nos números. Assim, como, a variante aberta que ocorreu com pouca significância em todas zonas e outros contextos.

O resultado dos dados gerais para vogal média pretônica /e/, mais uma vez, diverge a hipótese traçada por Nascentes (1953), apresentando a realização da variante fechada como o uso mais expressivo pelo falante manauara, e não como foi apontada ao caracterizar o subfalar amazônico, ou nortista, em vogais abertas. Contudo, esses dados convergem para os dados do *ALAM*, de acordo com os estudos de Brandão e Cruz (2005), ao apontarem 45,65% de ocorrência da variante fechada, ou seja, o uso predominante no estado do Amazonas, seguida pela variante alta (35,2%) e pela aberta (18,35%), ratificados com a análise contextual acima.

5.4 Comportamento de /o/ por contexto fonético fonológico

Para análise dos dados foi rodado por meio da regra de aplicação, necessária para o programa GoldVarb X, incluindo todas as variáveis dependente e independente, com intuito de identificar as realizações da vogal média pretônica /o/ na região. Constatou-se a predominância

do uso da variante fechada [o] quanto ao comportamento da variável dependente /o/, em relação às variáveis independentes, gênero, faixa etária e zona, controladas nesta pesquisa. Para tanto, em contextos linguísticos as ocorrências da variante aberta [ɔ] e do alteamento [u] foram verificadas também, para explanação do uso dessas variantes em contextos específicos. Em seguida, para melhor análise contextual, cada vocábulo foi rodado na regra de aplicação, pelo programa GoldVarbX. Logo, segue apresentação do comportamento da vogal média posterior referente a 06 contextos fonéticos- fonológicos: **vogal tônica fechada, vogal tônica alta, vogal tônica aberta, vogal tônica de nasalidade fonológica, vogal pretônica de nasalidade fonológica e vogal pretônica em contexto de hiato.**

5.4.1 Vogal tônica fechada

Os vocábulos que possuem a vogal tônica fechada parecem condicionar a ocorrência do fenômeno da manutenção, algumas vezes de modo categórico, conforme apresentado na Tabela 18 abaixo.

TABELA 18-OCORRÊNCIA DE /O/ EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA FECHADA

CONTEXTO VOGAL TÔNICA FECHADA						
Vocábulos	[ɔ]/oc.	[o]/oc.	[u]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	112	32			
MORCEGO		36,4%	63,6%	.28	0.011	0.414
COMER		66,7%	33,3%			
CONHEÇO/SIM/NÃO		100%				
COLHEITA		100%				
COROA		100%				
PROFESSORA		100%				
ABOTOA		93,1%	8,7%			
COTOCO		81,8%	18,2%			

FONTE: ELABORADO PELA PESQUISADORA.

Foram 08 vocábulos analisados, 07 apresentaram predominância da variante fechada, sendo 04 100%, *c[o]nheço*, *c[o]lheita*, *c[o]roa* e *pr[o]fessora*, vale ressaltar, que o vocábulo *conheço* apesar da categorização presente, foi baixíssima produção pelos informantes, a maioria respondia “sim” ou “não” quando perguntado “você conhece seu vizinho?”.

A variante alta apresentou predominância no vocábulo *morcego* em 63,6% das ocorrências, essa variante se fez presente também nos vocábulos *comer* (33,3%), *abotoa* (8,7%) e *cotoco* (18,2%). O fenômeno abaixamento não foi encontrado nesse contexto.

Ocorrências das variantes fechadas e altas desse contexto concordam com os *ALAM* (CRUZ, 2004) quando contabilizou 84,8% para variante fechada e (14%) para variante alta. Nesse contexto, o fenômeno da manutenção condicionou-se devido a outro fenômeno, o da harmonização vocálica no falar manauara investigado.

5.4.2 Vogal tônica alta

Os vocábulos com vogal tônica alta condicionam, devido ao fenômeno da harmonia vocálica, o uso da variante [u], ocorrendo o fenômeno do alteamento. Dessa forma, foram encontrados resultados que corroboram para esse fenômeno, a predominância do uso da variante alta nesse contexto, juntamente com ocorrências da manutenção em certos vocábulos no falar manauara controlados nesta pesquisa.

TABELA 19-OCORRÊNCIA DAS VARIANTES DE /o/ PRETÔNICO EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA ALTA

CONTEXTO VOGAL TÔNICA ALTA						
Vocábulos	[ɔ]/oc.	[o]/oc.	[u]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	73	74			
NOTÍCIA		100%		0.582	0.011	0.414
ASSOBIO/ASSOVIO		4,2%	95,8%			
BONITO		8,3%	91,7%			
MOSQUITO		17,4%	82,6%			
DORMIR		62,5%	37,5%			
PROIBIDO		100%				

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA.

De modo geral, nesse contexto, foi significativo o percentual geral do uso da variante fechada nos vocábulos *notícia* e *proibido* com emprego categórico de [o] e *dormir* (62,5%). Contudo, o fenômeno do alteamento foi predominante nos demais vocábulos neste contexto, ratificando a tendência proposta nos estudos fonéticos-fonológicos da língua portuguesa no país. Os vocábulos: *assobio/assovio* (95,8%), *bonito* (91,7%) e *mosquito* (82,6%), ambos com presença expressiva do fenômeno do alteamento.

Conforme visto na Tabela 19, os dados não apresentaram ocorrência para variante aberta.

5.4.3 Vogal tônica aberta

Os vocábulos que possuem vogal tônica aberta apresentam o emprego da variante aberta, quando estão condicionados à harmonização vocálica, ao mesmo tempo que há ocorrências de outras variantes em determinadas palavras, conforme contabilizado na Tabela 20 abaixo.

TABELA 20-OCORRÊNCIA DAS VARIANTES DE /o/ PRETÔNICO EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA ABERTA

CONTEXTO VOGAL TÔNICA ABERTA						
Vocábulos	[ɔ]/oc.	[o]/oc.	[u]/oc.	PR	Signif.	Input
	23	74	48			
TOMATE		58,3%	41,7%	0.473	0.011	0.414
COMADRE		22,2%	77,8%			
ADVOGADO	52,2%	47,8%				
OBRIGADO/BRIGADO		100%				
SOVACO			100%			
TEMPORAL	80%	20%				
DESOVAR	52,9%	47,1%				
GOIABA	13%	87%				

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA.

Os vocábulos que mais apresentaram o fenômeno do abaixamento, ou seja, o uso da variante aberta, foram: *advogado* (52,2%), *temporal* (80%) e *desovar* (52,9%). Em destaque o vocábulo *temporal*, pois contabilizou o maior número de incidências. Os vocábulos *advogado* e *desovar* ficaram bem equilibrados em relação a outra variante em concorrência, a vogal média [o], 47,8% e 47,1%, respectivamente.

O emprego da variante aberta não ocorreu nos vocábulos *tomate*, *comadre* e *sovaco*, contudo, a variante alta foi de modo categórico em *s[u]vaco* (100%) e com grande significância para *c[u]madre* (77,8%). Vale ressaltar, que na realização do vocábulo *comadre*, apenas 18 dos 24 informantes souberam responder à pergunta. Os que não souberam responder eram pertencentes a 1ª faixa etária (18-35), a hipótese talvez seja, porque este vocábulo não faça mais parte, com tanta frequência, do vocabulário da geração desta faixa etária, entrando em desuso pelos falantes manauaras.

Nas palavras *obrigado*, com algumas realizações como *brigado*, foi categórico quanto ao uso da variante fechada, em 100%, já *goiaba*, apesar da predominância no uso da vogal fechada, efetivou-se em 87%, seguido de 13% para variante aberta.

Nesse contexto, as variantes ocorreram de forma parecida com os dados do *ALAM*, mesmo que estejam de forma equilibrada entre si nesta pesquisa, no *ALAM* contabilizou-se em 61,7% para a variante aberta, 26,6% para a variante fechada e 11,7% de alçamento. Contudo, em alguns dados divergem do *ALiSPA* quando aponta os dados para predominância da variante fechada (62%).

A presença da harmonia vocálica em alguns casos, como em *adv[ɔ]gado*, mostra-se frequente neste estudo, não de forma categórica ou via de regra, como em outros estudos e em outras regiões, contudo, há uma tendência, conforme dito anteriormente, pelo condicionamento de alguns contextos cuja vogal tônica indique influência. Apesar, de alguns casos, como os vocábulos *comadre* e *tomate*, que não se condicionam ao padrão da formação da harmonia vocálica, ao realizarem assimilação da nasalidade da consoante nasal [m], gerando o comportamento das vogais distintivamente, tornando-se equivalente ao contexto em que as vogais médias apresentam nasalidade de natureza fonológica.

5.4.4 Vogal tônica de nasalidade fonológica

Os vocábulos cuja vogal tônica apresenta nasalidade de natureza fonológica, observou-se a mudança de tendência, a pretônica média posterior ser realizada com fechada, com incidências significativas do uso da variante alta, sem realização da variante aberta.

TABELA 21-OCORRÊNCIA DAS VARIANTES DE /o/ PRETÔNICO EM VOCÁBULOS COM VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA

CONTEXTO VOGAL TÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA						
Vocábulos	[ɔ]/oc.	[o]/oc.	[u]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	42	23			
TROVÃO		87,5%	12,5%	.43	0.011	0.414
BOTÃO		31.8%	68.2%			
INOCENTE		81,8%	18,2%			

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

A variante fechada mostra-se bastante significativa nos vocábulos *tr[o]vão* (87,5%) e *in[o]cente* (81,8%), já o vocábulo *botão* com 68,2% em variante alta, todos sem ocorrência da

variante aberta, o que não corrobora os dados do ALAM, quando aponta o percentual de 43,5% para a variante aberta e 35,7% para a fechada, para outros vocábulos.

5.4.5 Vogal pretônica de nasalidade fonológica

Em vocábulos cuja vogal média pretônica apresenta nasalidade de natureza fonológica há predominância da vogal fechada, não obstante, com grande significância da variante alta também.

TABELA 22-OCORRÊNCIA DAS VARIANTES DE /O/ PRETÔNICO EM VOCÁBULOS COM VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA

VOGAL PRETÔNICA DE NASALIDADE FONOLÓGICA						
Vocábulos	[ɔ]/oc.	[o]/oc.	[u]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	19	3			
LOMBRIGA		86.4%	13.6%	.18	0.011	0.414

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

O único vocábulo pertencente ao questionário que possui esse contexto, é *lombriga*, o qual resulta na predominância da variante fechada [o] (86,4%), seguido pela variante alta [u] (13,6%). Esse resultado converge para os dados do ALAM, que contabiliza uma ocorrência categórica para variante fechada do vocábulo *conversando* (100%).

5.4.6 Vogal pretônica em contexto de hiato

Para vocábulos cuja vogal média posterior se apresenta em contexto de hiato, há a ocorrência mais frequente das variantes [u] e [o].

TABELA 23-OCORRÊNCIA DAS VARIANTES DE /o/ PRETÔNICO EM CONTEXTO DE HIATO

VOGAL PRETÔNICA EM CONTEXTO DE HIATO						
Vocábulos	[ɔ]/oc.	[o]/oc.	[u]/oc.	PR	Signif.	Input
	0	19	73			
JOELHO		16,7%	83,3%	.84	0.011	0.414
TOALHA		29.2%	70.8%			
COADOR			100%			
ASSOALHO/SOALHO		39,1%	60,9%			

FONTE: ELABORADA PELA PESQUISADORA

Todos os 04 vocábulos apresentaram maior predominância da variante alta [u], seguidos da variante fechada [o], *j[u]elho* (83,3%) e *j[o]elho* (16%), *t[u]alha* (70,8%) e *t[o]alha* (29,2%), *c[u]ador* (100%) e *(as)s[u]alho* (60,9% e *(as)s[o]alho* (39,1%).

Tais resultados convergem aos dados investigados pelo *ALAM*, que aponta percentual de 61% para o alçamento e 32% para variante fechada, apresentando ainda o percentual de 5,5% para a variante aberta, contudo, este estudo não apresentou realizações da variante aberta nos dados para o contexto em evidência.

5.5 Análise contextual geral das ocorrências de /o/ e /e/ pretônico

Para análise das variantes oriundas dos vocábulos utilizados nesta pesquisa, foi usado o programa GoldVarb X para contabilizar o percentual de cada ocorrência por vocábulo. Desta forma, foi possível discutir as ocorrências de cada dado, todos pertinentes às vogais pretônicas /e/ e /o/.

O resultado referente à análise da vogal pretônica /e/ mostrou, neste estudo que no falar dos informantes manauaras entrevistados predomina o uso da variante alta [i], contudo, constatou-se que certos contextos linguísticos favorecem a ocorrência de outras variantes.

Por outro lado, diferentemente do comportamento da vogal /e/ pretônica, para vogal pretônica /o/, este estudo constatou que no falar dos informantes manauaras entrevistados há o domínio do uso da variante fechada [o]. Vale ressaltar que em alguns contextos se verifica linguísticos há ocorrências de outras variantes. Traçar em tabelas os dados com seus respectivos números percentuais, foi uma maneira de propiciar um melhor entendimento acerca do comportamento da vogal média pretônica /e/ conforme análise contextual.

5.6 Vogal tônica posterior média fechada /o/ em posição tônica de acordo com contextos extralinguísticos

Os vocábulos investigados nesta pesquisa em relação à vogal /o/ em posição tônica foram extraídos¹⁷ e adaptados do questionário fonético-fonológico de Silva (2009), como justificado na metodologia deste estudo. Os vocábulos foram:

- CURIOSA
- ABÓBORA
- ABORTO
- ABOTOA
- COLHE
- ADOÇA
- CAROÇO
- CORPO
- C0ADOR
- CORES
- COPO
- CORDA
- COROA
- POÇA*
- LOBO
- LOMBO
- ÓCULOS
- OLHO*
- PESCOÇO
- TESOURA*
- DORME
- AFOGA
- ALMOÇO
- PODRE
- PROA*
- POPA*
- COTOÇO
- GAIOLA
- GORDA
- ESCOLA
- ESCOVA
- FOTO
- FOGO
- VOA
- AVÔ*
- BOCA
- BOLSA
- BOTA
- CABOCLO*
- FORNO
- OSSO
- OURO
- PATROA
- PIOLHO
- POÇO
- SOCO
- SOPA
- ASSOA
- CALOMBO
- CANHOTO
- CANOA
- CANTOR
- SOGRO
- TROUXA
- BOTO*
- PAMONHA
- FLOR*
- SOU*

¹⁷ Os vocábulos que aparecem sinalizados com o símbolo (*) foram retirados do ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAZONAS- ALAM.

A aplicação da regra variável para /o/ tônico não se demonstrou satisfatória, acredita-se que pelo quantitativo de variáveis externas não ser o suficiente para gerar interação entre as variáveis dependentes e independentes. Por isso, foi decidido não utilizar o resultado gerado pelo PR, uma vez que não se mostrou necessário, somente a utilização dos resultados dos dados em percentuais e quantitativo foram satisfatórios para análise e compreensão da pesquisa nos estudos do comportamento da vogal posterior /o/ em posição tônica.

5.6.1 Variação no eixo diagenérico

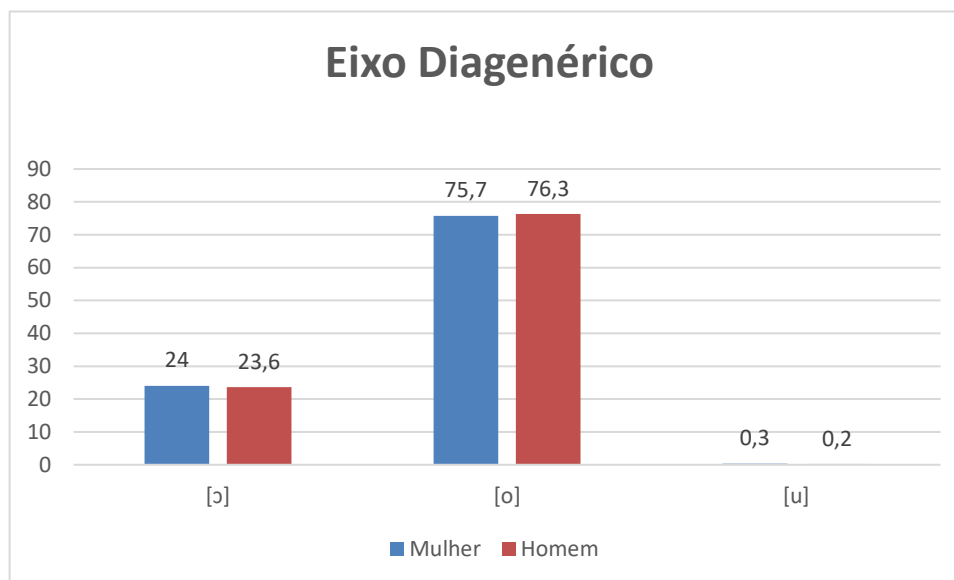
As realizações de [ɔ], [o] e [u] totalizam 1203 ocorrências, das quais 594 foram de informantes do gênero masculino e 609 foram do gênero feminino, distribuídas conforme a Tabela 24:

TABELA 24- RESULTADO QUANTITATIVO DAS OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DA VOGAL /o/ EM POSIÇÃO TÔNICA DE ACORDO COM O SEXO

Gênero	[ɔ]	[o]	[u]	Total
Mulher	146/1203	461/1203	2/1203	609
Homem	140/1203	453/1203	1/1203	594

Nos resultados gerados pelo programa GoldVarb X das ocorrências de [ɔ], [o] e [u], verifica-se que, tanto as mulheres quanto os homens entrevistados realizam predominantemente o uso da variante fechada [o], seguido do uso da variante aberta [ɔ]. Para ratificação e melhor compreensão, tem-se o gráfico abaixo.

GRÁFICO 7-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DE /o/ EM POSIÇÃO TÔNICA DE ACORDO COM SEXO



Dessa forma, representa 75,7% e 76,3% para [o] respectivamente, e 24% e 23,6% para [ɔ], respectivamente. As variantes apresentam-se de modo homogêneo em ambos os sexos, porém, a variante alta [u] com pequena significância.

5.6.2 Variação no eixo diageracional

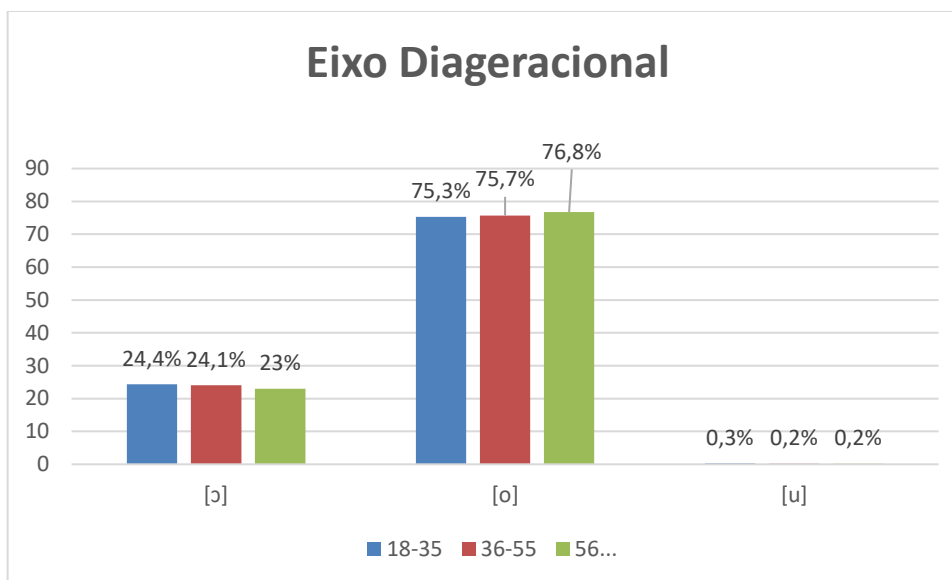
Para 1203 ocorrências de [ɔ], [o] e [u], 332 foram da 1ª faixa etária (18 a 35 anos), 440 foram da 2ª faixa (36 a 55 anos) e 431 foram da 3ª faixa (acima de 55 anos), distribuídas da seguinte maneira:

TABELA 25-RESULTADO QUANTITATIVO DAS OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DE /o/ TÔNICO DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA

Faixa Etária	[ɔ]	[o]	[u]	Total
1ª (18-35)	81/1203	250/1203	1/1203	332
2ª (36-55)	106/1203	333/1203	1/1203	440
3ª (56...)	99/1203	331/1203	1/1203	431

Em geral, o resultado gerado pelo GoldVarbX, acima apresentado, mostra que a variante fechada [o] é utilizada com mais frequência nas três faixas etárias, ao passo que, o uso das variantes aberta [ɔ] e alta [u] são menores, conforme o Gráfico 8.

GRÁFICO 8-PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DE /o/ POR FAIXA ETÁRIA



O Gráfico 8 apresenta os dados das três faixas etárias com uso claro da variante fechada [o]. A 1ª faixa (18-35) em 75,3%, a 2ª faixa (36-55) em 75,7% e a 3ª faixa (acima de 56 anos), seguidas do uso expressivo da variante aberta [ɔ], do mesmo modo, nas 1ª, 2ª e 3ª faixas, 24,4%, 24,1 e 23% respectivamente. Desta forma, conclui-se que também nesta variável a ocorrência da variante [u] é de pouca significância.

5.6.3 Variação no eixo diatópico

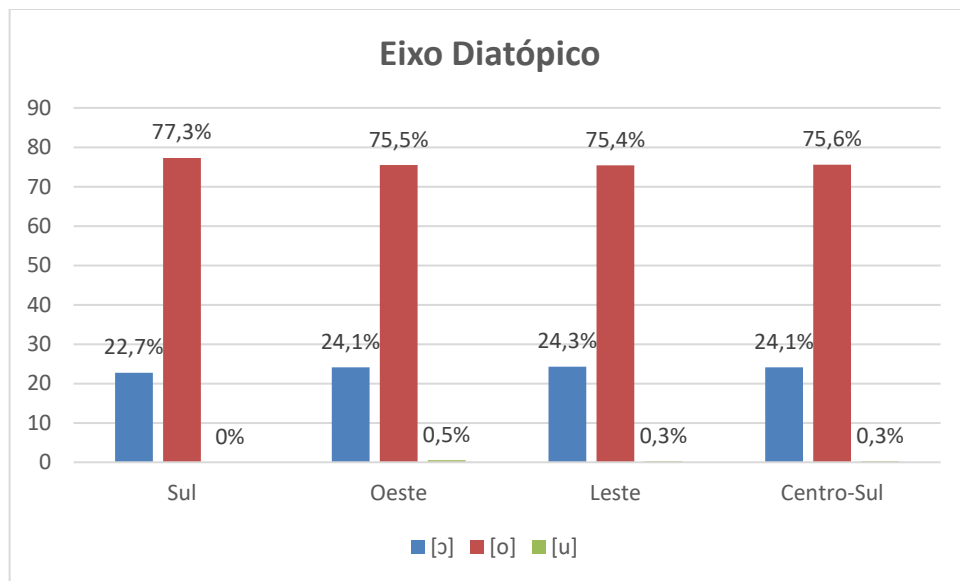
As 1203 ocorrências de [ɔ], [o] e [u], foram 322 no total da Zona Sul, 216 da Zona Oeste, 333 da Zona Leste e 332 da Zona Centro-Sul. Distribuídas da seguinte maneira:

TABELA 26-RESULTADO QUANTITATIVO DAS OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DE /o/ TÔNICO DE ACORDO COM O PONTO DE INQUÉRITO

Zonas	[ɔ]	[o]	[u]	Total
Sul	73/1203	249/1203	0/1203	322
Oeste	52/1203	163/1203	1/1203	216
Leste	81/1203	251/1203	1/1203	333
Centro-Sul	80/1203	251/1203	1/1203	332

Nessa rodada do programa, de modo geral, nota-se o uso majoritário da variante fechada [o], todos os pontos de inquérito, seguido do uso da variante aberta [ɔ]. A zona Oeste, vale destacar, teve o menor número de registro para ambas as variantes. A variante alta obteve poucas ocorrências, conforme o gráfico com percentual dos pontos de inquérito abaixo:

GRÁFICO 9-REGISTRO PERCENTUAL DAS VARIANTES DE /o/ TÔNICO DE ACORDO COM O PONTO DE INQUÉRITO



O Gráfico 9 permite visualizar com mais clareza a variante que mais se destaca e a que menos é realizada das ocorrências, no caso, a variante [o] e a variante [u], que são utilizadas de maneira homogênea em todos pontos de inquérito. A variante [o] tem predominância na zona Sul com 77,3%, a variante [ɔ] na zona Leste com 24,3% e a variante [u] na zona Oeste com 0,5%.

5.7 Comportamento de /o/ em posição tônica de acordo com contexto fonético-fonológico (linguístico)

O resultado dos dados gerados pelo programa GoldVarbX indicou de forma homogênea a predominância do uso da variante fechada [o] em diversos contextos das variáveis independentes de acordo com o comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/, controladas nesta pesquisa. Assim, são verificadas as variantes de /o/ em posição tônica em contextos linguísticos, principalmente, a variante aberta [ɔ] e o alteamento [u], devido à

predominância do uso dessas variantes em contextos específicos. Logo, segue apresentação do comportamento da vogal tônica posterior média fechada referente aos contextos **iniciais**, **mediais** e **finais** de palavras.

5.7.1 Contexto inicial

Em vocábulos cuja vogal /o/ em posição tônica esteja em posição inicial da palavra há uma tendência para realização da variante fechada [o] na fala dos informantes entrevistados. Alguns casos tiveram vocábulos com presença da variante aberta [ɔ] de modo categórico, e outros em concorrência com a variante fechada [o], conforme apresentado na tabela a seguir.

TABELA 27 -REGISTRO PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DE /o/ EM POSIÇÃO TÔNICA DE ACORDO COM CONTEXTO INICIAL

CONTEXTO INICIAL			
VOCÁBULO	[ɔ]	[o]	[u]
Abóbora	100%		
Colhe	100%		
Dorme	100%		
Podre		100%	
Proa		100%	
Popa		100%	
Boca		100%	
Bolsa		100%	
Bota	100%		
Sopa		100%	
Corpo		100%	
Cores		100%	
Copo	100%		
Corda	100%		
Gorda	4,2%	95,8%	
Foto	100%		
Fogo		100%	
Forno		100%	
Osso		100%	
Ouro		100%	
Poço		100%	
Sogro		100%	
Trouxa		100%	
Boto		100%	
Poça	56,5%	43,5%	
Lobo		100%	
Soco		100%	
Lombo		100%	
Óculos	100%		
Olho		100%	
Voa		95,8%	4,2%

Os dados apresentados em números percentuais estão divididos em três variantes, a variante aberta [ɔ], a variante fechada [o] e variantes alta [u]. Quando há ocorrência predominante cada variante é conhecida por fenômeno do abaixamento, manutenção e alteamento/alçamento. Logo, nesse contexto em posição inicial da tônica, verifica-se a predominância do fenômeno da manutenção, em vocábulos como *p[o]dre*, *pr[o]a*¹⁸, *p[o]pa*, *b[o]ca*, *b[o]lsa* e *s[o]pa*, *c[o]rpo*, *c[o]res*, *f[o]go*, *f[o]rmo*, *[o]sso*, *[o]uro*, *p[o]ço*, *s[o]gro*, *tr[o]uxa*, *b[o]to*, *l[o]bo*, *s[o]co*, *l[o]mbo*, *[o]lho*, em seguida, o fenômeno do abaixamento, com *ab[ɔ]bora*, *c[ɔ]lhe*, *d[ɔ]rme*, *b[ɔ]ta*, *c[ɔ]po*, *c[ɔ]rda*, *[ɔ]culos*, contabilizados em um total de 100% das ocorrências, exceção de *p[ɔ]ça* (56,5%) e *g[ɔ]rda* (4,2%) que variou em *p[o]ça* (43,5%) e *g[o]rda* (95,8%), concorrendo com a variante fechada.

O fenômeno do alteamento/alçamento teve um registro pequeno, em *v[u]a* (4,2%), ou seja, a vogal tônica, em posição inicial de palavras terminadas em hiato, pode se comportar como variante baixa ou alta.

5.7.2 Contexto medial

Em vocábulos cuja vogal /o/ em posição tônica esteja em posição medial na palavra há uma tendência, em certos casos, para realização da variante fechada [o], em outros casos, havendo predominância da variante aberta [ɔ], e alta [u], sendo a maioria das ocorrências da variante [o] e [ɔ] de maneira categórica, conforme apresentado na Tabela 28.

¹⁸ Somente 15 dos 24 informantes entrevistados souberam responder à pergunta para este vocábulo, talvez, devido esse vocábulo não pertencer, comumente, ao vocabulário dos informantes mais jovens (1ª e 2ª faixa etária).

TABELA 28 -REGISTRO PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DE /o/ EM POSIÇÃO TÔNICA DE ACORDO COM O CONTEXTO MEDIAL

CONTEXTO MEDIAL			
Vocábulo	[ɔ]	[o]	[u]
Curiosa	100%		
Aborto		100%	
Adoça	100%		
Afoga	100%		
Almoço	95,8%	4,2%	
Caboclo		100%	
Calombo		100%	
Canhoto	9.1%	90.9%	
Caroço		100%	
Assoa		95,8%	4,2%
Abotoa		82,4%	17,6%
Cotoco		100%	
Gaiola	100%		
Escola	100%		
Escova		100%	
Piolho		100%	
Pamonha		100%	
Pescoço		100%	
Tesoura		100%	
Canoa		100%	
Coroa		100%	
Patroa		100%	

Em geral, no resultado acima, verifica-se um percentual de ocorrências para [o] bem alto. Em alguns vocábulos, há predominância categórica da variante aberta [ɔ], contudo, a variante [o] em posição tônica predominou em contexto medial de palavra. Houve baixa incidência da variante [u].

Os vocábulos nos quais houve predomínio da variante fechada foram: *ab[o]rto*, *cab[o]clo*, *cal[o]mbo*¹⁹, *car[o]ço*, *cot[o]co*, *esc[o]va*, *pi[o]lho*, *pam[o]nha*, *pesc[o]ço*, *tes[o]jura*, *can[o]a*, *cor[o]a*, *patr[o]a*. É importante destacar que nessas palavras o uso foi

¹⁹ Somente 2 dos 24 informantes entrevistados souberam responder à pergunta para este vocábulo, isso pode significar que esse vocábulo está entrando em desuso na região.

categorico, já nas palavras que seguem outras variantes também foram encontradas: *alm[o]ço* (95,8%) com *alm[ɔ]ço* (4,2%), *canh[o]to* (90,9%) com *canh[ɔ]t[e]*²⁰(9,1%).

A variante aberta [ɔ] ocorreu categoricamente em *curi[ɔ]sa*, *ad[ɔ]ça*, *af[ɔ]ga*, *gai[ɔ]la*, *esc[ɔ]la*, dessa forma, conclui-se que a vogal tônica em posição medial da palavra terminada em vogal aberta, por condicionamento da vogal, realiza-se como abaixamento, dando ao processo de harmonia vocálica Bisol (1981).

Nos vocábulos “assoa” e “abotoa” foi encontrado o uso da variante [o] em 95,8% e 82,4%, respectivamente. Também foi encontrado o uso da variante alta [u], *ass[u]a* (4,2%) e *abot[u]a* (17,6%). Conforme observado, a realização da variante alta foi menor, com pouca significância, além disso, conclui-se, que, quando a vogal tônica está em posição medial na palavra terminada em hiato, também, pode se realizar como manutenção ou alteamento.

5.7.3 Contexto final

Em vocábulos cuja vogal /o/ em posição tônica esteja em posição final da palavra, verifica-se a tendência para realização da variante fechada [o], conforme apresentado na Tabela 29.

TABELA 29-REGISTRO PERCENTUAL DE OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DE /o/ EM POSIÇÃO TÔNICA DE ACORDO COM O CONTEXTO FINAL

CONTEXTO FINAL			
Vocábulo	[ɔ]	[o]	[u]
Cantor		100%	
Avô		100%	
Coador		100%	

Os resultados acima foram categóricos nos vocábulos em *cant[o]r* (100%), *av[o]* (100%) e *coad[o]r* (100%). Conclui-se que para vocábulos que possuem a vogal tônica em posição final da sílaba, seguidas de r ou não, são realizadas na variante fechada [o].

²⁰ Usado para se referir alguém que escreve com a mão esquerda, mesmo que não seja do sexo feminino, ou como também pode ser chamado por “esquerda”. Ex: “O fulano é esquerda/canhota.”

5.8 Análise contextual geral das ocorrências de /o/ tônico

O resultado dos dados gerados pelo programa GoldVarbX indicou de forma categórica a predominância do uso da variante fechada [o] em diversos vocábulos de acordo com o comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/, em relação às variáveis dependentes linguísticas, controladas nesta pesquisa. Para o contexto extralinguístico, tanto a variante [o] quanto as demais, [ɔ] e [u] foram de maneira homogênea em todas variáveis, sexo, faixa etária ou por ponto de inquérito.

Corrêa (1980) ao pesquisar o falar amazônico em Silves e Itacoatiara registrou a presença nestas regiões de realizações da variante alta [u], usando a nomenclatura “alçamento”. Tanto o estudo de Corrêa (1980) como este, divergem com o que Nascentes (1953) propõe para região norte, contudo, ambos convergem para Cruz (2004) ao pesquisar o falar amazônico em 9 municípios do estado do Amazonas e identificar um nível baixo das ocorrências da variante [u], igualmente ocorreu no trabalho de Silva (2009) ao visitar um dos pontos de inquérito do estudo de Corrêa (1980), afirma encontrar com baixa significância tal variante.

Apesar dos estudos atuais discordarem da hipótese gerada por Nascentes, ao caracterizar o falar nortista em vogais abertas, em análise contextual, verificou-se que mesmo com número baixíssimo, há a realização da variante aberta em diversos contextos, sejam extralinguísticos ou intralinguísticos.

Neste estudo realizado, no geral, constatou-se que a vogal tônica se comporta em determinados contextos, em predominância [o], seguida de [ɔ] e com pouca incidência de [u]. Portanto, não se designa uma uniformidade, ou mudança para vogal tônica posterior, com extinção de uma variante ou outra. Contudo, há uma tendência para diminuição da vogal tônica posterior se realizar como alta, e demonstra entrar no processo de extinção. O que poderá ser constatado ou não em um acompanhamento melhor nos estudos futuros das variedades para estabelecer uma delimitação da vogal tônica posterior média fechada.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa contou com investigações *in loco* para coleta de dados por meio das entrevistas com informantes dos bairros pertencentes as zonas propostas na metodologia. Os informantes foram das zonas Sul, Oeste, Leste e Centro-Oeste, quais obedeciam aos critérios da metodologia geolinguística.

O falar nortista possui formação essencialmente mestiça, influência indígena e nordestina. Também agregada à modernização tecnológica, vem sofrendo influência por parte das grandes mídias. Logo, na capital há uma identificação social pelo falar regional, o falar caboclo Freire (2011) e o grupo que produz a fala controlada, dispensando, características regionais. Desta forma, os entrevistados uns de modo tímido, outros mais espontâneos, apresentavam-se com estas características, peculiares da região.

Durante a pesquisa em campo foi identificada a fala conservadora em algumas informantes femininas entrevistadas com idade acima de 25 anos, apesar da pouca instrução que tinham. A fala feminina Bagno (2017), mesmo com a modernização, encontra-se característica para realizações das variantes, num falar mais conservador, pois como demonstra na literatura acerca dessa temática, o conservadorismo linguístico das mulheres faz parte das comunidades de fala ocidentais que partilham diversos aspectos da organização sociocultural Mollica (2017). As mulheres da pesquisa, na maioria, tentavam responder às perguntas com o léxico mais normativo, e quando cometiam desvios, utilizavam da hipercorreção, na tentativa de alcançar uma “resposta adequada” ou “mais certa”.

A intuição é que na realização das variantes fechadas, tanto na vogal pretônica /e/ quanto no /o/, a preocupação no controle da fala pôde ter sido o fator influenciável para ocorrência do fenômeno, contudo, é importante ressaltar, que se trata de uma observação subjetiva, necessitaria de uma investigação mais ampla para confirmar essa hipótese.

Em outra observação, alguns vocábulos foram identificados em desuso, por algumas faixas etárias, principalmente a 1ª faixa (18-35), sendo muitas vezes substituídos por um léxico semelhante, por exemplo: *calombo* por *nó*, *galo*, *caroço*, *tumor*, *mondongo*. Em outros casos, não souberam responder por não terem conhecimento do significado, como: *comadre*, *desovar* e *proa*, para esses vocábulos, a suspeita é que não façam parte do cotidiano dos informantes entrevistados, *comadre*, por exemplo, vem da tradição religiosa do catolicismo Quirino (2008), cujo costume é batizar crianças e convidar um casal de parentes ou pessoas próximas à família para serem padrinho e madrinha. Por consequência, os termos *compadre* e *comadre* são da relação dos padrinhos com os pais da criança, esse rito já não é mais tão frequente na região,

devida a introdução de diversas religiões e denominações com o passar do tempo. Cabe um estudo lexical para compreender e explicar melhor esse fenômeno.

Em síntese, os resultados em relação ao estudo das vogais médias pretônicas neste trabalho, mostrou as realizações seguintes:

Em /e/:

- A predominância do uso da variante [i], contou com 239 das 469 ocorrências da variável anterior, nos quatro pontos de inquérito investigados nas realizações como *m[ĩ, i]nino*, *t[i]atro*, *[i]scola*, *[i]scova*, *d[i]funto*, *[ĩ]chente*, *m[ĩ]tira*, *[i]stragada*, *[i]squecer*, *[i]spinha*;
- O uso da variante [e], com 213 realizações, foi predominante somente nos seguintes vocábulos: *t[e]soura*, *prof[e]ssora*, *p[e]scoço*, *t[e]mporal*. Caracterizando o fenômeno da manutenção; e
- O uso da variante [ɛ] como fenômeno do abaixamento, apresentou pouca significância, realizou-se apenas nos vocábulos: *p[ɛ]rfume*, *m[ɛ]lhor*.

Em /o/:

- A predominância foi do uso da variante [o] com 365 das 658 ocorrências da variável posterior, em vocábulos: *c[o]mer*, *c[o]nheço*, *c[o]lheita*, *c[o]roa*, *pr[o]fessora*, *ab[o]toa*, *c[o]toco*, *n[o]tícia*, *d[o]rmir*, *pr[o]ibido*, *t[o]mate*, *[o]brigado*, *g[o]iaba*, *tr[o]vão*, *in[o]cente*, *l[o]mbriga*.
- O uso da variante [u], com 253 realizações, foi predominante nos vocábulos: *m[u]rcego*, *ass[u]bio*, *b[u]nito*, *m[u]squito*, *c[u]madre*, *s[u]vaco*, *b[u]tão*, *j[u]elho*, *t[u]alha*, *c[u]ador*, *ass[u]alho*.
- Igualmente a variável /e/, o fenômeno do abaixamento [ɔ] ocorreu de forma insignificante, em poucos vocábulos, como: *adv[ɔ]gado*, *temp[ɔ]ral*, *des[ɔ]var*, *g[ɔ]iaba*.

No que diz a respeito à vogal média posterior /o/ em posição tônica os resultados deste estudo mostraram o comportamento bem característico com os estudos já realizados na região, realizando -se:

- Uso predominante do fenômeno da manutenção, com a variante [o], foram 914 ocorrências das 1.203 realizações da variável posterior em posição tônica, nos seguintes vocábulos: *p[o]dre*, *pr[o]a*, *p[o]pa*, *b[o]ca*, *b[o]lsa* e *s[o]pa*, *c[o]rpo*, *c[o]res*, *ff[o]go*, *ff[o]rno*, *[o]sso*, *[o]uro*, *p[o]ço*, *s[o]gro*, *tr[o]uxa*, *b[o]to*, *l[o]bo*, *s[o]co*, *l[o]mbo*, *[o]lho*, (em contexto inicial), *ab[o]rto*, *cab[o]clo*, *cal[o]mbo*, *car[o]ço*, *cot[o]co*,

esc[o]va, pi[o]lho, pam[o]nha, pesc[o]ço, tes[o]ura, can[o]a, cor[o]a, patr[o]a, (contexto medial) e *cant[o]r* (100%), *av[o]* (100%) e *coad[o]r* (100%), (em contexto final) categoricamente;

- A realização da variante aberta [ɔ] foi também bastante significativa, total de 286 ocorrências, conforme os seguintes vocábulos: *ab[ɔ]bora, c[ɔ]lhe, d[ɔ]rme, b[ɔ]ta, c[ɔ]po, c[ɔ]rda, [ɔ]culos, p[ɔ]ça, g[ɔ]rda* (em contexto inicial) e, *alm[ɔ]ço, canh[ɔ]t[ɐ], curi[ɔ]asa, ad[ɔ]ça, af[ɔ]ga, gai[ɔ]la, esc[ɔ]la*, (contexto medial)²¹; e
- A variante alta [u] gerou pouca incidência, com realização apenas nos vocábulos: *v[u]a* (contexto inicial) e *ass[u]a* e *abot[u]a* (contexto medial).

Portanto, esta pesquisa não possuiu o objetivo de estabelecer o comportamento das vogais médias, em posição pretônica e tônica, como se os resultados fossem uma verdade absoluta ou um estudo definitivo para o falar manauara. Pois a língua é viva, está em constante mudança, o que se apresenta aqui é apenas uma amostra desse dialeto, a partir da fala de 24 informantes da região, podendo ser ampliado, a partir de outros estudos. Desse modo, os dados expostos não podem ser considerados referentes a toda população da capital manauara, necessitaria de um estudo maior, com um número maior de informantes e aumento das dimensões sociais para um quantitativo maior de dados. Portanto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para os estudos dialetológicos e sociolinguísticos na região.

²¹ “Abóbora” e “óculos” referem-se à variável /o/ porém, após a pesquisa concluiu-se que /ɔ/ seria outro fonema, portanto outra variável para investigação. Devido ao tempo de pesquisa em nível de mestrado não foi possível abranger a investigação da variável /ɔ/.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In. BENTES e MUSSALIN (Org.). **Introdução à Linguística – domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.
- AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**. Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- BAGNO, Marco. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BISOL, Leda. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese de Doutorado.
- BRANDÃO & CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALiSPA**. IN: AGUILERA. Vanderci de Andrade, org. *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1999.
- CARDOSO, Suzana & FERREIRA, Carlota. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas-ALAM**. Tese defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA E SILVA, Rita de Cássia Botinelly. **Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas da fala de Manaus**. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FREIRE, Sérgio. **Amazonês – Expressões e termos usados no Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2018/11/30/prolongamento-da-avenida-das-torres-em-manaus-e-inaugurado.ghtml> Acesso em: 20 Jun. 2019.

GOLDVARB X. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html> Acesso em: 23 Fev. 2018.

GONÇALVES, Carlos Alexandre & BELCHOR, Ana Paula. **Fonologia histórica do Português**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

IBGE. Censo 2010: Indicadores de bairros – região norte. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 10 mai 2018.

_____. Censo 2017: Indicadores de bairros – região norte. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 20 fev 2018

ILLARI, Rodolfo & BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2012.

Jornal A crítica. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/em-cinco-decadas-de-historia-zona-franca-tem-exito-mas-precisa-superar-gargalos>. Acesso em 10 Jun.

2019.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pensylvânia Press, 1972.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MAIA, Edson Galvão. **Estudo dialectológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009. (Trabalho Monográfico)

LOUREIRO, Antônio José Souto. **Dados Históricos da Evolução e Crescimento de Manaus - 332 anos de Manaus: história e verdade**. Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas Manaus, 2001.

MANAUS. **Lei n.º 1.401, de 14 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre a criação e a divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites, e dá outras providências. 126Lex: Diário Oficial do Município, Edição 2365, Manaus, quinta-feira, 14 de janeiro de 2010, pp. 1-7.

MARTINS, Flávia Santos. **MINICURSO: Introdução ao GoldVarb X: David Sankoff, Sali A. Tagliamonte, and Eric Smith (2005)**. Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2018.

MELLO, Octaviano. **Topônimos Amazonenses: nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação**. 2ª Ed. Manaus, Imprensa Oficial, 1986.

MESQUITA, Otoni. **Manaus- história e arquitetura (1852-1910)**. Manaus: Editora Valer, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro Histórico de Manaus. Vol. 1 e 2**. Manaus: Universidade do Amazonas, 1998.

_____. **Fundação de Manaus**. 5ª Ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas- Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. *In*: MOLLICA, Suzana (org.). **1.Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MOLLICA, Maria Cecília; JUNIOR, Celso Ferrarezi. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. Editora Contexto. São Paulo, 2016.

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia: o conceito e a paisagem**. Belém, 1960.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. 2. ed. V.1. Rio de Janeiro: Machado, 1953.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contraste**. Trad. Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **Qual futuro da Bahia?**. Artigo Científico. XV Congresso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina – ALFAL. Montevideo, 2008.

_____. **Minicurso: Introdução ao GoldVarb X: uso e interpretação**. UFPB – Universidade Federal da Paraíba, 2014.

QUARA, Hariele Regina Guimarães. **As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 2012.

QUIRINO, Gisele Dias. **Compadres e Comadres: um estudo sobre o prestígio social dos parentes rituais**. Artigo científico. São Paulo, 2008.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald (orgs.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl, 1996

RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides Fernandes. (Orgs.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro**. Editora Pontes, Campinas, SP, 2017.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira da. **Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SILVA, Thais Cristófaru. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Thais Cristófaru. **Fonética e Fonologia do Português**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

TOCANTINS, Leandro. **Coleção Documentos da Amazônia**. Ed. nº122, Manaus, 2004.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thais Cristófaru Silva. 3.ed.- São Paulo: Contexto, 2011.

APÊNDICES

Ficha da localidade

FICHA DA LOCALIDADE

Nome do lugar:

Número no mapa:

Microrregião:

Coordenadas Geográficas:

Área (Km2):

Distância em relação a Manaus:

Cidades Próximas:

Vias de Comunicação:

Data de Fundação:

Nomes Anteriores:

Número de Habitantes:

Gentílico:

Padroeiro(a):

Dia do Padroeiro(a):

Atividades Econômicas:

Atividades Esportivas:

Observações:

Ficha do informante

FICHA DO INFORMANTE

Código:

Nome:

Sexo: Faixa Etária: Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Morou sempre no local? () Sim () Não Onde?

Quanto tempo?

Outros domicílios:

Profissão:

Outras Atividades:

Aparelho Fonador: () Bom () Com problemas Qual?

Características Psicológicas: () Nervoso () Tranquilo () Espontâneo

Naturalidade da Mãe:

Naturalidade do Pai:

Naturalidade do Cônjuge:

Dispensado do serviço militar? () Sim () Não Onde serviu?

Viagens: () No Amazonas () Outros estados

Quê municípios do Amazonas conhece?

Quê outros estados conhece?

Questionário fonético- fonológico

1- CURIOSA

Nome dado à pessoa intrometida, abelhuda.

2- ABÓBORA

Qual o outro nome dado a jerimum?

3- ABORTO

Quando a mãe toma remédio para tirar o filho, ela faz um...

4- ABOTOA

Quando você fecha a camisa com uma peça que entra num buraquinho chamada casa, você faz o quê? Você...

5- COLHE

Quando você tira frutas do pé, você...

Você planta, você....

6- TEATRO

Qual o nome do lugar que acontece os espetáculos e eventos na cidade?

7- ADOÇA

Quando você coloca açúcar no café, você...

8- DORME

Quando a gente está muito cansada, a gente deita e ...

9- AFOGA

Pessoa que não sabe nadar e cai na água, ela se...

10- ALMOÇO

A refeição do meio-dia.

11- SOVACO

Parte que fica embaixo do braço (mostrar).

12- PODRE

Alimento estragado que não serve para comer, ele está como?

13- PROA*

Qual o nome que se dá para a frente do barco?

14- POLPA*

E a parte de trás do barco?

15- TOALHA

Pano que serve para se enxugar depois do banho.

16- MENINO

O mesmo garoto, guri, moleque.

17- VOA

A pessoa anda, e o pássaro?

18- AVÔ*

O que o pai do seu pai é para você?

19- BOTÃO

Nome dado a peça que entra na casa para fechar a camisa (MOSTRAR)

20- BOCA

Como se chama isto? (mostrar)

21- BOLSA

Objeto de pano, couro, plástico que as mulheres usam para botar, pente, batom, carteira.

22- MORCEGO

Animal voador que sai à noite para chupar o sangue de pessoas ou animais.

23- LOMBRIGA

Verme que dá nas crianças, elas ficam barrigudas, tem que tomar remédio pra ela sair.

24- BOTA

Nome de sapato de cano longo que protege os pés e as pernas

25- CABOCLO*

Mestiço de índio com branco.

26- SOPA

Comida que tem muito caldo, com carne, verduras, às vezes é dada para pessoas que estão doentes.

27- ASSOA

Nome dado quando se limpa o nariz, fazendo sair o muco (MOSTRAR)

28- CALOMBO

Quando a pessoa bate a cabeça e incha, fica um...

29- CANHOTO

Quem come com a mão esquerda é...

30- CANOA

Embarcação feita de troncos de árvores, que serve para ir pescar.

31- CANTOR

A pessoa que gosta de cantar é um...

32- CAROÇO

O que fica dentro de abacate e serve para plantar?

33- CORPO

Cabeça, tronco e membros compõem o nosso...(mostrar)

34- C0AD0R

Pano para coar o café.

35- CORES

O arco-íris tem muitas o quê?

36- COPO (imagem)

Vasilha para tomar água, pode ser de plástico ou de vidro.

37- CORDA

Fibra que se usa para amarrar a rede.

38- COROA

Enfeite que o rei usa na cabeça.

39- COTOCO

Nome dado ao pedaço de vela, ou dobrar os dedos assim (mostrar)

40- GAIOLA

Nome da casinha onde se prende os passarinhos.

41- **GORDA** (imagem)

Nome dado à pessoa forte, roliça, barriguda e que gosta de comer muito.

42- **ESCOLA**

Lugar onde se tem aulas, onde se aprende a ler e a escrever.

43- **ESCOVA**

Objeto que se põe creme dental e serve para limpar os dentes.

44- **FOTO**

O mesmo que retrato.

45- **DEFUNTO**

O morto é um...

46- **FOGO**

Quando tem um incêndio, você joga água para apagar o ...

47- **Forno** *

Nome do tacho para torrar farinha.

48- **ASSOBIO***

Como se chama o som que faz com os lábios (mostrar)

49- **OSSO***

O que o cachorro gosta de ficar roendo?

50- **OURO***

Metal amarelo que se faz joias: anel, pulseira, aliança.

51- **PATROA**

Nome que se dá a mulher do patrão.

52- **PIOLHO***

Inseto sugador de sangue, que fica na cabeça e coça muito.

53- **POÇO**

O mesmo que cacimba ou buraco que se põe uma bomba para puxar água.

54- **SOCO**

Murro que se dá com as mãos fechadas (mostrar)

55- SOGRO

O pai de sua mulher (marido) é seu...

56- TROUXA

Fardo com roupa enrolada que as lavadeiras carregam na cabeça.

57- BOTO*

Golfinho que se transforma em homem e engravida as mulheres.

58- PAMONHA*

Bolo de milho cozido, embrulhado na palha do milho e amarrado.

59- FLOR*

A rosa é um tipo de ...

60- SOU*

Você já é maior de idade?

61- POÇA*

Água da chuva parada no buraco no meio da rua ou da estrada.

62- LOBO

Animal feroz parecido com o cão, cachorro da floresta; animal que comeu a vovozinha do Chapeuzinho Vermelho.

63- LOMBO

Parte mais carnuda do peixe, onde tem muitas espinhas pequenas.

64- ÓCULOS

Objeto com lentes para enxergar melhor (mostrar)

65- OLHO*

Como se chama isto? (mostrar)

66- TOMATE*

Fruto vermelho com muitas sementes, bom para comer na salada (mostrar)

67- BEBIDA*

Aquilo que se come é comida, o que se bebe é ..., ou a cachaça é uma...

68- **ENCHENTE***

A época das cheias, das inundações é a época da...

69- **MENTIRA***

O contrário de verdade é...; quem não diz a verdade diz o quê?

70- **ESTRAGADA***

Uma comida que não está boa, se comer faz mal, ela está...

71- **ESQUECER***

O contrário de lembrar é...

72- **ESPINHA***

Você cata o peixe para não engolir o quê?

73- **PESCOÇO**

Como se chama isto? (mostrar)

74- **DESMAIO***

Se eu passo mal e perco os sentidos, então eu...

75- **TESOURA***

Objeto para cortar unha, cabelo.

76- **MELHOR***

O contrário de pior é...

77- **PERFUME***

Líquido que se passa para ficar cheiroso, mesmo que extrato.

78- **PERDIDO***

Quando alguém entra na mata e não sabe sair, ele está...

79- **COLHEITA***

O mesmo que safra; quando você vai colher a sua plantação você vai fazer a sua...

80- NOTÍCIA*

Quando recebemos uma carta, esperamos que ela traga uma boa...

81- OBRIGADO*

Quando você recebe um presente de alguém, você diz...

82- CONHEÇO*

Você conhece o seu vizinho?

83- COMER*

Quando a gente está com fome, temos vontade de...

84- MOSQUITO*

A gente pega malária através da picada de um...

85- DESOVAR*

Quando os peixes sobem os rios para botar ovos, eles vão...

86- TROVÃO*

Barulho forte quando chove, algumas vezes acompanha relâmpago.

87- PROFESSORA*

Uma mulher que dá aulas é chamada de...

88- INOCENTE*

Quem não é culpado é ...

89- TEMPORAL*

Uma chuva muito forte é chamada de...

90- SOALHO*

O piso de madeira é chamado de...

91- GOIABA*

Fruta com pequenas sementes, dentro é vermelha ou branca, às vezes tem bicho.

92- PROIBIDO*

O que não é permitido é...

93- JOELHO*

Nome da parte do corpo que se dobra quando se vai rezar (mostrar).

94- COMADRE*

A madrinha do seu filho é sua...

95- DORMIR*

Quando anoitece você deita na cama ou na rede pra quê?

96- BONITO*

O contrário de feio.

97- ADVOGADO*

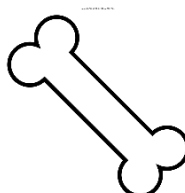
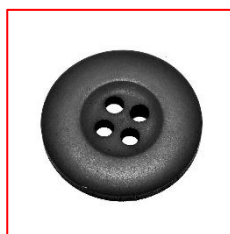
Pessoa que defende outra de um crime ou de uma acusação.

98- DEVAGAR*

Quem não anda depressa, anda como?

OBS: os conceitos que aparecem no questionário sinalizados com o símbolo (*) foram retirados do ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAZONAS- ALAM.

Figuras para auxílio do questionário (QFF)





ANEXOS

Carta de anuência



PREFEITURA DE
MANAUS

SEMED

Secretaria Municipal de
Educação

Secretaria Municipal de Educação
Subsecretaria de Gestão Educacional


CARTA DE ANUÊNCIA

Autorizo a execução da pesquisa "O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/e/o/ no falar manauara", conduzida pela mestrandia **BRUNA KELLEN ALMEIDA TAVARES**, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da **UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS** e coordenada pelo Prof. Dr. Leonardo Chrity Souza Costa. A pesquisa será realizada com alunos do 1º e 2º segmentos da EJA, na E. M. Nazira Chama Daou, E. M. Etelvina Pereira Braga, E.M. General Aristide Barreto e Ana Mota Braga, com alunos do 1º e 2º segmentos da Educação de Jovens e Adultos.

A Instituição se compromete a solicitar consentimento livre e esclarecido a todos os participantes da pesquisa, bem como obedecer à regulamentação ética de pesquisa em vigor no país.

A mestrandia deverá apresentar ao término de sua pesquisa, os seus resultados, para que seja informado à Gerência de Educação de Jovens e Adultos e posteriormente divulgado à Rede Municipal de Ensino.

Manaus, 22 de agosto de 2018.


Arlete Ferreira Mendonça

Subsecretária de Gestão Educacional/SEMED – em exercício

Av. Mário Ypiranga 2549 Parque Dez de Novembro
CEP: 69050-030 T: (92) 3632-2054 / 3632-2457

tel@semmed@semmed.manaus.am.gov.br
www.semmed.manaus.am.gov.br

SEMED

Secretaria Municipal
de Educação